Editora ABRIL
edição 2821 - ano 55 - nº 51
28 de dezembro de 2022

O BALANÇO DO ANO

Marcado por reviravoltas na política e pelo confronto entre poderes no Brasil, 2022 entra para a história como um período bem difícil, com a continuação da pandemia, embora sob controle, e a guerra entre Rússia e Ucrânia

OS EDIFÍCIOS MAIS ELEGANTES, COM PLANTAS CLÁSSICAS

VISTA DO RESERVA CIDADE JARDIM

Dentro de uma reserva verde única em um terreno de 20.000 m²
• Integrado ao complexo Cidade Jardim • Plantas especialmente planejadas,
de 455 a 1.300 m² • Paisagismo de Maria João d'Orey
• Arquitetura de Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson

• Completa estrutura de amenities com Hotel Fasano • Quadras de tênis
e de beach tennis • Quadras de squash e de basquete • Spa completo
• Academia com salas de recovery, multiúso e de pilates • Piscina com raia de
25 m e piscina fria • Espaço Kids com piscina • Simulador de golfe

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 821 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 51. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

ANDRÉ RIBEIRO/FUTURA PRESS

LADO NEGATIVO
O Brasil polarizado entre Lula e Bolsonaro e o mundo em guerra, na Ucrânia: tempos de desinformação e tolices

OLEG PEREVERZEV/NURPHOTO/GETTY IMAGES

UM ANO BEM DIFÍCIL

"FOI O MELHOR dos tempos, foi o pior dos tempos. Foi a idade da sabedoria, foi a idade da tolice. Foi a época da fé, foi a época da incredulidade. Foi a estação da luz, foi a estação das trevas. Foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero." As primeiras linhas do seminal romance *Um Conto de Duas Cidades*, de Charles Dickens (1812-1870), se-

riam uma epígrafe adequada e melancólica para o ano de 2022, em doze meses que oscilaram como um pêndulo, talvez como nunca antes na história recente da humanidade.

Começou com os bons ventos da ampla vacinação contra a Covid-19, atalho cientificamente comprovado para o fim da pandemia, que já dura mais de dois anos — e, de fato, os resultados esperados foram sobejamente alcançados, com queda do número de casos e mortes. Contudo, não é possível ainda dizer que a crise sanitária tenha sido 100% superada, com novas cepas e a retomada do uso de máscaras em muitas situações do cotidiano, no Brasil inclusive. Mas a humanidade já sabe como combater a doença (ainda que alguns desinformados insistam em renegar a imunização).

Talvez não tenha aprendido, infelizmente, a lidar com as guerras. Em fevereiro, a Rússia invadiu a Ucrânia. E o que parecia um combate de apenas alguns dias, talvez semanas, do ponto de vista do poderio bélico russo, ainda hoje se arrasta, com sangue a correr, ao bel-prazer da autocracia de Vladimir Putin. Entre o vírus e as bombas, o mundo caminhou trôpego. Por aqui, para tornar o ambiente ainda mais dramático, havia uma eleição para decidir o caminho do Brasil nos próximos quatro anos, entre Jair Bolsonaro e Lula, o presidente eleito. Foi um embate mercurial, retrato da polarização que fere o país há muitos anos — como se não pudesse haver bom senso. Apesar da vantagem apertada no segundo turno, houve um vencedor, e o resultado precisa ser respeitado por todos. É assim que funciona numa democra-

cia. Portanto, a coleção de bobagens contra as urnas eletrônicas (um dos mais eficientes sistemas criados por brasileiros), somada aos ataques indevidos contra o Supremo Tribunal Federal, deve ser repelida à exaustão.

O que precisa ser discutido, com calma, inteligência e ponderação, contudo, é o que teremos pela frente em uma nação tão desigual, com fosso abissal entre os mais ricos e os mais pobres. Cabe mergulhar com sabedoria na trilha da futura política econômica. Os primeiros passos de Lula, ao montar o ministério, são preocupantes — como se namorasse o desastre promovido no tempo de Dilma Rousseff, com um Estado inchado e gastador. A verdade é que não precisamos reinventar a roda. A solução existe e passa basicamente pela responsabilidade fiscal, um fator que desencadeia um círculo virtuoso que culmina na geração de empregos e no crescimento econômico. Mas ainda há tempo para correção em um governo que nem sequer teve início.

VEJA espera que em 2023 o Brasil e o mundo melhorem — com saúde, sem guerras, e com zelo pelas contas públicas. Seguiremos vigilantes, com jornalismo profissional e cuidadoso — criticando o que precisa ser criticado e elogiando os bons passos, como sempre fizemos, em mais de cinquenta anos de existência. Feliz Natal. ■

VOLTA ÀS AULAS
CAPRICHO
don't kill my vibe
NO BAD DAYS
CHEGOU UM DOS MOMENTOS MAIS ESPERADOS DO ANO PARA ELA!
APONTE O SEU CELULAR PARA ESTE QR CODE E CONHEÇA A COLEÇÃO DE MOCHILAS

TIME (QUASE) ESCALADO

Num ministério hegemonicamente petista, o vice-presidente eleito Geraldo Alckmin vai comandar a pasta do Desenvolvimento, Indústria e Comércio **RICARDO CHAPOLA**

SURPRESA Lula e Alckmin: o vice tem prestígio e excelente trânsito junto ao empresariado

TON MOLINA/FOTOARENA

NA CAMPANHA eleitoral, Lula se dispôs a reunir políticos e partidos dos mais variados matizes para construir uma aliança sólida o suficiente para bater Jair Bolsonaro nas urnas. Deu certo. Durante o período de transição, o discurso continuou o mesmo. A meta era montar uma equipe de modo a contemplar todos os apoiadores, repartindo os principais espaços de poder e consolidando na prática o que deveria ser um governo "além do PT". Para isso, o presidente eleito aumentou o número de ministérios para 37 e conseguiu aprovar no Congresso uma lei que facilita a indicação para cargos de direção em empresas estatais. Afinal, marcharam com ele nada menos que catorze legendas — e todas, óbvio, pleiteiam uma área de influência ou de visibilidade. Na quinta-feira 22, ainda sob muita negociação, inúmeras disputas e as intrigas de sempre, Lula anunciou mais dezesseis nomes de seu time. Para surpresa de quase ninguém, o PT se manteve absolutamente hegemônico. Houve, porém, uma novidade.

Para o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, o escolhido foi o vice-presidente Geraldo Alckmin. Desde o fim das eleições especulava-se a possibilidade de o ex-governador de São Paulo assumir um ministério — ele chegou a ser cotado para a Fazenda —, por duas razões. A primeira foi a gratidão. Vista com certa reserva por algumas facções do PT, a aliança com Alckmin foi considerada fundamental para vencer a resistência de alguns setores à candidatura de Lula e também ajudou a atrair para a chamada

frente ampla apoios antes inimagináveis. A segunda é que o vice-presidente, por tradição, sempre foi uma figura decorativa, sem relevância administrativa ou política, o que o torna muitas vezes uma fonte natural de problemas. Alckmin, como revelou o próprio Lula, não foi sua primeira opção. Antes dele, o presidente eleito convidou para o cargo Josué Gomes, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), que, alegando razões familiares, declinou. Mas o vice-presidente coordenou a equipe de transição, goza de prestígio e tem excelente trânsito junto ao empresariado, o que foi importante na campanha e será mais ainda a partir de janeiro, especialmente diante do temor do mercado de uma guinada à esquerda.

Havia a expectativa de que Lula anunciasse o nome de todos os 37 ministros antes do Natal. O saldo que ficou depois da aprovação da PEC da Transição, porém, alterou os planos. O presidente eleito conseguiu aprovar a medida com uma pequena margem de votos, boa parte deles oriunda de partidos que, em tese, estarão na oposição a partir do ano que vem. Lula pretende fazer uma última incursão para contemplar as legendas e algumas lideranças políticas ainda relutantes em apoiar o governo em troca de cargos na administração. Dos partidos que lhe declararam apoio durante a campanha, por enquanto apenas dois estão representados no primeiro escalão (PCdoB e PSB). "Estamos tentando fazer um governo que represente o máximo que a gente puder as forças políticas que participaram conosco da campanha.

Vamos contemplar as pessoas que nos ajudaram porque nós somos devedores. Não temos vergonha de política e não temos vergonha de querer ministros políticos também", disse Lula, que prometeu completar a equipe na semana que vem.

O fato é que a frente ampla prometida pelo presidente eleito ainda não se revela tão ampla assim. O PT já havia si-

ESTRELAS PETISTAS

Dos 21 ministros anunciados até quinta-feira 22, nove eram do PT, que também vai comandar as pastas mais importantes da Esplanada

FERNANDO HADDAD

No comando do Ministério da Fazenda, o ex-prefeito de São Paulo assumirá o cargo mais delicado do governo já na condição de futuro presidenciável

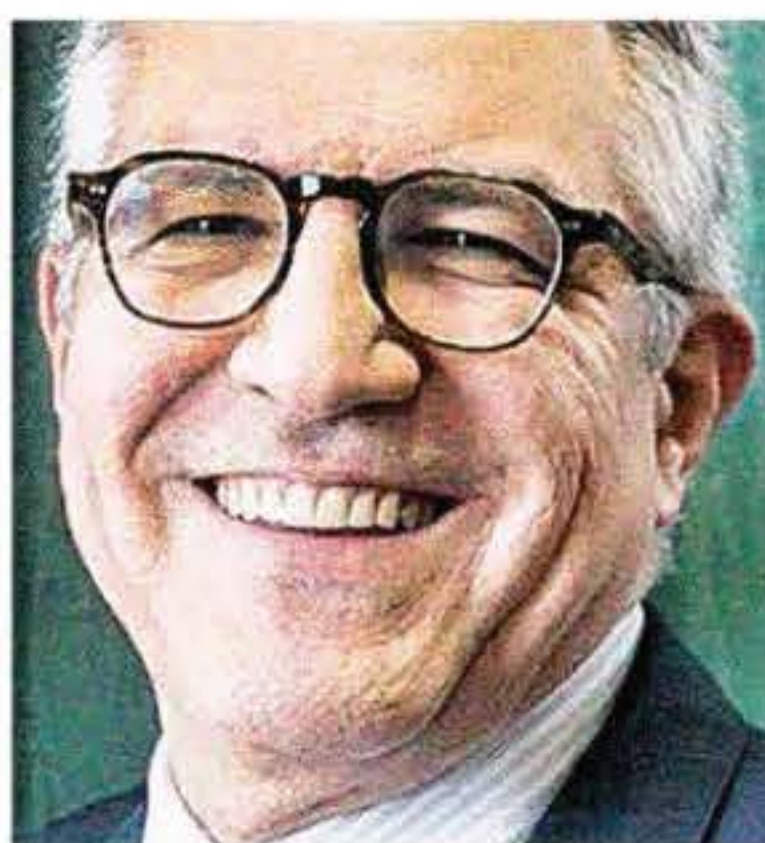
RUI COSTA

O ex-governador da Bahia foi escolhido para chefiar a Casa Civil, órgão responsável pela coordenação e acompanhamento das principais ações do governo

CAMILO SANTANA

O ex-governador do Ceará atropelou pelo menos uma dezena de postulantes ao cargo de ministro da Educação dentro do próprio partido

do contemplado com o Ministério da Fazenda, que será conduzido pelo ex-prefeito Fernando Haddad, com a Casa Civil, chefiada pelo ex-governador Rui Costa — não por acaso os cargos importantes e cobiçados da Esplanada. Ao time, juntaram-se agora outros sete militantes, todos designados para postos de destaque, caso do ex-governador Wellington Dias. Enquanto isso, nomes de peso, como a senadora Simone Tebet e a ex-ministra Marina Silva, continuam fora do primeiro escalão do governo (embora ambas ainda possam ser anunciadas nos próximos dias).

WELLINGTON DIAS
O ex-governador do Piauí é muito próximo a Lula e foi o escolhido para o Ministério do Desenvolvimento Social, que vai cuidar do Bolsa Família

ALEXANDRE PADILHA
O deputado vai assumir a comando do Ministério das Relações Institucionais, órgão responsável pela interlocução do Executivo com o Congresso

LUIZ MARINHO
Sindicalista e amigo do presidente eleito, o ex-prefeito de São Bernardo do Campo (SP) assume o Ministério do Trabalho com uma missão delicada

Tebet disputou o primeiro turno das eleições para a Presidência da República e ficou em terceiro lugar, com quase 5 milhões de votos. No segundo turno, ela se juntou à caravana de Lula. O apoio foi considerado simbolicamente importante, mas, segundo os petistas, resultou na transferência de poucos votos. Pura intriga. A senadora esperava o convite para ocupar uma pasta de destaque ligada à área social. O PT, porém, enxerga nela uma potencial adversária, interessada em usar o ministério apenas como trampolim para uma candidatura daqui a quatro anos. O caso de Marina Silva é parecido. A avaliação dos petistas é que ela só caberia em um cargo na Esplanada: o de ministra do Meio Ambiente, posto que já ocupou no primeiro governo Lula. Mais intriga. Em 2014, como se sabe, Marina Silva desafiou os petistas, disputou a Presidência da República e chegou a ameaçar o favoritismo da então candidata Dilma Rousseff. O PT, desde a largada, quer evitar esse risco. ■

FIM DO SEGREDO

O Supremo Tribunal Federal considera inconstitucional regra que impedia a transparência na destinação dos recursos do Orçamento, mas o problema ainda não acabou **LARYSSA BORGES**

COMPENSAÇÃO Congresso: parlamentares poderão enviar mais 10 bilhões de reais para redutos eleitorais

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

NOS ÚLTIMOS três anos, o Congresso esteve no epicentro de uma barulhenta polêmica. Pela lei, cabia aos deputados e senadores a definição sobre o destino de recursos da União para áreas como saúde e educação. Uma mudança nas regras aprovada em 2019 deu ao relator da Comissão de Orçamento poderes para atender demandas sem a necessidade de identificar o verdadeiro interessado. Em outras palavras, o relator podia enviar verbas públicas para uma determinada cidade, omitindo o nome do padrinho político — que podia ser ele mesmo, um prefeito ou alguém que, por razões quase sempre pouco republicanas, preferia se manter anônimo. Essa modalidade ficou conhecida como "orçamento secreto", esteve na raiz de diversas fraudes detectadas pela Polícia Federal ao longo desse tempo e, suspeita-se, foi usada como moeda de troca para aprovar projetos de interesse do governo. Na segunda-feira 19, numa votação dividida, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou o mecanismo inconstitucional. A decisão provocou o primeiro abalo nas relações entre o presidente eleito, os congressistas e os ministros da Corte.

Pelas regras até então em vigor, deputados e senadores teriam 19 bilhões de reais do Orçamento para enviar às suas bases eleitorais em 2023, sem a necessidade de seguir qualquer critério técnico ou de transparência. Com a decisão do STF, o secretismo acabou. Para o ano que vem, os parlamentares continuarão definindo o destino de parte dos recursos, só que agora mais às claras, sem a intermediação do relator. Já o abalo se deu por conta de um acordo que havia entre

NELSON JR./SCO/STF

RESTRIÇÕES Lewandowski: voto decisivo quase provoca crise entre poderes

Lula e os presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco. Na campanha eleitoral, o candidato do PT classificou o orçamento secreto como o maior "esquema de corrupção da história", prometeu acabar com o mecanismo se fosse eleito, mas depois recuou. Em troca desse recuo, os parlamentares se comprometeram a aprovar a chamada PEC da Transição, medida que permite ao futuro governo gastar o que não tem *(leia reportagem na pág. 14).* Os dois lados sairiam ganhando.

O voto decisivo contra o orçamento secreto veio do ministro Ricardo Lewandowski, indicado ao cargo por Lula. Arthur Lira, por essa razão, viu digitais do presidente eleito

no veredito do STF. O magistrado já havia confidenciado a outros ministros as restrições que tinha em relação ao orçamento secreto. Apesar disso, os parlamentares acreditavam que Lewandowski, pela proximidade com os petistas, votaria pela manutenção do mecanismo. A reação ao veredicto foi imediata. "Na Câmara externamos, reclamamos e marcamos posição, mas o Senado pode fazer o impeachment de ministros do Supremo. Está na Constituição", disse, em tom de advertência, o líder do governo na Câmara, deputado Ricardo Barros. Um novo acordo entre Lula e Lira evitou o que poderia ser a primeira crise de um governo que ainda nem começou. Dessa vez, os dois lados perderam um pouco. O futuro governo não conseguiu uma autorização mais longa para furar o teto e o Congresso abriu mão do controle absoluto sobre uma parte dos recursos do orçamento.

No dia seguinte à decisão do STF, os parlamentares embutiram na PEC da Transição as novas regras para a aplicação dos recursos antes destinados às tais emendas do relator. O arranjo procurou atender a todos — governistas, oposicionistas e futuro governo. Os 19 bilhões foram divididos entre o Executivo e o Congresso. Deputados e senadores, portanto, terão no ano que vem quase 10 bilhões de reais a mais para enviar aos seus redutos eleitorais. A outra metade ficará a critério do Executivo, podendo ser destinada — em tese — para investimentos em áreas que o futuro governo achar mais apropriadas ou convenientes. Em tese porque a indicação para a aplicação desses recursos

continuará cabendo ao relator da Comissão de Orçamento, o que abre o caminho nem sempre muito reto para "negociações políticas". O dispositivo aprovado permite, por exemplo, que um parlamentar indique a construção de um hospital em seu reduto eleitoral, sem que ele apareça como o beneficiado, já que formalmente a recomendação caberá ao relator. Como a execução dessa parte do orçamento não será obrigatória, o governo decidirá se libera ou não o dinheiro para o tal hospital. Ou seja, na prática a verba poderá ser usada para premiar um aliado, recompensar um opositor ou simplesmente comprar apoio político — o velho e conhecido toma lá dá cá. ■

ÚLTIMO A SAIR

Após seis anos de cadeia, o ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, derradeiro condenado da Lava-Jato na prisão, ganha o direito a prisão domiciliar com tornozeleira

INSTAGRAM @MARCOANTONIOCABRAL

EM FESTA Cabral abraça o filho Marco Antônio: vizinhos incomodados

QUANDO os portões do presídio de Bangu 8 se abriram, às 21h10 de segunda-feira 19, para a passagem do carro que levava o ex-governador do Rio Sérgio Cabral Filho, 59 anos, para casa, cravou-se o ponto-final na Lava-Jato, a megaoperação policial que abalou as estruturas do país e pôs na cadeia figurões da política e do meio empresarial, enrolados em uma teia de corrupção. Preso há seis anos, Cabral era o último condenado ainda atrás das grades. Como não teve seus recursos julgados, encontrava-se em situação de prisão preventiva, para a qual todos os prazos haviam se excedido. Levado o pedido de soltura ao Supremo Tribunal Federal, o voto decisivo de Gilmar Mendes o liberou para cumprir pena em prisão domiciliar, com tornozeleira eletrônica.

De Bangu ele foi conduzido para um flat de 80 metros quadrados — dez vezes mais que sua cela — entre o Arpoador e Copacabana, na Zona Sul carioca, com vista para o mar. “Ficará por um tempo lá”, diz Suzana Cabral, sua primeira ex-mulher e dona do apartamento, que está decorado para as festas — na primeira foto depois de solto, aparece em frente a uma árvore de Natal, abraçado ao filho Marco Antônio Cabral, que compartilhou o momento em rede social. Os moradores e frequentadores dos bares e lojas para surfistas e skatistas nas redondezas se mostram desconfortáveis com o novo vizinho. “Ele chegou de noite porque sabia que não seria bem recebido”, disse a VEJA o porteiro do prédio ao lado. “Ouvi de alguns clientes que, se o virem por aqui, vão jogar ovo”, relata uma funcionária do restaurante em frente. Segundo Daniel Bialski, advogado de Cabral, ele deve voltar a morar no luxuoso apartamento de 400 metros

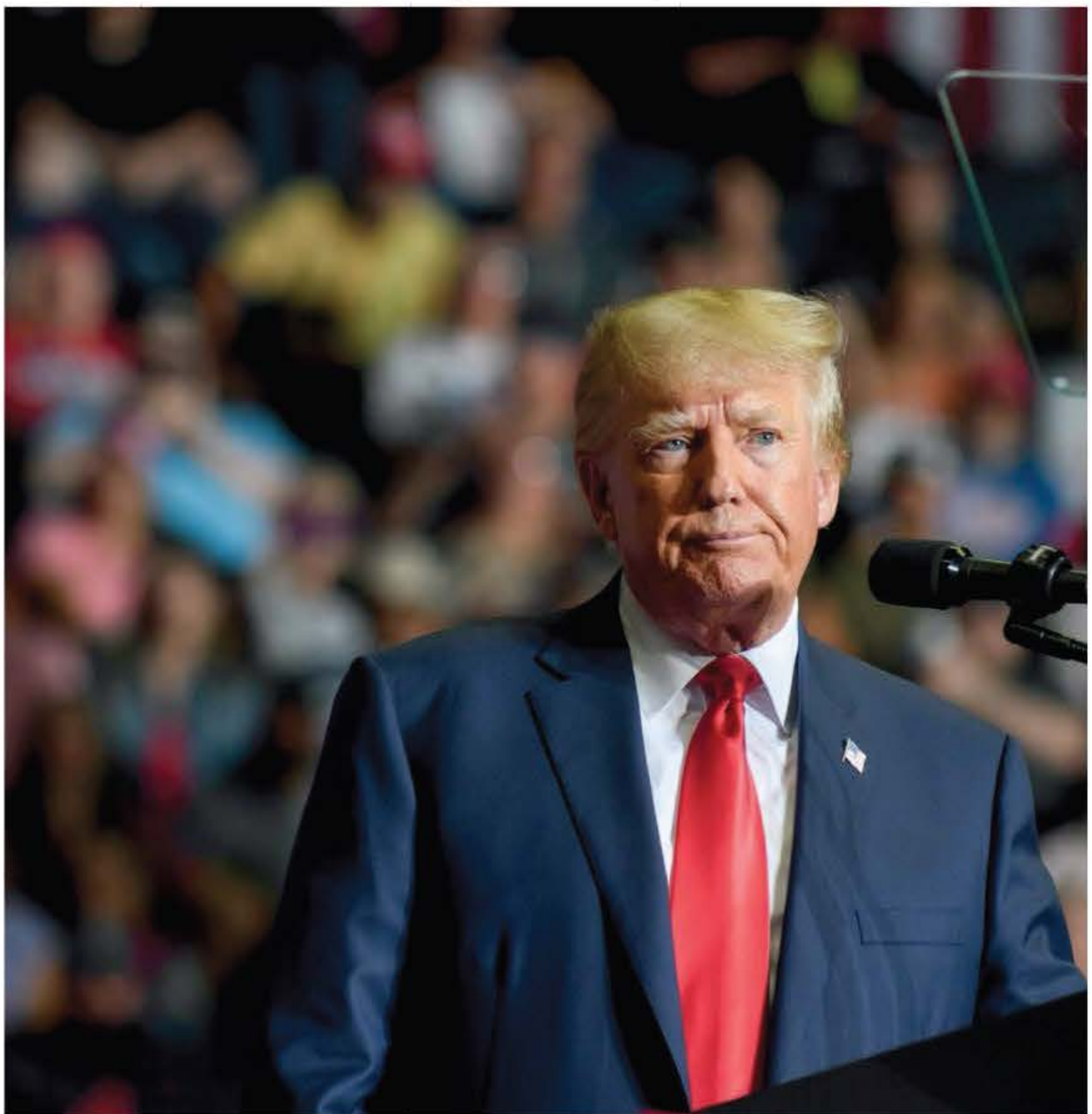
quadrados no Leblon, onde vivia antes de ser condenado, em janeiro, quando vence o contrato de aluguel do imóvel.

Cabral se tornou personagem central da operação anticorrupção, que levou para a cadeia cerca de 300 pessoas, entre elas o presidente eleito Lula — os dois, aliás, se davam muito bem. Denunciado em 35 processos e condenado em 23, acumulou pena de 425 anos de prisão. Agora em casa, terá de cumprir sete mandamentos: não sair sem autorização, usar tornozeleira em tempo integral, só receber visita de parentes até o terceiro grau, advogados e profissionais de saúde, não dar festas, não alterar o endereço sem prévia autorização, comparecer a juízo sempre que intimado e, caso enfrente nova ordem de prisão, apresentar-se por conta própria à polícia.

Impedido de contatar outros envolvidos na Lava-Jato, Cabral pode, no entanto, falar com a segunda mulher, Adriana Ancelmo, com quem tem filhos, embora estejam separados — ela passou por Bangu e pela prisão domiciliar antes de ser solta. O ex-governador está com os bens bloqueados e a defesa pretende recorrer. Ao longo dos 2 223 dias preso, seu partido, o MDB (então PMDB), que dominava o estado do Rio de Janeiro, desmoronou e perdeu relevância. O ex-governador não vê espaço para retornar à vida pública e, segundo pessoas de seu círculo próximo, cultiva o projeto de se tornar consultor de empresas e de políticos. Certo mesmo, por enquanto, é que vai passar o Natal com filhos e netos. Depois, só o tempo dirá. ■

Maiá Menezes e Duda M. de Barros

INFELIZ NATAL

Presentes que Donald Trump ganhou da Câmara: um pedido ao Departamento de Justiça para que o processe por insurreição e a abertura de suas declarações de imposto de renda

JEFF SWENSEN/GETTY IMAGES

MÁS NOTÍCIAS Trump: sequência de problemas abala seu poder no partido

QUANDO suas atividades ainda se resumiam à vida de empresário e estrela de reality show, Donald Trump escreveu no best-seller *A Arte da Negociação* que "publicidade negativa é melhor do que nenhuma publicidade". Duas décadas e uma carreira política depois, o ex-presidente dos Estados Unidos parece ter virado a exceção à tal regra, com golpe atrás de golpe minando sua pré-candidatura à Casa Branca em 2024. Só na semana antes do Natal, foram dois baques. A comissão da Câmara que investigou a invasão do Capitólio por uma turba trumpista em janeiro de 2021 encaminhou a papelada ao Departamento de Justiça, com o pedido de que ele seja processado por incitação à insurreição, obstrução dos trabalhos oficiais e conspiração para fraudar votos e prestar falso testemunho. No dia seguinte, foi a comissão de assuntos tributários da Casa que decidiu abrir ao público seis anos de declarações de imposto de renda de Trump, documentos que ele se recusava a mostrar e que os deputados só obtiveram após quatro anos de luta na Justiça.

As comissões apressaram suas conclusões porque a próxima legislatura terá maioria republicana, propensa a engavetar tudo. Cabe agora aos promotores avaliar se há indícios suficientes para abrir uma ação. Mas a atitude dos deputados, somada à penca de inquéritos em andamento envolvendo os negócios da família e ao desempenho abaixo do esperado dos candidatos de Trump na eleição de novembro, coloca o ex-presidente em posição vulnerável — não no trumpismo raiz, que não vê pecado nele, mas dentro do Partido Republicano.

Trump é o primeiro presidente a ter uma denúncia criminal encaminhada pelo Congresso, clímax de uma investigação de dezoito meses, com mais de 1 000 depoimentos, revisão de 1 milhão de documentos e um show de dez audiências televisionadas em horário nobre. A condenação prevê multas milionárias, perda de direitos políticos e até vinte anos de prisão. "A medida da comissão faz pressão sobre a Justiça, a quem forneceu um tesouro de provas contra Trump", diz Tom Ginsburg, professor de direito da Universidade de Chicago. A decisão agora está nas mãos do procurador Jack Smith, chefe das investigações sobre o ex-presidente que correm no Departamento de Justiça.

No caso das declarações de imposto de renda do ex-presidente entre 2015 e 2020, a divulgação em si deve demorar alguns dias. Já se sabe, porém, que a Receita americana não examinou declarações feitas durante seu governo, mesmo sendo obrigada por lei a fazê-lo. Relatórios preliminares mostram ainda que Trump passou a vida profissional apelando a prejuízos milionários para não pagar imposto (em 2015, relatou ganho de 30 milhões de dólares e perda de 60 milhões, reduzindo o imposto a meros 750 dólares). Uma investigação do jornal *The New York Times* já havia revelado que ele pagou zero de imposto em onze dos dezoito anos analisados. Também em dezembro, a Trump Organization foi condenada por fraude fiscal. Está difícil manter o topete empinado neste tormentoso fim de 2022. ■

Amanda Péchy

ALÍVIO PARCIAL

A aprovação da PEC para estourar o teto de gastos é uma vitória do novo governo, mas está longe de ser uma panaceia e exigirá medidas de controle fiscal já em 2023 **LUANA ZANOBIA**

RITMO ACELERADO Votação da PEC na Câmara dos Deputados: aprovação sem grandes dificuldades

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

O ARRANJO final da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Transição trouxe um alívio para o futuro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que começa no dia 1º de janeiro. Mas não consistiu em uma vitória absoluta. Em maior ou menor dose, para todos os lados envolvidos na negociação, houve motivos para comemorar, e outros nem tanto. O texto aprovado no Congresso, na quarta-feira 21, vai permitir ao governo estourar o teto de gastos em 145 bilhões de reais, de forma que possa manter o Bolsa Família com 600 reais mensais e pagar outros benefícios sociais — como um bônus de 150 reais por criança, recompor a verba do Farmácia Popular e reajustar o salário mínimo acima da inflação. Ele também autoriza outros 23 bilhões de reais em investimentos adicionais, totalizando um estouro de 168 bilhões de reais. A manutenção do valor de 600 reais era uma promessa de campanha feita por Lula e por seu rival Jair Bolsonaro, que já vinha promovendo seguidos estouros na regra, como forma de tentar a reeleição.

Em comparação à proposta original, a versão aprovada desidratou em pouco mais de 30 bilhões de reais o valor a ser despendido além do teto. O texto também prevê que, em vez dos quatro anos de estouro pretendidos pelo futuro governo, a permissão vale apenas para 2023. Ou seja, o governo precisará voltar à mesa de negociações com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para fechar o Orçamento de 2024, se quiser renovar a licença para outro rombo. Até lá, ele deve buscar a criação de um novo arcabouço fiscal

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

DESIDRATAÇÃO Lira: vigência de um ano, em vez dos quatro no projeto do PT

para substituir o teto de gastos. Ou pode cortar gastos para compensar esses recursos, por meio do fim das desonerações fiscais para diversos setores — algo em discussão — e de uma reforma administrativa — o que é considerado extremamente improvável, ainda mais em se tratando do PT. “A sinalização do governo de estar disposto a rever certos benefícios tributários vai no sentido correto, mas a urgência agora é apontar como serão cobertas essas despesas adicionais”, comenta Jeferson Bittencourt, economista da ASA Investments e ex-secretário do Tesouro Nacional.

Se Lula tem o que comemorar, o mercado financeiro também encarou com alívio a solução alcançada no Congresso. Inicialmente calculando como tolerável um estou-

ro de cerca de 100 bilhões de reais, o mundo das finanças encarou o valor 45% maior de forma até que positiva — achava-se que podia ser pior. Na terça-feira 20, após a versão final do texto ficar clara, as taxas futuras de juros de longo prazo recuaram, demonstrando uma percepção de menor risco de insolvência do país, o Ibovespa subiu 2,03% e o dólar caiu 1,76%. No dia seguinte, o Ibovespa subiu mais 0,53%.

Apesar da leve descompressão gerada nos indicadores de mercado, as perspectivas fiscais inspiram cautela. "O valor ainda é alto e a dúvida é como o governo vai fazer para fechar as contas. Há um risco real de ter novo arranjo tributário no qual podemos ter aumento da carga de impostos", diz Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating. "Mas, sem dúvidas, o estrago ficou menor do que poderia ser." O banco BTG Pactual calcula que o pacote de gastos do novo governo pode duplicar a dívida pública do país. A relação dívida bruta e PIB do país cresceria dos 74% esperados para o fim de 2022 para 90%, em 2026, e atingiria 97% em 2030. "O Congresso fez um importante contrapeso, mas não chega a gerar otimismo, porque há um custo relevante como ponto de partida e um viés desenvolvimentista do novo governo, o que sinaliza um considerável pendor para mais gastos no futuro", diz Silvio Campos Neto, economista da Tendências Consultoria. O novo governo conseguiu o que desejava antes mesmo de começar, mas há muito a ser feito ainda no primeiro ano de mandato. ■

UM ANO DE ALTOS E BAIXOS

Marcado por reviravoltas na política e na Justiça, 2022 teve seus ganhadores e perdedores, mas raríssimas conquistas definitivas

POLICARPO JUNIOR

POR CIMA Lula, Messi, Alexandre de Moraes, Zelensky, Geraldo Alckmin e Anitta

POR BAIXO Bolsonaro, Neymar, Trump, Putin, Musk, Ciro e Kanye West

BAPTISTÃO

CAPA: ILUSTRAÇÃO DE BAPTISTÃO

QUATRO ANOS ATRÁS, nessa mesma época, Jair Bolsonaro se preparava para subir a rampa do Palácio do Planalto, impulsionado por 57 milhões de votos, depois de sofrer um atentado que, por pouco, não lhe tirou a vida durante a campanha. Lula, na mesma época, estava preso numa cela da Superintendência da Polícia Federal do Paraná, condenado por corrupção e lavagem de dinheiro, começando a cumprir uma pena de doze anos em regime fechado. Agora é Lula quem se prepara para subir a rampa do Planalto, catapultado por 60 milhões de votos, enquanto Jair Bolsonaro, derrotado, iniciará uma jornada ainda incerta como o principal líder da oposição. Na segunda-feira 19, o ex-governador Sérgio Cabral, um corrupto confesso condenado a 425 anos de prisão, foi solto, enquanto o juiz que o condenou está sendo investigado. Num ano eleitoral, o mesmo Supremo Tribunal Federal que anulou a sentença de Lula e libertou Cabral teve um papel decisivo para garantir o bom funcionamento da democracia. Heróis e vilões, classificação que variou conforme o ponto de vista — e as convicções éticas — do observador, deram sobrevida à perniciosa polarização que tomou conta do país há alguns anos. Aos trancos e barrancos, 2022 ficará marcado na história como um ano de reviravoltas.

Alguns acontecimentos importantes, de tão peculiares, improváveis e absurdos, parecem ter migrado de ambientes virtuais, onde tudo é possível. Nos Estados Unidos, o ex-presidente Donald Trump anunciou que preten-

de voltar à Casa Branca — e tem chances reais de sucesso —, mesmo investigado e sob o risco de ser preso, por incentivar a vexatória invasão do Capitólio depois de ser derrotado nas eleições. A guerra contra a pandemia do coronavírus ainda nem havia terminado quando Vladimir Putin, o presidente da Rússia, iniciou outra que reverberou nas economias de todo o mundo. Era para durar apenas alguns dias e, após dez meses, ainda não há sinal de seu término. O planeta também parou para acompanhar, durante dias, o velório e a sucessão da rainha Elizabeth II, que esteve por setenta anos à frente de uma instituição que atrai uma atenção desproporcional a sua importância prática. No aspecto econômico, poderosas empresas de tecnologia — aliás, as desenvolvedoras do metaverso (criação virtual que reproduz uma realidade paralela) — mergulharam numa crise também inimaginável no universo real. Aqui e lá fora, 2022 teve sua lista de vencedores e perdedores — mas raras foram as vitórias ou derrotas definitivas. Essa gangorra vai continuar. ■

A MAIOR VITÓRIA, O MAIOR DESAFIO

Lula protagoniza um impressionante caso de ressurreição política e chega à Presidência pela terceira vez, mas terá de conciliar os interesses da frente ampla que o elegeu e governar um país dividido

JOSÉ BENEDITO DA SILVA

DE VOLTA Lula na Avenida Paulista: "Tentaram me enterrar vivo, mas eu estou aqui"

RICARDO STUCKERT

ERA PERTO DAS 22 HORAS do dia 30 de outubro quando Luiz Inácio Lula da Silva se dirigiu aos jornalistas em um hotel em São Paulo para falar como o primeiro brasileiro a obter nas urnas o terceiro mandato de presidente da República. Bastante emocionado, emitiu uma espécie de contra-atestado de óbito. "Eu me considero um cidadão que teve um processo de ressurreição na política brasileira. Tentaram me enterrar vivo e eu estou aqui para governar este país", disse — repetiria a fala logo depois na Avenida Paulista, no primeiro encontro com eleitores após a vitória. No último dia 12, em sua diplomação no Tribunal Superior Eleitoral, entre discursos em defesa da democracia, da Constituição e da pacificação do país, Lula chorou — e voltou a lembrar a via-crúcis que havia percorrido até ali. "Eu quero pedir desculpas pela emoção, porque, quem passou o que eu passei nesses últimos anos, estar aqui agora é a certeza de que Deus existe", afirmou.

Lula tem mesmo o que comemorar. Condenado à prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, no caso envolvendo um tríplex no Guarujá, no litoral de São Paulo, ele teve a sentença confirmada pela segunda instância, perdeu uma infinidade de recursos nas Cortes superiores e foi parar na cadeia em Curitiba, onde ficou 580 dias. Inelegível, tentou mesmo assim disputar a eleição de 2018, mas teve a pretensão barrada pela Justiça. Detrás das grades, assistiu à chegada da extrema direita ao poder com Jair Bolsonaro, chorou a perda de familia-

RICARDO STUCKERT

CONFIRMAÇÃO Moraes entrega diploma a Lula: choro e discursos pela democracia

res, viu a sua relevância política minguar e o número de processos judiciais crescer, reduzindo a cada dia as chances de sair da prisão e voltar ao cenário.

A reviravolta aconteceu de forma surpreendente em março de 2021, quando o ministro Edson Fachin, do STF, anulou todas as condenações contra o petista por considerar que Curitiba não era o foro adequado para tramitar o processo. Enquanto o país ainda tentava estupefato entender a decisão solitária, o pleno da Suprema Corte ratificou a decisão. Dali para a frente, Lula não só voltava ao jogo,

como começou a colocar seus inimigos contra a parede. O primeiro foi seu algoz, o ex-juiz Sergio Moro, que três meses depois foi reconhecido pelo mesmo STF como parcial na condução da ação contra Lula. Uma a uma, as acusações contra o petista foram virando pó.

O retorno de Lula ao tabuleiro político antecipou e mudou a disputa presidencial, que acabou se tornando uma das mais longas e mais polarizadas da história política brasileira. O embate inédito entre um presidente e um ex-presidente, que alinharam os seus numerosos exércitos à direita e à esquerda, tomou todos os espaços do espectro político. Numa campanha marcada pela confrontação ideológica, *fake news*, debate raso sobre os problemas do país e ataques mútuos abaixo da cintura, o petista derrotou o presidente por pouco: 50,9% a 49,1% dos votos.

O triunfo só foi possível porque Lula teve a decisão acertada de construir a frente mais ampla possível. Montou a maior coligação já feita em torno de seu nome, com dez partidos, incluindo a inédita união de todas as grandes siglas da esquerda. Acertou também na aproximação com o então tucano Geraldo Alckmin, duas vezes candidato a presidente, uma delas contra o próprio Lula, em 2006. A aliança representou um aceno significativo ao centro e a setores arredios ao petismo, como o empresariado. No segundo turno, ampliou a frente, com apoios significativos como os do ex-presidente FHC, da senadora Simone Tebet

(MDB), de parte do empresariado e de economistas importantes como Arminio Fraga.

O desafio agora é tentar espelhar na montagem do governo a ampla aliança, não só com a divisão de cargos importantes, mas principalmente conciliando diferentes visões sobre temas centrais. Ele terá pela frente uma oposição forte, possivelmente com a liderança de Bolsonaro. As dificuldades de Lula não são pequenas nesta sua volta: vai governar um país que nunca esteve tão dividido e com problemas graves e urgentes a serem enfrentados, a começar pela delicada situação da economia (nesse aspecto, ele emitiu sinais preocupantes em discursos repetidos contra questões como a das privatizações e com nomeações polêmicas, como a escolha de Aloizio Mercadante para o comando do BNDES). A maior parte dos eleitores tem a expectativa de que, a partir de 2023, Lula deixe de lado as ideias antigas e equivocadas, sendo capaz de colocar o país de volta nos trilhos do desenvolvimento. É um desafio tão grande quanto foi seu triunfo. ■

A DAMA DO PLANATO

NOVA VOZ Janja em ato de campanha em MG: a futura primeira-dama ensaia protagonismo no terceiro mandato de Lula

"NÃO TEM princesa aqui. Só mulher de luta." A frase, em um comício de Lula na Baixada Fluminense, em 8 de setembro, foi dita ao microfone pela socióloga Rosângela da Silva, a Janja, mulher do presidente eleito, e tinha endereço certo. Um dia antes, no Rio, ao lado de Michelle, Jair Bolsonaro havia pedido aos apoiadores que comparassem as duas mu-

RICARDO STUCKERT

lheres e recomendou que, como ele, procurassem uma "princesa" para casar. De fato, Janja nada tem a ver com Michelle, que ganhou espaço na campanha misturando pregação religiosa e eleitoral em templos do país, nem com Marcela, a discreta esposa de Michel Temer.

Filiada ao PT desde os 17 anos de idade, a futura primeira-dama conheceu Lula na década de 90, nas Caravanas da Cidadania, e foi ativa no acampamento de militantes que ficou por dias em Curitiba pedindo a soltura do petista. Casou-se com ele em maio, em meio à pré-campanha, e desde então só ganhou protagonismo. Presença constante ao lado de Lula, ajudou o marido a calibrar o discurso em temas como direitos das mulheres, diversidade e proteção animal, e fez a ponte com artistas, influenciadores e celebridades variadas. Dedica-se agora a organizar a posse em 1º de janeiro, um evento para o qual atraiu uma miríade de músicos que vai de Paulinho da Viola a Pabllo Vittar. A Janja, aliás, é atribuído um papel central na escolha da cantora baiana Margareth Menezes como ministra da Cultura, pasta em que a socióloga terá influência certa.

No momento em que Lula vem agindo de forma ainda mais centralizadora do que o habitual, ela é uma das pessoas que ele mais ouve e na qual mais confia. "Quando eu preciso falar *(com Lula)*, eu sou inteligente, ligo para a Janja. Aí é rápido", brinca o vice Geraldo Alckmin. A futura primeira-dama, que a revista francesa *L'Express* definiu como uma "personalidade solar", abriu em agosto o seu perfil no

Instagram, com 700 seguidores — hoje tem 1,4 milhão, além de 825 000 no Twitter e 400 000 no TikTok. Nas redes, fala de democracia, direitos humanos, diversidade e autonomia das mulheres, mas também interage com celebridades e seguidores. A um deles disse: "Vamos ressignificar esse conceito de primeira-dama". Na posse, a nova estrela do Palácio do Planalto promete cantar a uma plateia esperada de 300 000 pessoas. ■

José Benedito da Silva

DERROTA AMARGA

FRUSTRAÇÃO Bolsonaro: o primeiro a não conseguir a reeleição

JAIR BOLSONARO é um fenômeno eleitoral que conheceu os dois lados da moeda. Em 2018, o então deputado do baixo clero, filiado a uma legenda nanica, venceu a corrida presidencial e fulminou a premissa, vigente à época, segundo a qual só candidatos com amplas coligações partidárias, fartura de recursos e bastante tempo na propaganda eleitoral

SERGIO LIMA/AFP

de televisão tinham condições de conquistar o Palácio do Planalto. Em 2022, Bolsonaro fez história novamente, mas de forma negativa. Ao perder o segundo turno para Lula, por um placar apertado de 50,9% a 49,1% em votos válidos, tornou-se o primeiro presidente desde a redemocratização a não conseguir a reeleição. O resultado foi consequência direta da rejeição ao capitão e a seu governo. Desde o início do mandato, ele apostou na tensão permanente e na tentativa de intimidação das instituições, sobretudo os tribunais superiores, desviando energia que deveria ser empregada no enfrentamento dos problemas reais do país. Ele também minimizou os efeitos da pandemia de Covid-19, sabotou recomendações sanitárias e jamais fez qualquer gesto de solidariedade às famílias de mais de 690 000 mortos pela doença.

Com a imagem desgastada, Bolsonaro abandonou a cartilha liberal e recorreu à gastança, a fim de recuperar fôlego entre os eleitores. Diante do risco de derrota na eleição, ele ainda dobrou a aposta no radicalismo, tentou conturbar o processo eleitoral e alimentou discursos golpistas. De nada adiantou. Derrotado nas urnas, praticamente abandonou o trabalho, entregou-se à tristeza e — apesar de criticar o mimimi e a choradeira no auge da crise sanitária — apareceu algumas vezes em público com lágrimas nos olhos. O presidente em fim de mandato jamais reconheceu o resultado da votação e se considera vítima de uma armação do establishment para tirá-lo do poder. Negacionista multidisciplinar e sensível a teorias da conspiração, Bolsonaro foi vítima de si

mesmo, de suas guerras imaginárias, de seus desatinos e de suas decisões erradas. Sua frustração pessoal não é nada perto do legado de seu mandato: um país dividido, conflagrado e desmantelado em áreas essenciais, como saúde, educação e meio ambiente. ■

Daniel Pereira

PLANOS PARA 2026

ASPIRANTES Tarcísio, Leite, Zema e ACM Neto: projeto de voos mais altos

AS ELEIÇÕES estaduais naturalmente produzem potenciais candidatos à Presidência da República. Neste ano, pelo menos três emergiram das urnas. Em São Paulo, o ex-mi-

FOTOS TWITTER @TARCISIOGDF; MAURICIO TONETTO; GILSON JUNIO/AGIF/AFP; TWITTER @ACMNETO_

nistro Tarcísio de Freitas (Republicanos) rompeu a hegemonia tucana com um feito inédito: sem nunca ter disputado mandato eletivo, o carioca neopaulista costurou boas alianças e foi eleito graças a uma agenda voltada ao combate à criminalidade e pró-privatizações. No segundo maior colégio eleitoral do país, Minas Gerais, Romeu Zema (Novo) alcançou a reeleição em primeiro turno, quatro anos após ser eleito, também sem nunca ter exercido nenhum mandato. Zema e Tarcísio ainda compartilham uma característica: saíram vitoriosos nas urnas pegando carona na popularidade de Jair Bolsonaro e, num breve futuro, podem disputar o espólio deixado pelo presidente derrotado — considerando, claro, a hipótese de que o ex-capitão estará fora de combate daqui a quatro anos, o que, por enquanto, parece improvável. Os governadores já dão sinais de que topam assumir esse protagonismo — em uma versão mais moderada do bolsonarismo. Recentemente, Zema disse ter diferenças com o presidente e que ele não alcançou a reeleição porque causou "ruídos" e "desgastes desnecessários". Já Tarcísio de Freitas, ex-ministro de Bolsonaro, tentou se distanciar dos aliados mais radicais do presidente e disse nunca ter sido um "bolsonarista raiz".

A terceira força surge no Rio Grande do Sul, onde o tucano Eduardo Leite faz sombra ao partido que, antes de Bolsonaro, representava a direita brasileira. Cotado para disputar a Presidência já neste ano, ele acabou derrotado nas prévias do PSDB. As urnas estaduais também atrapa-

lharam os planos de um quarto presidenciável. O ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil) nunca escondeu o sonho de um dia chegar ao Palácio do Planalto. A estratégia estava traçada: após deixar a prefeitura, em 2021, ele se elegeria ao governo da Bahia em outubro passado. Seria o penúltimo passo em direção a Brasília. Mas deu tudo errado. Neto perdeu a disputa para o petista Jerônimo Rodrigues e ficará sem mandato em 2023. ■

Marcela Mattos

“ELES SABEM O QUE FIZERAM”

XERIFE Alexandre de Moraes: ninguém provocou mais dores de cabeça a Jair Bolsonaro do que o ministro do STF

NA HISTÓRIA do Judiciário brasileiro nunca se viu nada igual. Como relator do inquérito que investiga a ação de grupos que insuflam atos antidemocráticos, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, mandou prender um deputado, bloqueou contas de empresários, proibiu parlamentares de se expressarem nas redes sociais, expediu

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE/AFP

dezenas de mandados de busca contra militantes bolsonaristas envolvidos em ações consideradas golpistas. Como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o magistrado também foi protagonista. Além da defesa intransigente, importante e absolutamente correta da lisura das urnas eletrônicas, durante a campanha o ministro votou para impedir a exibição na TV de um documentário supostamente pró-Bolsonaro às vésperas das eleições e patrocinou uma resolução que permitiu a retirada imediata de conteúdos de sites com críticas ao PT e a Lula — decisões controversas que lhe renderam acusações de que atuaria com parcialidade. Na segunda-feira 12, durante a solenidade de diplomação do presidente eleito, Moraes foi ovacionado pelos convidados depois de um discurso que chamou a atenção pelo conteúdo e por ter sido mais longo do que o do próprio dono da festa.

No papel de xerife da democracia e fiador da soberania expressa nas urnas, coube ao magistrado lembrar a rédea curta da Justiça contra grupos organizados que atuaram de alguma forma contra a normalidade do pleito e anunciar que todos, sem exceção, serão responsabilizados pelos seus atos. Uma advertência? Certamente. Pelo terceiro ano seguido, ninguém provocou tanta dor de cabeça a Jair Bolsonaro e sua grei quanto Alexandre de Moraes. Por centralizar as investigações da maioria dos casos que envolvem o mandatário e sua militância, ele conhece como poucos o *modus operandi* dos soldados da guerrilha antidemocrática e de personagens como os que incendiaram a região central de

Brasília horas após a diplomação de Lula. Na quinta-feira 15, o ministro expediu 104 mandados de busca contra supostos incentivadores e financiadores de bloqueios nas rodovias. A todos que lhe perguntam o que esperar em relação a Bolsonaro e seus filhos em 2023, Moraes recorre ao que parece ser uma charada. "Eles sabem o que fizeram", diz, sem fornecer pistas sobre a que exatamente se refere. O alerta, no entanto, deixa claro que o fim do atual governo não significa um cessar-fogo. Pelo contrário. ■

Laryssa Borges

A MARCA DA MALDADE

SEM MAQUIAGEM Flordelis, de deputada a presidiária: o júri entendeu que ela arquitetou o assassinato do marido

POR DUAS DÉCADAS, a agora ex-deputada federal Flordelis, pastora evangélica e cantora gospel, cultivou a imagem de viver um casamento de profunda harmonia ao lado de Anderson do Carmo, também pastor. O amor seria tamanho que se estenderia a uma vastíssima família de 55 filhos — entre legítimos, adotados e "afetivos", como diziam. Pois se

ALEXANDRE CASSIANO/AG. O GLOBO

ainda restava dúvida de que tudo não passava de pura fachada, ela se dissipou depois do gélido e planejado assassinato do marido, em junho de 2019. O Tribunal do Júri de Niterói, no Rio de Janeiro, entendeu que Flordelis era “a chefe da quadrilha” e a condenou a cinquenta anos e 28 dias de prisão por homicídio triplamente qualificado, associação criminosa armada (pelo envolvimento de alguns dos filhos no enredo), uso de documento falso e ainda uma tentativa anterior de homicídio, à qual Anderson conseguiu sobreviver, apesar dos macabros ardis da esposa. Na sentença, a juíza Nearis Carvalho Arce afirmou que a pastora havia traçado o passo a passo da execução movida por vingança, uma vez que não suportava a maneira como Anderson lidava com o caixa da igreja. Ele mantinha um rígido controle sobre a dinheirama paroquial que irrigava o lar do casal, não permitindo que fossem agraciados com privilégios os integrantes do clã por quem ela nutria preferência. O julgamento, ao qual Flordelis compareceu visivelmente abatida e de cabelos curtos, sem o costumeiro aplique de longas madeixas, durou uma semana e foi marcado por troca de acusações e pela presença de seu namorado, que se pôs em prantos quando ouviu a sentença. A própria deputada cassada chorou em diversos momentos e pediu para ficar em uma sala separada na hora em que a decisão do júri foi anunciada. Na plateia, uma família claramente rachada tinha reações variadas. Filha biológica e fiel escudeira da líder religiosa, Simone dos Santos, que chegou a namorar Anderson antes da mãe, foi condenada a 31 anos de

cadeia. Outros três réus — dois filhos afetivos e uma neta — acabaram inocentados. Mas quatro deles já haviam sido condenados em julgamentos anteriores — um deles por ter dado os trinta disparos fatais contra Anderson, cujos parentes pediram 800 000 reais em indenização a Flordelis. A defesa dela, por sua vez, avisou que vai requerer a anulação da sentença por "falhas processuais". A pastora que tentou se passar por viúva enlutada segue no Complexo de Gericinó, na Zona Oeste carioca. ■

Ricardo Ferraz

O REVERSO DA FORTUNA

Depois de anos de crescimento exponencial, as poderosas empresas de tecnologia viram a maré mudar com a queda no valor de suas ações e foram obrigadas a demitir milhares de funcionários

LUISA PURCHIO

MEA-CULPA Mark Zuckerberg, da Meta: investimentos equivocados

JESSICA CHOU/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

HABITUADOS a índices de crescimento exponenciais e valorização correspondente de suas ações, os gigantes do Vale do Silício tiveram poucos motivos para comemorar em 2022. Até meados do ano anterior, os colossos da tecnologia haviam navegado com desenvoltura pela pandemia de Covid-19, quando o isolamento social em escala planetária multiplicou a demanda por seus serviços. Estrelas no mercado de capitais, aumentaram suas estruturas corporativas e a contratação de funcionários. Os ventos que impulsionavam a boa fase, entretanto, mudaram rapidamente.

A Meta, que reúne Facebook, Instagram e WhatsApp, iniciou o ano na berlinda, acusada de estimular *fake news* e discursos de ódio em suas plataformas, e se tornou o melhor exemplo das agruras vividas pelo mundo tech. No terceiro trimestre, o lucro da empresa caiu 52% em relação ao mesmo período do ano passado e houve uma perda acumulada de 9,44 bilhões de dólares no Reality Labs, com a aposta do fundador Mark Zuckerberg na área de pesquisas de realidade virtual. E as perdas não param por aí: no acumulado do ano, o preço das ações caiu 63,8%, saindo do patamar dos 330 dólares no fim de 2021 para 120 dólares na primeira quinzena de dezembro deste ano. Já o valor de mercado, que chegou ao pico de 1,07 trilhão de dólares em agosto de 2021, despencou até bater em 302,5 bilhões de dólares no início de dezembro.

Apesar de questões pontuais que atingem a empresa, como estagnação no número de usuários e perda de receita

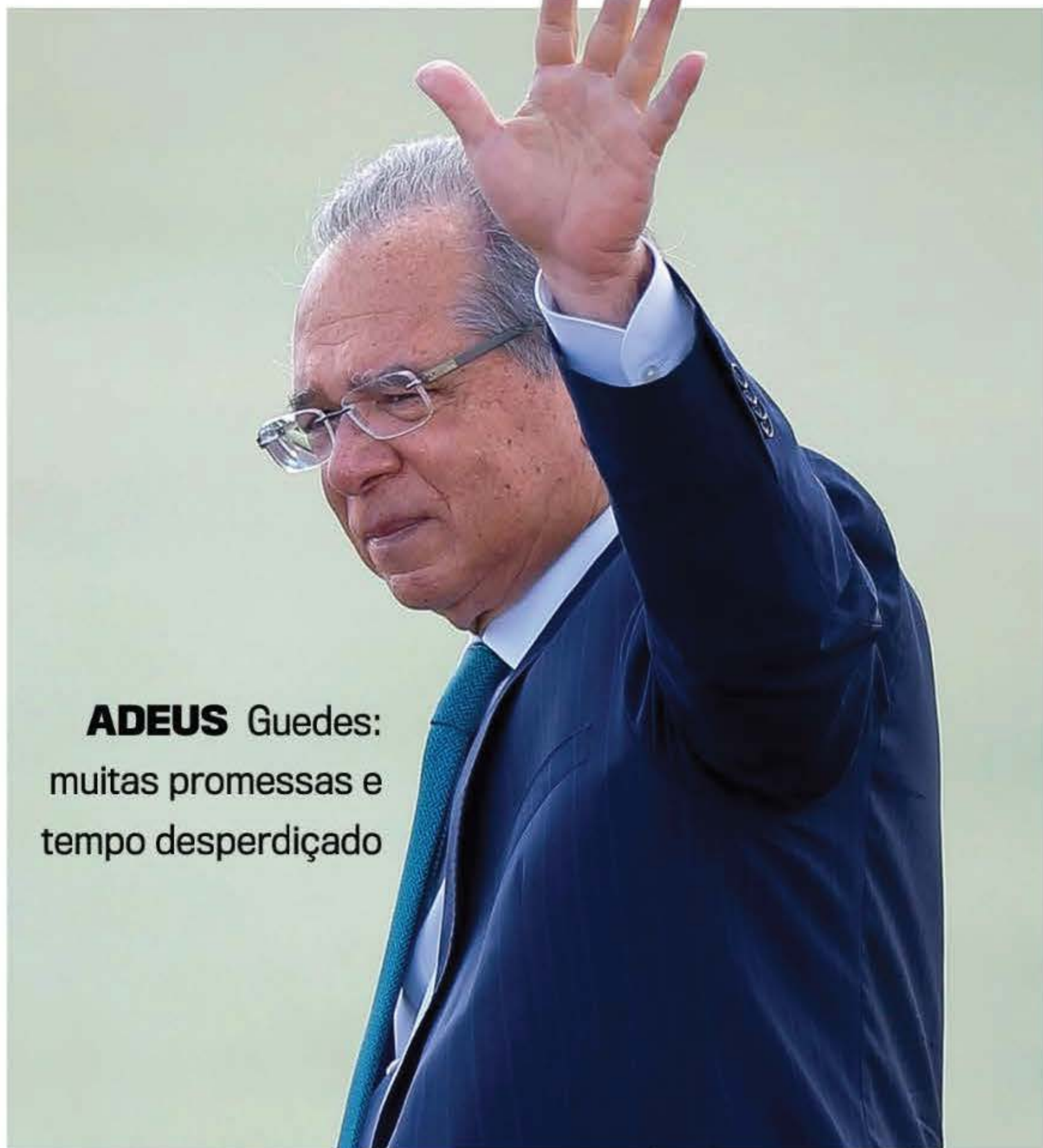
com publicidade, que podem até ser atribuídas ao fim da pandemia, a maré de pessimismo tem causas mais profundas e afeta o setor como um todo. A mais relevante advém, principalmente, da alta de juros nos Estados Unidos. Enquanto o ano de 2022 se iniciou com os juros da principal economia do mundo em zero por cento, o Federal Reserve decidiu por sucessivos aumentos e inicia 2023 a 4,25%. Com isso, o índice Nasdaq, a bolsa de valores de tecnologia dos Estados Unidos, amarga uma queda anual de 28,5%, após fechar o ano de 2021 com uma alta de 24%. Com juros mais altos, investidores tendem a abandonar aplicações de risco, como as das empresas de tecnologia, e buscar opções mais estáveis que passam a remunerar melhor os recursos investidos.

No Brasil aconteceu fenômeno semelhante. Aproveitando o cenário de alta liquidez com os juros baixos praticados durante a pandemia para estimular a economia, muitas techs foram para a bolsa em 2021. A B3 viu um boom de IPOs de empresas com esse perfil. Em 2022, a migração do capital da renda variável para a renda fixa levou a uma redução do investimento em tais companhias, que perderam valor e passaram a reduzir despesas e cortar funcionários.

Em escala global, apenas durante o mês de novembro, gigantes como Meta, Twitter e Amazon demitiram mais de 20 000 empregados como parte da estratégia de cortar custos. “Tomei a decisão de aumentar significativamente nossos investimentos. Infelizmente, as coisas não acontece-

ram da maneira que eu esperava", disse Mark Zuckerberg, diretor-executivo da Meta, ao anunciar a demissão de mais de 10% dos funcionários. O mesmo cenário pessimista tomou o Twitter, que foi recentemente comprado por Elon Musk, cuja chegada à direção da companhia causa uma fuga de anunciantes e levou a demissões, em uma companhia que perde 4 milhões de dólares por dia. Um baque e tanto em um setor onde o dinheiro fluía com prodigalidade. ■

CHANCE PERDIDA

ADEUS Guedes: muitas promessas e tempo desperdiçado

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

AS PROMESSAS de "choque liberal" da eleição de Jair Bolsonaro, quatro anos atrás, com o Ministério da Economia nas mãos de um economista tão defensor da iniciativa privada quanto Paulo Guedes, naufragaram em 2022. Pe-

lo caminho percorrido desde o início de 2019 sobrou uma longa lista de oportunidades perdidas. Excetuando as mudanças na Previdência, bem avançadas ainda no governo de Michel Temer, as grandes reformas estruturantes não andaram, poucas privatizações aconteceram, os juros altos voltaram e o Brasil está longe de decolar, ao contrário do que o ministro gosta de dizer. No último ano de governo, Guedes chegou a mencionar por diversas vezes que conseguiria aprovar a reforma tributária, mas estava claro que a agenda do governo era muito mais eleitoral do que reformista. Já o projeto de modernização administrativa ficou esquecido, para não desagradar a servidores públicos.

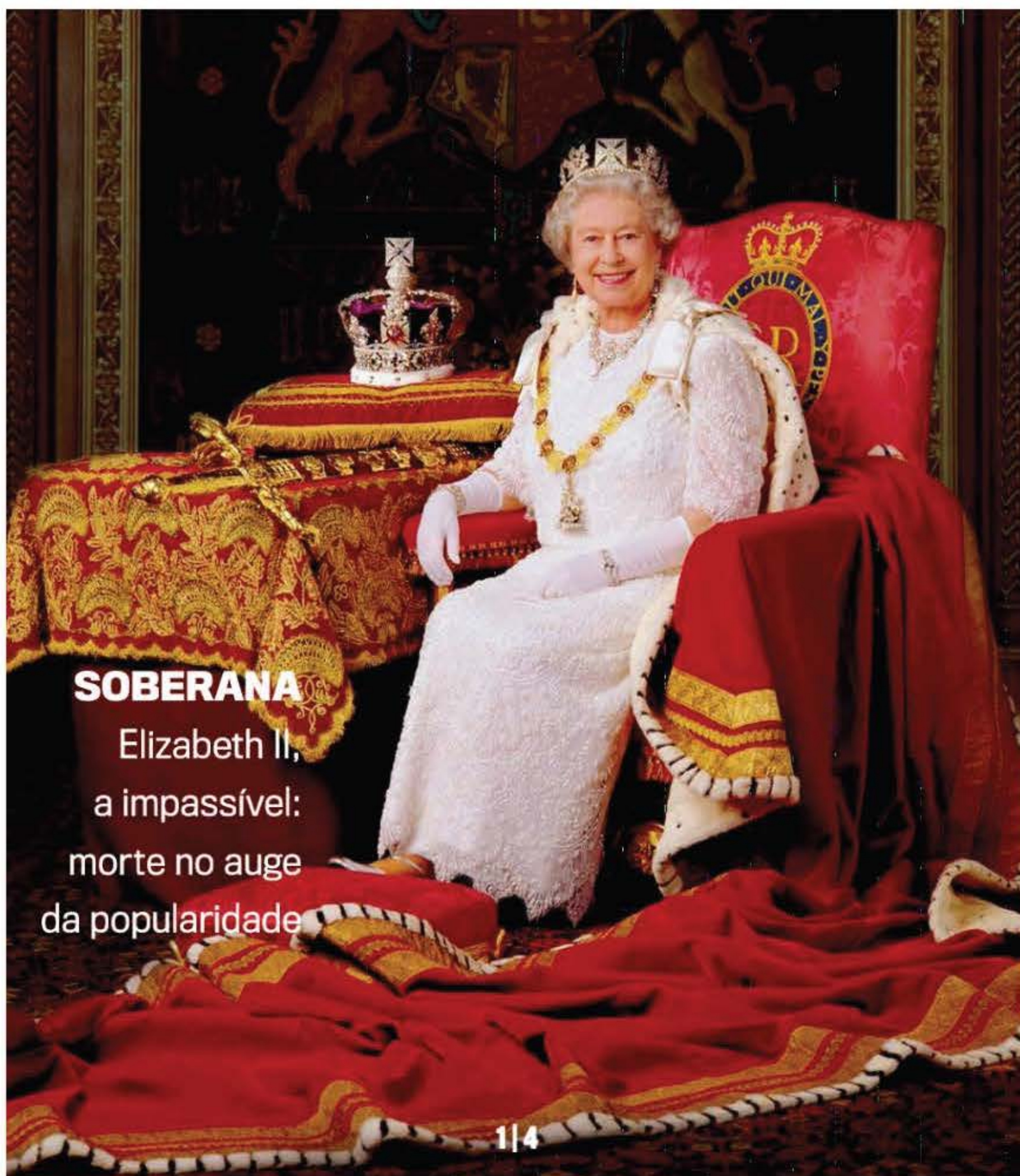
Em contrapartida, projetos para driblar a lei do teto de gastos e criar benefícios para setores específicos vicejaram. Guedes perdeu força no governo para aliados do Centrão e a propalada guinada liberal deu lugar às concessões oportunistas da campanha de reeleição de Bolsonaro. Para permanecer no jogo e no cargo, Guedes cedeu muito e adiou para um possível segundo mandato parte de suas convicções. Os efeitos econômicos da pandemia não ajudaram. Em vez da responsabilidade fiscal, vieram "licenças para gastar", focadas em alavancar a popularidade do presidente. O governo acumulou 795 bilhões de reais em furos no teto de gastos, sendo 233,4 bilhões de reais, 30% do total, entre 2021 e 2022. O governo liberal termina sem ter muito o que mostrar.

"Guedes abraçou o populismo eleitoral, o que ficou evidente este ano. Ele entrega um país do ponto de vista institucional fragilizado, depois de ter recebido um país arrumado. Os números, como os de arrecadação, enganam, o país não tem como fechar as contas", avalia a economista Elena Landau, responsável pelas privatizações no período de Fernando Henrique Cardoso. É de se lamentar que um projeto tão ambicioso e promissor tenha naufragado ao sabor de conveniências imediatistas. ■

Larissa Quintino

UMA ERA QUE SE ACABA...

A morte de Elizabeth II tira de cena a rainha admirada e respeitada por seus súditos, que ao longo de setenta anos de reinado soube manter de pé uma instituição sem sentido no mundo moderno

AMANDA PÉCHY

SOBERANA Elizabeth II, a impassível: morte no auge da popularidade

JULIAN CALDER/CAMERA PRESS/GROSBY GROUP

A MESMA COROA imperial incrustada com 2 868 diamantes e pesando mais de 1 quilo que representou seus longuíssimos setenta anos de reinado permaneceu pousada sobre o caixão de Elizabeth II nos dez dias de velório, pompa e comoção que se seguiram à morte da rainha de 96 anos. Soberana por acaso, que só se tornou princesa herdeira aos 10 anos porque o pai foi convocado a preencher o trono vazio pela abdicação do tio Edward VIII, Elizabeth, ao partir, era a única monarca britânica que gerações de súditos e não súditos haviam conhecido — calcula-se que 80% das pessoas que hoje habitam o planeta não tinham nascido quando ela foi coroada. Uma constante confiável e inabalável em um mundo de mudanças aceleradas, aprendeu com seus erros, foi angariando afeto e respeito e se tornou a singular garantia de sobrevida de uma monarquia à moda antiga, obsoleta em países modernos no século XXI.

Desfilando vestidos, casacos e chapéus de cores vivas com uma bolsa discreta (e vazia, segundo dizem) pendurada no braço e joias espetaculares de sua coleção particular, Elizabeth cumpriu, um a um, todos os seus deveres, sorridente e simpática na medida para pairar uns centímetros acima dos demais mortais, sem se desviar um milímetro do protocolo e do simbolismo de suas funções. Dois dias antes de morrer, passou o bastão da chefia do governo pela 15ª vez no Castelo de Balmoral, na Escócia, onde se recolheu nos últimos momentos — recebeu o primeiro-minis-

tro que saía, Boris Johnson, e, horas depois, sua substituta, Liz Truss (aquela que durou menos no cargo do que uma cabeça de alface).

Reservada e impassível, personificou os valores tradicionais britânicos e se tornou notável pelas coisas que não fazia, em nome de um profundo senso de dever e autodisciplina até nos momentos mais impactantes. E impactos não faltaram na família real sob seu matriarcado: marido infiel, irmã alcoólatra, três dos quatro filhos divorciados, sendo justamente a separação do herdeiro Charles da princesa Diana a mais conturbada — episódio reeditado na atual temporada da série *The Crown* (para desgosto do Palácio de Buckingham). A morte trágica de Diana em um acidente de carro em Paris, no auge de seus 36 anos, abalou como nada antes a popularidade da rainha diante de súditos inconformados com sua indiferença. Bem a seu estilo, Elizabeth engoliu o orgulho e foi à TV ler um discurso de elogios à nora detestada. Mais recentemente, precisou lidar — a distância, sem expressões em público — com o afastamento de Harry e Meghan das funções reais e a ida deles para os Estados Unidos, onde falam poucas e boas dos parentes reais.

A monarquia britânica é a única de seu porte ainda em vigor na Europa. Embora não faltem reis e príncipes no continente, as outras famílias reais ou abriram mão de vários privilégios, modernizando de um lado, mas perdendo brilho de outro, ou seguem vivendo em pompa

e circunstância, mas com muito menos fundação histórica — e fortuna infinitamente menor — do que a Casa de Windsor. Elizabeth morreu no auge da popularidade, a última memória de um Reino Unido altivo e relevante — uma imagem que tem muito pouco a ver com o país de hoje, mas que continuava a despertar nos britânicos um sentimento de unidade e orgulho. Com ela, vai-se uma era de dignidade e respeito à coroa que o herdeiro, Charles III, terá de suar (discretamente, sem que ninguém perceba) para reeditar. ■

...E OUTRA QUE SE INICIA

O REI SOU EU Charles III: desafio de preservar uma instituição anacrônica

NÃO SERÁ POR FALTA de preparação: filho mais velho da rainha Elizabeth, Charles nasceu programado para assumir o trono do Reino Unido e passou os 73 anos seguintes esperando a vez. Nesse esticadíssimo meio

CHRIS JACKSON/BUCKINGHAM PALACE/AFP

tempo, até chegou a empolgar como príncipe elegante, atlético e namorador, na faixa dos 20 aos 30 anos, mas de lá para cá o brilho adquirido, que já não era fulgurante, foi se apagando. Ao assumir o trono agora, como Charles III, sua imagem é a de um sujeito mimado, um tanto ingênuo e sem noção do mundo real, plenamente capaz de cumprir os rituais e rapapés de uma alteza real, mas sem um décimo da digna altivez exalada pela mãe. Enquanto Elizabeth teve décadas para mostrar quem era e infiltrar-se nos sentimentos da população como uma figura acima do bem e do mal, o novo rei, muito menos palatável, precisa provar, em curto prazo, que possui estofo para preservar uma instituição que faz pouco ou nenhum sentido no mundo moderno.

Nessa nova e majestosa missão, Charles tem de abandonar hábitos e atividades que lhe são caros. Não poderá mais se envolver na arrecadação de fundos para suas entidades filantrópicas — entre outras ações pouco ortodoxas, aceitou dinheiro vivo em sacolas de um xeique do Catar. Sobre meio ambiente, causa que abraça, só deverá proferir opiniões vagas e que estejam de acordo com a política do partido no poder. No campo pessoal, os desafios serão emplacar Camilla, a amante eterna que infernizou a vida de Diana, como rainha consorte e aparar os espinhos da desandada relação com o caçula, Harry, e sua mulher, Meghan, ex-atriz americana de gênio difícil. O rei prepara ainda a armadura para resistir ao golpe de um novo des-

membramento do reino, com vários que ainda o têm como monarca a um passo de virar república. Mas as primeiras pesquisas apontam boa vontade para com o rei Charles III: 63% dos britânicos acham que ele será um bom soberano. Caso algo dê errado, as esperanças da monarquia se depositam em William e Kate, um casal simpático, moderno e até agora impermeável aos escândalos dos Windsor. Com Charles ou com William, a era pós-elizabetana ainda está por ser desenhada. ■

Amanda Péchy

A FORÇA DA RESISTÊNCIA

DESTRUIÇÃO Bombardeio russo: drama humanitário na guerra sem fim

APÓS MESES do invade-não-invade, Vladimir Putin fez o que pouca gente acreditava que faria: mobilizou sua portentosa máquina militar e cruzou a fronteira da Ucrânia, em fevereiro, deslanchando o primeiro conflito bélico en-

WOLFGANG SCHWAN/ANADOLU AGENCY/AFP

tre países europeus desde a Guerra dos Bálcãs nos anos 1990. Diante do mundo estupefato com a ofensiva da nação armada até os dentes contra o rival infinitamente mais fraco, Putin foi em frente com sua "operação militar especial", brandindo a esfarrapada desculpa de que era forçado a proteger tanto a Rússia quanto os "irmãos ucranianos" de um ilusório governo neonazista e das ameaças vindas do Ocidente. Em rápido avanço territorial, o Exército russo conquistou cidades-chave, se apossou da maior usina nuclear da Europa e bombardeou a capital, Kiev, matando e ferindo civis. Era para durar uma semana, pôr o presidente Volodymyr Zelensky de joelhos e consolidar o domínio no país vizinho. Faltou combinar com os ucranianos.

Armadas e treinadas pelos Estados Unidos e demais países da Otan, a aliança militar ocidental que agonizava após o fim da Guerra Fria e agora ressuscitou, forças militares e voluntárias ergueram uma inesperada barreira de resistência à invasão e partiram para a contraofensiva. Passados dez meses, a Rússia peleja para manter pelo menos parte do que conquistou, apelando para a convocação de reservistas e, vira e mexe, mencionando o terror das armas atômicas. Na Ucrânia devastada por bombardeios e esvaziada por 7,8 milhões de refugiados, Zelensky, que acaba de voltar de encontro em Washington com o presidente americano Joe Biden, onde agradeceu pela preciosa ajuda bélica, tornou-se um dirigente ouvido e admirado em toda parte. As tropas ucranianas seguem

recuperando território, inclusive a importante capital provincial de Kherson, abandonada pelos russos, que, atribulados em terra, marcam presença agora lançando mísseis contra usinas de eletricidade e centros de saneamento e distribuição de água. Havia uma expectativa de que a chegada do inverno inclemente frearia os combates e abriria uma fresta para negociações, mas, por ora, a batalha só fez intensificar. Ainda assim, por mais que domine os meios de comunicação e derrame uma avalanche de *fake news* alvissareiras sobre o povo russo, está cada vez mais difícil para o poderoso Putin fazer de conta que está ganhando a guerra. ■

Matheus Deccache

PILOTANDO AS URNAS

NA BERLINDA Biden, muitos solavancos depois: espremido pela economia, ele fecha o ano melhor do que se antecipava

ENQUANTO O AUTOCRATA Xi Jinping desfilava autoconfiança no Oriente, tudo parecia conspirar contra Joe Biden, o líder do mundo ocidental, e seu Partido Democrata neste ano. O preço da gasolina comprada por uma po-

DREW ANGERER/GETTY IMAGES

pulação movida a SUVs e caminhonetes disparou a níveis nunca vistos (depois baixou). A inflação bateu nos 8%, a mais alta em quarenta anos, e lá ficou, aumentando os preços nos supermercados (outra paixão americana). O Fed, equivalente ao Banco Central, apelou para o remédio tradicional e elevou as taxas de juros, com reflexo imediato no crédito imobiliário. O Tesouro Nacional foi continuamente sangrado pela subvenção do grosso do equipamento militar usado pelas Forças Armadas da Ucrânia, na guerra contra a Rússia invasora. A Suprema Corte aboliu o direito universal ao aborto, uma bandeira democrata, em vigor no país há meio século. A maioria por um fio no Senado e no Congresso emperrou a aprovação de quase todos os grandes projetos do governo. E, por trás de tudo, Donald Trump continuava a insuflar seus seguidores, insistindo na balela da fraude eleitoral e preparando candidatos à sua feição para tomar de assalto o Congresso nas *midterms* — as eleições de meio de mandato em que o partido no poder tradicionalmente perde feio.

Quando a votação chegou, em 8 de novembro, a aprovação de Biden estava em desastrosos 40%. Urnas apuradas, deu-se a surpresa: a temida onda republicana não se concretizou. No Senado, estrelas trumpistas foram passadas para trás e os democratas ampliaram sua predominância de uma para três cadeiras. A maioria na Câmara foi de fato perdida, mas por muito menos do que se antecipava. Trump anunciou sua candidatura à Presidência em

2024, mas o que era para ser uma demonstração de força acabou virando o contrário — ele quis mesmo foi se antecipar a estrelas ascendentes que podem ameaçar seu domínio partidário. No fim das contas, Biden encerrou 2022 cercado de certa glória — a glória possível, claro, a um presidente menos derrotado do que se esperava. Presença rara em grandes encontros internacionais, no pós-eleição ele participou de três, um atrás do outro: de países asiáticos no Camboja, do G20, na Indonésia — palco do primeiro encontro cara a cara com Xi —, e da COP27, o painel da ONU sobre o clima, no Egito. É bom que desfrute dos louros enquanto 2023 não vem. Porque, empossado o novo Congresso e com a economia ainda em retrocesso, a vidinha na Casa Branca vai continuar difícil. ■

Camille Mello

DOMINANDO OS PAUZINHOS

TODO-PODEROSO Xi reverenciado no encontro do PC: inédito terceiro mandato centrado em uma China hegemônica

NA DANÇA dos poderosos chefões, a banda oriental do planeta, neste 2022 que se vai, cravou de vez como verdade, conveniente ou não, que a China é superpotência global e Xi Jinping, seu líder inconteste. A entronização, em simples cadeira de plástico no imenso Salão do Povo em Pe-

JU PENG/XINHUA/AFP

quim, se deu no 20º Congresso do Partido Comunista da China (PCC), em outubro, quando o presidente Xi ganhou por quase unanimidade um inédito terceiro mandato — o que, somado aos dois que já cumpriu, lhe garante ao menos quinze anos seguidos de poder, façanha só superada pelo Grande Timoneiro Mao Tsé-tung. Com a bênção do novo Comitê Permanente do Politburo, órgão máximo do partido único agora formado integralmente por fiéis aliados escolhidos a dedo, o presidente chinês tem passe livre para formatar a China dos seus sonhos: ordeira, patriota e produtiva internamente, e hegemônica, influente e dominante no plano econômico externamente.

Por mais que exerça férreo controle sobre o cotidiano dos cidadãos e disponha de ferramentas para moldar os rumos da indústria — hoje em dia o país é a fábrica do mundo — a seu bel prazer, Xi, o todo-poderoso, tem de se adaptar a fatores que não domina. Um é a pandemia que não vai embora (culpa, em parte, de vacinas de menor qualidade e mal distribuídas), gerando tamanha insatisfação que as maiores cidades chinesas se viram tomadas por protestos, raríssimos na China de Xi. O governo decidiu flexibilizar sua draconiana política sanitária, que incluía quarentena em cidades inteiras, mas a reabertura caótica fez disparar casos da doença e provocou tanto medo na população que quase ninguém sai de casa. Outro é a retração econômica, flagelo disseminado pelo globo. E, acima de todos eles, paira o clima hostil nas relações com os Es-

tados Unidos, a superpotência concorrente que quer de todas as formas espremer o ímpeto do expansionismo do gigante oriental — entrando nessa conta a explosiva situação de Taiwan, ilha com governo independente que Pequim faz questão de enquadrar e que o governo de Joe Biden faz questão de defender e claramente apoiar.

Depois de passar o ano às turras, Xi e Biden, conhecidos de longa data (tiveram vários encontros quando ambos eram vice-presidentes), finalmente estiveram juntos na reunião do G20 em Bali, na Indonésia, em novembro. Do aperto de mão em público, com sorrisos de parte a parte, e das três horas de reunião que se seguiram saíram promessas de cada qual continuar a se interpor aos propósitos do outro, mas de maneira civilizada e organizada, como convém a rivais que se respeitam. A intenção é evitar atritos mantendo contatos frequentes entre seus diplomatas. Até que a próxima batalha pela supremacia global os separe. ■

Amanda Péchy

TODO O PODER AOS VERMELHOS

CONTRA O QUE ESTÁ AÍ Boric à frente do governo no Chile: alçado por votos menos ideológicos e mais antissistema

O PÊNDULO que regula as idas e vindas ideológicas dos governos balançou para a esquerda na América Latina em 2022, espalhando uma onda vermelha que culminou com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil. Bem antes dis-

CLAUDIO SANTANA/GETTY IMAGES

so, no Chile, país tradicionalmente conservador, o ex-líder estudantil Gabriel Boric, millennial tatuado, avesso a gravatas e fã de música pop, assumiu a Presidência como a encarnação de uma nova esquerda. Sem laços com a política de sempre, Boric entrou no célebre Palácio de La Moneda, em março, falando em taxar grandes conglomerados e fortunas para financiar maior igualdade social e, ao mesmo tempo, condenando com todas as letras os governos ditatoriais de Cuba, Nicarágua e Venezuela, coisa que outros esquerdistas relutam em fazer. Concentrou suas fichas nos poderes, direitos e deveres que seriam implementados em uma nova e revolucionária Constituição, a ser referendada em plebiscito. Apostou e perdeu.

Assolado pela criminalidade em alta, pelas reivindicações cada vez mais duras dos povos nativos e, como é de praxe nestes tempos, por uma enxurrada de *fake news* propaladas pela ala conservadora, Boric caiu de vez do pódio a que fora alçado na eleição quando a nova Carta foi rejeitada por 62% dos votos, em setembro. Agora, tenta costurar alianças de todos os lados e acelerar os trabalhos de reforma do texto constitucional, com pressa de levar a referendo uma Constituição menos progressista e mais aceitável pela maioria. As atribulações do presidente do Chile são consequência direta da posição da América Latina hoje: irrelevante na geopolítica em vigor, a região virou terreno fértil para quem se posiciona contra a ordem estabelecida, seja ele quem for — uma escolha propensa a derrapadas. O novato Pedro Cas-

tillo, no Peru, não superou a inexperiência, insistiu no radicalismo e, sob a ameaça de impeachment, arquitetou um autogolpe frustrado que acabou levando-o à prisão, sendo substituído por sua vice, Dina Boluarte, que segue cambaleante. Gustavo Petro, o primeiro presidente de esquerda da história da Colômbia, inicia seu mandato pressionado por uma banda conservadora ainda mais raivosa agora que está na oposição. Mais pragmáticas e modernas do que a esquerda dogmática do passado, as novas lideranças vermelhas chegaram ao poder através de votos de cunho menos ideológico e mais antissistema. Com o pêndulo sempre em movimento, permanecer lá não vai ser fácil. ■

Caio Saad

UM ESPECTRO RONDA A EUROPA

SAINDO DA SOMBRA Meloni assume o poder na Itália: nascida e criada na trincheira dos herdeiros do neofascismo

O INACREDITÁVEL aconteceu: na Itália de Benito Mussolini, o ditador fascista que se aliou a Hitler na II Guerra — uma passagem infame da história que se julgava banida para sempre —, a política Giorgia Meloni, 45 anos, nascida e

ETTORE FERRARI/EFE

criada na trincheira dos herdeiros do neofascismo, ganhou a eleição de setembro com 26% dos votos e se tornou primeira-ministra. Por mais que tente agora se afastar de suas origens — "Nunca tive simpatia ou proximidade com regimes antidemocráticos, fascismo incluído", declarou recentemente —, Meloni demonstrou claros vínculos com a extrema direita do passado e do presente na insistência no lema "Deus, pátria e família", nos colegas de coalizão Matteo Salvini, da Liga, e Silvio Berlusconi, da Força Itália, e na nomeação de ministros de passado reprovável, de dentro e de fora de seu partido, Irmãos da Itália, que até hoje tem seu QG no prédio do Movimento Social Italiano, montado no pós-guerra para preservar as ideias de Mussolini e dissolvido nos anos 1990.

Pouco antes de Meloni, outro orgulhoso representante da ultradireita, Jimmie Akesson, comemorou a subida de sua legenda, Democratas Suecos (que de democrata não tem nada), à posição de segunda maior força do país e aliada crucial da coalizão de governo da Suécia, o berço do Estado do bem-estar social, hoje em mãos do populismo nacionalista. As duas vitórias consolidam uma tendência que já se enxerga em boa parte dos países da Europa há alguns anos: a saída da extrema direita das sombras para o palco central da política partidária, uma guinada que não é exclusiva do continente, mas que lá se anuncia especialmente assombrosa, pelo tanto que sofreu e sangrou sob o nazismo.

No cerne da ascensão da direita radical está a aversão aos imigrantes, culpados em toda parte pela deterioração social

e aumento da criminalidade. Tanto Meloni quanto Akesson assinam embaixo da grotesca teoria de uma conspiração para suplantar os brancos europeus com uma maioria de estrangeiros alheios às suas raízes culturais. Não por acaso, um dos primeiros gestos de Meloni — que defende um "bloqueio naval" no Mediterrâneo contra imigrantes — foi impedir que um barco com 234 desesperados recolhidos do mar, entre eles crianças, atracasse em portos italianos. Depois de passar dias em águas próximas à Sicília, o barco recebeu permissão para desembarcar os passageiros na França. ■

Caio Saad

O ADEUS ÀS MÁSCARAS

Depois de quase três anos, a pandemia de Covid-19 está chegando ao fim. Entre as lições fica o valor da ciência e da solidariedade

CILENE PEREIRA

AR LIVRE A vida voltou ao normal: o coronavírus perdeu a letalidade

ISTOCK/GETTY IMAGES

SE UMA CANÇÃO pudesse traduzir a foto ao lado, seria *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso. Por três motivos: o título, que batizaria a imagem tranquilamente, os versos iniciais, ao descreverem um feliz cidadão caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento, e a incrível leveza que dela exala. Pois não há retrato mais apropriado para sintetizar o êxtase experimentado no mundo com o "fim" da pandemia de Covid-19. Ainda não o encerramento oficial, a ser anunciado em breve pela Organização Mundial da Saúde (OMS) se tudo continuar indo bem, como as projeções indicam, mas o término da face mais dura da crise sanitária que, durante três anos, tirou a vida de cerca de 7 milhões de pessoas, em contas conservadoras, e transformou a forma como nos relacionamos uns com os outros, com nossa casa, nosso trabalho e nossos sentimentos.

O ano chega ao fim reproduzindo o que os cientistas previam ainda em 2021 em relação à evolução da pandemia. Surtos de quando em quando, como esse que ocorre neste momento em alguns países e também no Brasil, alimentado por mais uma subvariante da ômicron, mas seguindo uma linha consistente de queda no número de casos e de mortes. As máscaras, companheiras inseparáveis por cerca de dois anos, voltaram ao armário. A vida encontrou o seu normal, não como antes, mas também sem mudanças impactantes. O retorno ao trabalho aconteceu, viagens, shows e outros espetáculos entraram no calendário novamente e os reencontros, tão adiados pelo isolamento, puderam ocorrer com segurança.

Nada disso teria sido possível sem a combinação de duas circunstâncias. Uma, historicamente esperada. Outra, incrivelmente excitante. A primeira: outras pandemias mostraram que os vírus se transformam ao longo do tempo, adquirindo formas mais transmissíveis, porém menos letais. Eles seguem nesse processo até saírem do estado pandêmico para entrar no modo endêmico, quando permanecem entre nós capazes ainda de causar doença e surtos, mas sem o poder de destruição inicial. O SARS-CoV-2 encontra-se nesse estágio. Ele veio para ficar, porém não mais para aterrorizar o mundo. Até esse momento da transição viral, contudo, a humanidade poderia ter sofrido muito mais se não fossem as vacinas — eis o segundo movimento extraordinário —, desenvolvidas em tempo recorde e às quais se atribuem centenas de milhões de vidas salvas. Hoje, boa parte dos países chegou ou ultrapassou a marca dos 70% de suas populações vacinadas, meta determinada pela OMS como uma das mais relevantes a ser alcançadas para a decretação do fim da emergência sanitária internacional.

A humanidade sai da pandemia com lições aprendidas e tarefas a ser cumpridas. Entre os ensinamentos mais valiosos está o valor da ciência, da solidariedade e das relações afetivas. À frente está o desafio de impedir a eclosão de novas tragédias. Há conhecimento e recursos para isso. É preciso, no entanto, compreensão por parte dos países de que, para dar certo, as ações devem ser conjuntas, contínuas e consistentes. ■

ESCRITO NAS ESTRELAS

CARINA A nebulosa é fábrica de estrelas a 7600 anos-luz da Terra

O ESPAÇO deixou de ser a fronteira final. Nas últimas décadas, tornou-se mais um novo território a ser desbravado pelos exploradores do futuro. E o mapa para esses mundos cósmicos, que estão além da Via Láctea, galáxia onde se encontra a Terra, começou a ser desenhado com mais clareza a partir de 2022, com os primeiros registros

NASA/AFP

do telescópio James Webb. Lançado no fim de 2021, de Kourou, na Guiana Francesa, o supertelescópio chegou em janeiro ao segundo ponto da órbita Lagrange, ou simplesmente L2, a 1,5 milhão de quilômetros da superfície terrena. Formado por dezoito hexágonos com 1,32 metro de diâmetro, o espelho principal, que tem aproximadamente 25 metros quadrados de área, captou imagens fantásticas de galáxias, nebulosas, planetas gasosos e outros corpos celestes.

Entre os registros mais fascinantes está o da Nebulosa Carina, localizada a 7 600 anos-luz da Terra. Identificada em 1752 pelo astrônomo francês Nicolas-Louis de Lacaille, é uma das maiores e mais luminosas regiões de formação estelar da Via Láctea. Uma curiosidade sobre essa verdadeira fábrica de estrelas é que só pode ser vista do Hemisfério Sul. Outra imagem surpreendente, por abrir uma janela para o passado do universo, é do aglomerado SMACS 0723, que reúne milhares de galáxias — incluindo os objetos de luz mais fraca já observados por meio de sensores infravermelhos. Alguns pontos são corpos estelares que se formaram não muito tempo depois do Big Bang, que ocorreu há 13,7 bilhões de anos.

O delinear dessas fronteiras foi acompanhado de uma nova tentativa de chegar à Lua, com o lançamento da primeira fase da missão Artemis I em novembro. Na etapa de testes, impulsionada pelo foguete SLS, a cápsula Orion deu uma volta em torno de nosso satélite natural. Os pla-

nos da Nasa e de seus parceiros privados são ambiciosos: criar um posto avançado dividido entre uma estação orbital e outra em solo lunar. O envio de astronautas, um homem e uma mulher negros, de acordo com as intenções, está previsto para ocorrer até 2025. Países como Japão, Índia e Coreia do Sul também investem em missões de exploração não tripuladas. O mundo está pronto para a nova era. ■

Alessandro Giannini

VIDA LONGA AOS FARAÓS

FASCÍNIO Grande Museu Egípcio: técnicos examinam tumba de Tutancâmon

O EGITO tornou-se novamente o centro das atenções do mundo. Em 2022, o país recepcionou a COP27, a conferência ambiental com a presença de líderes como os presidentes Joe Biden, dos Estados Unidos, e Lula, recém-eleito

PAOLO VERZONE/NATIONAL GEOGRAPHIC

no Brasil. Internamente, celebrou antigas e novas descobertas arqueológicas. Um dos berços da civilização, o país comemorou o bicentenário da tradução dos hieróglifos da Pedra de Roseta, desvendada pelo lexicógrafo francês Jean-François Champollion, ao decifrar a escrita cunhada em três idiomas antigos. Deu-se também o centenário da descoberta da tumba praticamente intacta do faraó Tutancâmon, que governou o país durante uma década até sua morte precoce, aos 19 anos, por volta de 1323 a.C., revelada ao mundo de hoje pelo britânico Howard Carter. Em novembro, a inauguração do Grande Museu Egípcio, em Gizé, coroou o passado glorioso e o trabalho heroico de exploradores e estudiosos estrangeiros.

O investimento do governo do Egito em pesquisas permitiu o desabrochar de novas e significativas descobertas. No fim de maio, o Ministério do Turismo e Antiguidades encontrou 250 sarcófagos e 150 estátuas de bronze na necrópole de Saqqara, no sul do Cairo. Concebidas no século V a.C., as urnas funerárias ainda exibiam a pintura original e mantinham as múmias intactas. Em uma delas foi encontrado um papiro de 9 metros de comprimento que pode ser um dos capítulos do lendário *Livro dos Mortos*.

Além disso, o arqueólogo e ex-ministro egípcio de Antiguidades Zahi Hawass, de 75 anos, disse ter encontrado não apenas a tão sonhada múmia de Nefertiti, mas também a de Anquesenamon, sua filha e esposa de Tutancâmon, no Vale dos Reis, em Luxor. Em breve, testes de

DNA poderão confirmar a autenticidade dos restos mortais. Hieróglifos encontrados recentemente pelo arqueólogo britânico Nicholas Reeves na tumba de Tutancâmon sugerem que o local de repouso da rainha possa estar em uma câmara adjacente. É esperar para ver. O fascínio pelos infinitos segredos da cultura egípcia não para de aumentar — agora embebido de ciência. ■

Alessandro Giannini

PASSADO SUBMERSO

ENDURANCE O veleiro que levou Shackleton e 27 homens à Antártica

ESTIMATIVAS da Unesco, agência da ONU responsável por cultura, ciência e educação, mostram que há 3 milhões de naufrágios no fundo do mar. Em 2022, a arqueologia marinha deu um salto, com muitas descobertas surpreendentes. Uma das mais importantes foi a localização, em março, do veleiro Endurance, que há 108 anos levou o

FALKLANDS MARITIME HERITAGE TRUST

explorador britânico Ernest Shackleton e mais 27 homens para a Antártica. A embarcação de três mastros e 44 metros, que afundou em 21 de novembro de 1915, foi encontrada pela expedição Endurance22 a mais de 3 000 metros de profundidade, no Mar de Weddell, cerca de 4 milhas ao sul da posição registrada na hora do naufrágio.

Outro feito importante foi a identificação do Gloucester, uma fragata do século XVII que servia à família real britânica. Naufragado em 1682, levava 330 pessoas a bordo, das quais cerca de metade morreu. James Stuart, futuro rei James II, estava na embarcação e sobreviveu — ele acusaria o comandante da frota pelo episódio. As buscas começaram em 2003, mas o achado demorou a ser revelado porque era necessário checar a identidade do navio que jazia perto de Great Yarmouth, na costa inglesa.

Os mares estão agitados. Também em 2022, cientistas do Reino Unido localizaram, após um século de incertezas, os destroços do navio mercante britânico SS Mesaba que repousam no fundo do Mar da Irlanda. Por um triz, o Mesaba não salvou o Titanic de seu triste fim. A equipe de pesquisadores usou sensores de última geração que mapeiam o fundo do mar com precisão. Há mais: pouco tempo atrás, cientistas da agência ambiental inglesa encontraram uma embarcação do século XIX graças à utilização de veículos com capacidade de gravar imagens em altíssima definição. Depois, arqueólogos gregos lançaram mão da inteligência artificial para processar imagens de um sí-

tio submarino e descobrir um navio romano de 2 000 anos chamado Fiskardo. A tecnologia foi o fator que fez desaguar a impressionante série de achados que repousavam no fundo do mar. O movimento, portanto, deverá prosseguir por longo tempo, e novos tesouros subaquáticos certamente serão retirados de seu sono profundo. ■

Alessandro Giannini

ÁGUA PARA A FERVURA

MUNDANO Buckingham: quebra de protocolo sob calor inédito

NÃO, A CENA AO LADO não é montagem, mas um de vários exemplos visíveis de como o aquecimento global vem se pronunciando como nunca antes. O calor recorde

MATT DUNHAM/AP/IMAGEPLUS

que assolou o Reino Unido no verão de 2022 sacudiu até centenários ritos reais, como o dos soldados que guardam, paralisados e silenciosamente, o Palácio de Buckingham, em Londres. Com temperaturas que fizeram ferver pistas de aeroporto e trilhos de metrô, um zeloso funcionário precisou apaziguar a fervura — que, no caso deles, menos habituados, castiga mais — com uma mundana garrafinha de água. E foi assim, lotando praias e se refrescando em fontes seculares, que os europeus tentaram aliviar a canícula que resultou na pior seca registrada no continente em 500 anos. Na Itália, onde não se viu sinal de chuva por mais de 200 dias, trechos do Rio Pó, ao norte, evaporaram, e a colheita despencou 45%, fazendo faltar, pecado dos pecados, risoto, azeitona e vinho à mesa. Enquanto isso, as chamas engoliam florestas na França, na Espanha e em Portugal, deixando um rastro de centenas de mortes.

Outros eventos climáticos de fúria atípica — enchentes devastadoras no Paquistão, um supertufão nas Filipinas e um de cada cinco americanos vivendo em áreas sob risco de calor excessivo — fazem refletir sobre a urgência de a humanidade dar uma reviravolta no modo como cuida do planeta. A inédita sequência simultânea de episódios não é fruto de coincidência, mas da progressiva elevação da temperatura na Terra. Para reverter a escalada dos termômetros — que cravaram os oito anos mais quentes da história —, o IPCC, painel global das mudanças climáticas da ONU, recomenda a redução de emissões de gases do efeito

estufa ao ritmo anual de 7%, quando o que se vê é um avanço de 2%. Nesta era dos extremos, algumas das geleiras que integram o Patrimônio Mundial por sua beleza estão se dissipando e metade corre o risco de desaparecer do globo até 2100. Quem diria que os sempre fartamente nevados Alpes Suíços iriam registrar taxa inédita de derretimento, comprometendo a brancura que sempre fez a festa de esquiadores? Mais um insólito e contundente retrato que convida à ação. ■

Vitória Barreto

RESPEITOSA DESPEDIDA

ADMIRAÇÃO Roger Federer, o dono da festa de despedida, com Nadal ao lado e Djokovic ao fundo: lágrimas de campeões

SEU ÚLTIMO ATO como atleta profissional foi a prova definitiva: nunca houve um tenista como Roger Federer. Não somente pela forma graciosa como deslizava pela quadra, como se nem fizesse força para jogar, ou pelos vinte títulos de Grand Slam conquistados e pelas 310 semanas

KIN CHEUNG/AP/IMAGEPLUS

como número 1 do mundo, mas também, e acima de tudo, pela admiração e pelo respeito que adquiriu de toda a comunidade do esporte. Aos 41 anos, atormentado por três temporadas repletas de lesões e cirurgias, a lenda suíça decidiu pendurar a raquete. A emocionante despedida ocorreu durante a disputa da Laver Cup, em 23 de setembro, em Londres, cidade onde Federer conquistou nada menos que oito troféus de Wimbledon.

Em um derradeiro gesto de grandeza, Federer fez questão de dividir o momento com quem tinha tudo para ser o seu maior inimigo, ainda mais em uma modalidade afeita a egocentrismos e animosidades. Chamou Rafael Nadal, seu maior "carrasco" (foram dezesseis vitórias e 24 derrotas diante do espanhol), para ser seu parceiro de duplas. O convite foi aceito e assim, entre abraços, homenagens e lágrimas (muitas), chegou ao fim uma carreira brilhante e também uma das mais belas rivalidades das quadras.

Não foi um ano fácil para os fãs de tênis. Em setembro, pouco antes do adeus de Roger Federer, o esporte se despediu de outra lenda, possivelmente a maior entre as mulheres. A americana Serena Williams encerrou sua fabulosa carreira aos 41 anos, no palco que por mais de duas décadas foi sua segunda casa, o Arthur Ashe Stadium, em Nova York, sede do US Open. Dona de 23 títulos de Grand Slam, Serena se tornou ícone global também pela forma como lidou com uma parcela da sociedade que insistia em diminuí-la — por ser negra e mulher, diga-se. Foi muitas

vezes comparada ao pugilista Muhammad Ali pelo talento e pela indignação contra injustiças. Se foi gigante nas quadras, seguirá sendo em outros campos, agora como empresária (tem patrimônio líquido estimado em 260 milhões de dólares). Após seu último ato nas quadras, Serena caiu no choro. Mas, em meio às lágrimas, sorriu também, certa de que seu nome estará sempre cravado na história. ■

Luiz Felipe Castro

"PARECE UM PESADELO"

FICOU PARA 2026 O pranto do camisa 10 depois da eliminação contra a Croácia: "Tá 1 a 0. Vai subir por quê?"

AQUELE LANCE no Maracanã em 1950 ainda hoje ecoa pelo país — afinal, de quem mesmo foi o erro no segundo gol do Uruguai, de Alcides Ghiggia, no 2 a 1 que faria o país inteiro chorar? O goleiro Barbosa foi condenado em vida

RICARDO CORRÊA

e morreu injustiçado como se fosse o culpado pela tragédia do Maracanazo. No Brasil, as derrotas no futebol são cruéis. Por muito tempo, nos bares, nos estádios, nas redes sociais, se falará daquele contra-ataque da Croácia a quatro minutos do final da prorrogação — o empate que marcaria o início do fim da canarinho na Copa do Catar. O que faziam sete jogadores no campo de ataque se o placar marcava 1 a 0 e a seleção caminhava para a sonhada semifinal contra a Argentina?

Uma frase, revelada pela leitura labial da transmissão pela TV, é a mais perfeita tradução daquele instante permanente. “Ei, ei! Não tem necessidade de subir. Tá 1 a 0! Um a 0, faltam cinco minutos. Vai subir por quê?”, disse Neymar para o volante Fred. Foi em vão. A eliminação nos pênaltis fez os jogadores caírem em pranto. O treinador Tite, atordoado, deu as costas e caminhou para o vestiário. Em 2026, o Brasil completará 24 anos sem a taça — em seca só igualada entre 1970, o ano do tri, e o tetra, de 1994. Sim, é só futebol e vida que segue, mas ficou um gosto amargo depois do primeiro mundial disputado nos meses de novembro e dezembro.

Para Neymar, especialmente, o rei Sol, o centro das atenções, o desfecho foi especialmente doloroso. No primeiro tempo da prorrogação ele fez o gol salvador que o levaria a um olimpo temporário. O camisa 10 do PSG chegou ao Catar como uma das estrelas do torneio, ao lado de Lionel Messi e Kylian Mbappé, a trinca do PSG. O argen-

tino e o francês alcançaram a final. Aos 30 anos, o menino que queria ser Pelé mas não chegou lá talvez esteja em idade avançada demais para disputar mais uma Copa do Mundo, embora Messi tenha desfilado nos estádios do deserto como nunca aos 35 anos. Depois da derrota, Neymar resumiu o sincero lamento: "Passei muito mal após o jogo. É difícil assimilar tudo o que está acontecendo. Parece que é um pesadelo. Não dá para acreditar no que está acontecendo. Vou ter de tirar conforto disso tudo com a família. Essa derrota vai doer por muito tempo". Dias depois ele organizou uma festa privada em São Paulo. ■

Fábio Altman

VIRADA MORALISTA

RETROCESSO Suprema Corte: nos EUA, suspensão do direito ao aborto

EM DISCUSSÕES acaloradas, como de hábito, na política, em redutos conservadores, manifestações feministas e pregações religiosas, o aborto esteve no centro dos debates sociais ao longo de 2022. E o mundo mostrou que ainda está longe de estabelecer um consenso em torno do tema.

MICHAEL REYNOLDS/EPA/EFE

Houve avanços, como na Colômbia, onde a interrupção da gravidez até a 24ª semana foi descriminalizada, mas retrocessos lamentáveis. O mais emblemático aconteceu nos Estados Unidos, onde a Suprema Corte suspendeu o direito ao aborto até a 28ª semana de gestação, garantido desde 1973 pelo mesmo tribunal que agora, em junho de 2022, decidiu revogá-lo. A primeira leitura sobre a decisão foi a de que ela poderia ser imediatamente adotada por 26 dos cinquenta estados americanos onde já existiam legislações que restringiam ou proibiam o procedimento. A medida incidiria, inclusive, em gestações resultantes de estupro e incesto. Atualmente, treze estados seguem a determinação da Suprema Corte e quatro proibiram a interrupção da gravidez a partir de quinze semanas. Na Geórgia, a mulher pode abortar, mas somente até a sexta semana, quando a maioria nem sequer sabe que está grávida. Ou seja, é um direito para inglês ver.

No Brasil, repetiu-se o equívoco de sempre ao tratar a questão sob o viés moral e não pela óptica da saúde pública, como se deve, perdendo-se novamente oportunidades de discuti-la com maturidade. Houve dois momentos para isso. Primeiro, quando ocorreu o descumprimento da lei, em junho, depois de uma juíza de Santa Catarina negar o direito de abortar a uma menina de 11 anos que havia sido vítima de estupro. Somente após a repercussão e mobilização da família, a gestação foi interrompida. A segunda chance aconteceu durante a corrida à Presidência da Re-

pública. Em uma campanha na qual a pauta de costumes deu o tom — conservador — os candidatos se esquivaram das discussões. É verdade que decisões sobre o tema não cabem ao presidente da República, mas ao Congresso Nacional. Contudo, seria produtivo que, em momentos nos quais o país discute seu futuro, o direito ao aborto fosse finalmente debatido sem tabu. ■

Paula Felix

O TAPA MEMORÁVEL

ESCÂNDALO O momento da inacreditável agressão: astro banido do Oscar

A CENA parecia só mais um esquete de humor de graça duvidosa do Oscar. O comediante Chris Rock ironizava as celebridades da plateia, entre elas a atriz Jada Pinkett Smith, esposa de Will Smith. Eis que o ator, então, cami-

ROBYN BECK/AFP

nhou resoluto até o palco e desferiu um tapa na cara de Rock. A plateia reagiu com um misto de risadas e vaias. Seria algo combinado? A dúvida pairava no ar — mas logo se dissipou: não era uma encenação. O momento entrou para a lista de vexames da cerimônia e provocou discussões infindáveis entre os que defendiam o astro e os que o criticavam, levantando debate sobre os limites do humor. Rock tirou Smith do sério ao ironizar o cabelo raspado de Jada. "Mal posso esperar por *G.I. Jane 2*", disse ele, em referência ao filme de 1997 que, no Brasil, foi traduzido como *Até o Limite da Honra*. Nele, Demi Moore é uma militar que exibe o mesmo look careca de Jada. O comediante não sabia que a esposa de Smith sofre de alopecia, condição que afeta o couro cabeludo — mas isso não justificava, claro, a agressão do marido ressentido. Pouco depois, Smith confirmou seu favoritismo ao Oscar de ator, levando a estatueta por *King Richard: Criando Campeãs.* Aceitou o prêmio em meio às lágrimas e se desculpou com os presentes. "Nessa indústria, temos de ouvir pessoas que nos desrespeitam com um sorriso no rosto, fingindo que está tudo bem", disse. O pedido de desculpas a Chris Rock foi feito no dia seguinte, em um mea-culpa do ator nas redes sociais, condenando todo tipo de violência. Em resposta ao bafão, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, responsável pelo Oscar, baniu Smith de todos os seus eventos por dez anos. Após uma reclusão de quatro meses, durante a qual ele disse ter pensado sobre a vida, o ator retor-

nou à ativa. Envolveu-se na produção de séries e documentários e voltou a ser visto na tela em *Emancipation*, filme com orçamento de 120 milhões de dólares da Apple TV+, no qual vive um negro escravizado fugitivo. O drama foi rodado com a pretensão de conquistar indicações ao Oscar — especialmente para Smith. Se chegar lá outra vez, ele não poderá comparecer ao prêmio — nem estapear quem o irritar na festa. ■

Raquel Carneiro

A HORA DA RECONEXÃO

SEGUNDO O FILÓSOFO Søren Kierkegaard (1813-1855), a vida só pode ser de fato compreendida ao se olhar para trás, ou seja, para o que passou. Mas com uma ressalva: "Ela só pode ser vivida olhando-se para frente". A fala do pensador dinamarquês se aplica bem à produção cultural que foi digna de nota neste ano. Do cinema à TV, passando pela música e pela literatura, o passado e o presente se mesclaram, possibilitando uma visão em retrospecto de personalidades e eventos da vida real, assim como um passeio profundo pelas relações que dão significado à vida humana. Afinal, depois de dois anos duros de pandemia e de um luto generalizado, o mundo voltou a algo próximo da normalidade. No cinema, o belíssimo filme *Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo* retratou uma típica família de imigrantes chineses nos Estados Unidos. Entre viagens por realidades paralelas, o longa explora a questão ensurdecedora: "e se?". E se a protagonista tivesse tomado uma decisão diferente no passado, ela seria mais feliz hoje? Foi ao olhar para trás também que a escritora francesa An-

nie Ernaux estabeleceu uma narrativa própria que lhe rendeu o Nobel da Literatura em 2022 — coincidentemente, a obra da autora, que escreve sobre eventos pessoais conectados à história mundial, chegou ao Brasil com força neste ano. Na TV, o enorme volume de séries lançadas pelas plataformas de streaming encarou um concorrente imbatível: o derivado de *Game of Thrones, A Casa do Dragão.* A superprodução da HBO, inicialmente, causou desconfiança: a preocupação era que ela nada mais fosse que um pastiche da antecessora. Mas a série mostrou a que veio ao explorar com vigor notável o mundo fantástico criado por George R.R. Martin. O passado distante ecoou ainda entre os mais jovens. O cantor pop Harry Styles lançou seu terceiro álbum, *Harry's House,* mergulhado em referências do rock dos anos 70 e 80. De Styles a Ernaux, nota-se uma semelhança: não se trata de uma nostalgia pura e simples, mas sim de um acerto de contas com o que passou — em uma peneira que separa o que deve ser enterrado do que deve ser reverenciado. Que o diga a sequência de *Avatar,* lançada treze anos depois de sua estreia explosiva em 2009. A megaprodução chegou na hora certa: o mundo está pronto para seguir adiante — e qualquer empurrãozinho é bem-vindo. Nas páginas a seguir, confira o melhor do entretenimento em 2022.

1 TUDO EM TODO O LUGAR AO MESMO TEMPO

(*EVERYTHING EVERYWHERE ALL AT ONCE*; ESTADOS UNIDOS; 2022)

Envolta por uma montanha de papéis, Evelyn (Michelle Yeoh) organiza documentos para prestar contas à Receita. Ao mesmo tempo, administra a lavanderia da família, alfineta constantemente o marido e cuida do pai idoso. A cereja do bolo de sua lista de problemas é a filha, Joy (Stephanie Hsu). A garota é a primeira entre eles, imigrantes chineses, a nascer nos Estados Unidos, e destoa em tudo da mãe — e, para o pavor de Evelyn, ela planeja apresentar a namorada ao avô retrógrado. Os diretores Dan Kwan e Daniel Scheinert pincelam rapidamente essa introdução: com criatividade e domínio narrativo invejável, a dupla dá um giro de 360 graus na trama, levando os personagens e o público a uma viagem para lá de inesperada. Evelyn é interceptada por uma versão de seu marido de outra realidade que a expõe a outras versões dela mesma, fruto de decisões diferentes das que ela tomou na vida. Em uma delas, se não se casasse, Evelyn seria uma estrela de cinema. Mas seria mais feliz? A questão embala o passeio filosófico regado a humor, drama e ação no filme que logo se revelou uma pérola do cinema mundial.

FAMÍLIA INCOMUM *Tudo em Todo o Lugar:* um filme que viaja por realidades paralelas

WARNER BROS.

MUNDO MÁGICO O novo *Avatar*: James Cameron inova – e deslumbra – de novo

2 AVATAR: O CAMINHO DA ÁGUA

***(AVATAR: THE WAY OF WATER;* ESTADOS UNIDOS; 2022)**

Quando lançou *Avatar,* em 2009, o diretor canadense James Cameron revolucionou o cinema. Câmeras exclusivas em 3D foram criadas especialmente para a produção, que soma 2,9 bilhões de dólares em bilheteria — um recorde ainda inalcançado. Perfeccionista, Cameron demorou treze anos para finalizar a primeira de quatro sequências e elevou o nível de dificuldade das filmagens a outro patamar. Rodada principalmente embaixo d'água, a trama retorna à mítica Pandora e oferece mais cenas deslumbrantes e uma nova mensagem ecológica: para Cameron, proteger o planeta é primordial — e seus filmes são ferramentas para angariar adeptos à causa.

3 ELVIS

***(ELVIS;* ESTADOS UNIDOS E AUSTRÁLIA; 2022)**

O diretor Baz Luhrmann é afeito a estéticas espalhafatosas — prova disso é seu filme mais famoso, *Moulin Rouge*. Logo, havia o receio de que o cineasta australiano transformasse a cinebiografia de Elvis Presley em uma caricatura do cantor. Mas, ainda bem, essa expectativa não se cumpriu: *Elvis* apresenta um roqueiro cool e muito distante do cara cafona e inchado que morreu aos 42 anos, imagem que ficou gravada na memória emotiva das pessoas. O filme é narrado pelo seu controverso empresário, o Coronel Parker (um canastrão Tom Hanks), com o excelente Austin Butler no papel principal. A trilha é um deleite à parte: versões atuais das músicas de Elvis mostram que o cantor nunca esteve tão vivo.

---

4 O HOMEM DO NORTE

***(THE NORTHMAN;* ESTADOS UNIDOS E CHINA; 2022)**

Os vikings pontificaram na Europa medieval por menos de 300 anos, entre 793 e 1066 — mas, ao menos na cultura pop, seu reinado continua fortíssimo. Para além da pancadaria e da testosterona, o diretor americano Robert Eggers provou no excepcional *O Homem do Norte* que é possível extrair lições profundas da civilização viking. A história de Amleth, guerreiro em busca de vingança contra o tio que usurpou o trono de seu pai, vem da mesma fonte do folclore nórdico que inspirou uma seminal tragédia de

Shakespeare, o *Hamlet*. Alexander Skarsgard transpira masculinidade tóxica na pele do protagonista desta trama que ensina como o ódio e a violência envenenam e corrompem as relações humanas.

---

5 MEDIDA PROVISÓRIA

(BRASIL; 2022)

Num futuro com a cara do Brasil do presente, o governo cria uma lei draconiana: a título de "reparação", os descendentes de escravos são brindados com a deportação de volta para a África de seus ancestrais. O primeiro longa com direção de Lázaro Ramos começou a ser gestado antes da chegada do bolsonarismo ao poder, mas mexeu num vespeiro em momento oportuno: ao expor sem meias-palavras as chagas do racismo e o cinismo odioso que cerca o tema, o filme sofreu tentativa de boicote e incendiou a polarização nas redes sociais. Ao final, a distopia protagonizada por Taís Araujo e pelo inglês Alfred Enoch, como o casal que conduz a resistência à lei fictícia, fez bela carreira nos cinemas — provando que uma trama pode ser politizada sem abdicar de entreter. ■

TELEVISÃO

ESTUPENDA Rhaenyra Targaryen: nomeação de mulher para o trono é pontapé inicial de conflito familiar com dragões

WARNER BROS.

1 A CASA DO DRAGÃO
(HBO E HBO MAX)

Rhaenyra Targaryen era adolescente quando recebeu do pai a tarefa de sucedê-lo no Trono de Ferro. Sem herdeiros homens para assumir a coroa, o rei Viserys desafiou as tradições ao nomear a filha para o posto mais cobiçado dos Sete Reinos — isso, até o nascimento de Aegon, seu primogênito masculino do segundo casamento, pôr em xeque a escolha de Rhaenyra. O embate sobre qual dos irmãos deve prevalecer detona a incendiária disputa familiar que vai dilacerar o clã Targaryen. O visual suntuoso e minuciosamente filmado dos gigantes alados bailando pelos céus, por si só, põe a série na dianteira entre as melhores do ano. Mas não só: com um roteiro afiado inspirado no livro *Fogo e Sangue*, de George R.R. Martin, a série devolveu ao público a atmosfera magistral de *Game of Thrones* — e venceu de lavada a guerra na seara da fantasia contra o decepcionante *O Senhor dos Anéis: Anéis de Poder*, da Amazon. Ambientada quase 200 anos antes do nascimento de Daenerys Targaryen, estrela da série anterior, *A Casa do Dragão* retoma elementos cativos daquele universo, como o fato de que não há mocinhos ou vilões — apenas humanos movidos pela sede de poder.

PERTURBADOR
Scott em *Ruptura:* divisão entre vida pessoal e profissional

APPLE TV+

2 RUPTURA
(APPLE TV+)

Como tantos humanos, Mark (Adam Scott) deixa boa parte da vida de lado para focar na carreira. Mas ele não é um funcionário comum: para ser contratado, Mark e os colegas de trabalho enfrentaram um procedimento misterioso que separa o cérebro em duas áreas distintas, a profissional e a pessoal. Quando deixa o escritório no fim do dia, ele não se lembra do que aconteceu ali, preservando segredos corporativos. Tampouco sabe o que se passa em sua vida privada enquanto cumpre as funções mecânicas do dia a dia. Com toques na medida certa de humor ácido e um clima distópico assustador, a produção surgiu discreta, mas sua premissa original e bem executada se revelou um estudo perturbador sobre os males do capitalismo e o poder das grandes corporações sobre a vida humana.

3 O URSO
(STAR+)

A cozinha do The Beef é uma panela de pressão prestes a explodir. Claustrofóbica e barulhenta, ela é assumida pelo talentoso chef Carmen "Carmy" Berzatto (Jeremy Allen White) após a morte do irmão, antigo dono do local, que lhe deixou a lanchonete em testamento. Diante de uma equipe desregrada, e longe do renome das estrelas Michelin, Carmy e os demais funcionários do local precisam lidar com o luto da morte repentina enquanto enfrentam os desafios de salvar o estabelecimento. Com uma premissa simples e execução visceral, a série transporta o espectador para a realidade sufocante das cozinhas profissionais, um cenário que se revela a síntese de sentimentos complexos do ser humano, como a busca pela perfeição e a dificuldade em lidar com os próprios sentimentos.

---

4 PACTO BRUTAL
(HBO E HBO MAX)

No fim de 1992, o assassinato da atriz Daniella Perez, 22 anos, mocinha da novela *De Corpo e Alma*, chocou o Brasil pelas circunstâncias inacreditáveis: os autores do crime eram Guilherme de Pádua, colega de elenco da vítima, e sua então esposa, Paula Thomaz. O casal a emboscou e matou com dezoito golpes de punhal. Ambos foram condenados, mas cumpriram só um terço de suas penas (Pádua mor-

reu em novembro passado). A minissérie documental revisita a macabra história e entrevista pessoas próximas a Daniela, expondo a determinação de Gloria Perez, mãe da atriz e autora da novela em que ela atuava, em investigar a morte. Ao recontar o caso de forma esclarecedora trinta anos depois, a série se revelou um competente exemplar nacional do filão do *true crime*.

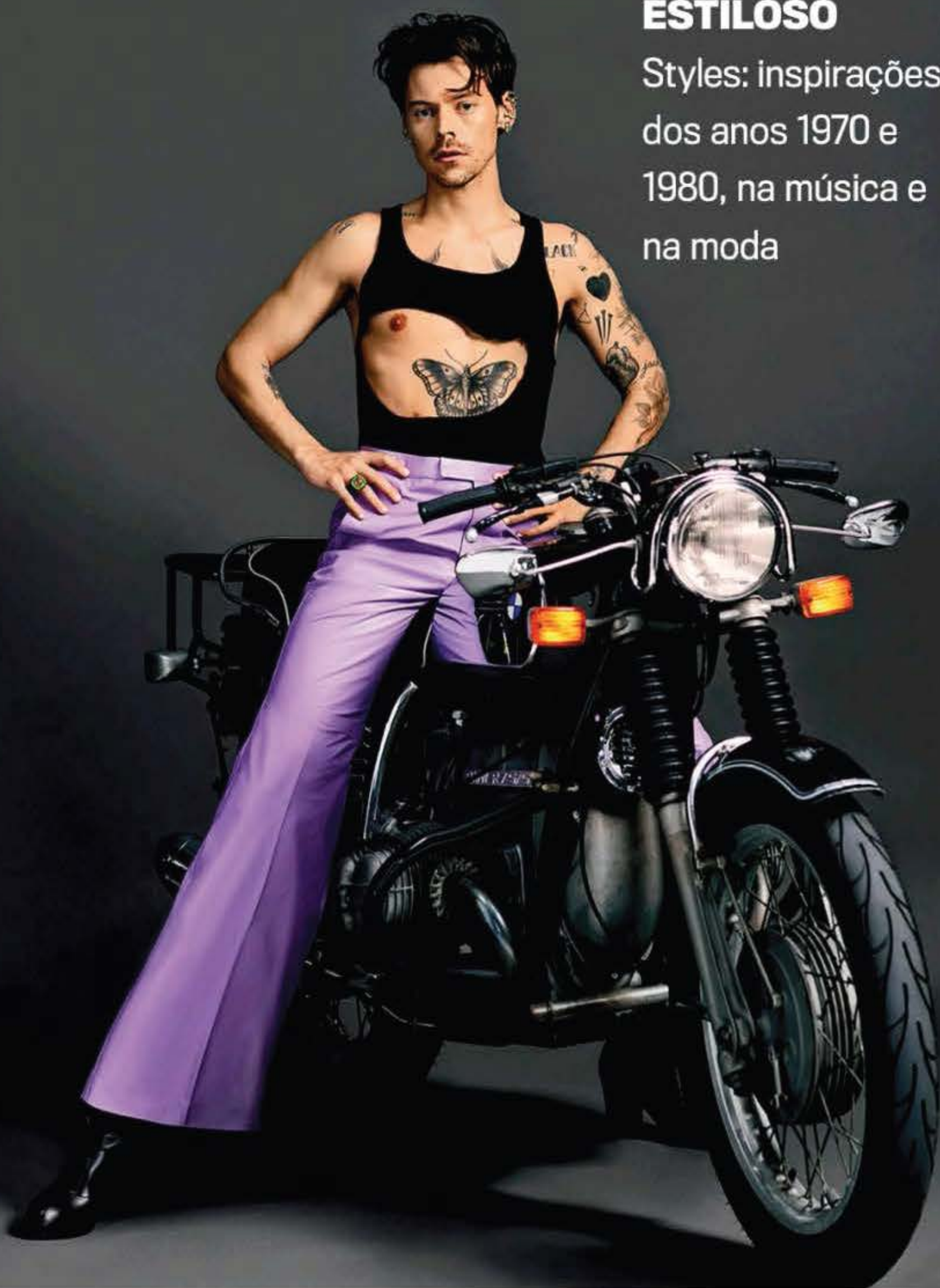
---

5 HEARTSTOPPER
(NETFLIX)

Charlie (Joe Locke) é um garoto que se assumiu gay na adolescência. Apesar do apoio da família e dos amigos, os homofóbicos da escola não se cansam de enchê-lo. O garoto recluso ganha outro incentivo para ir ao colégio quando conhece Nick (Kit Connor), a estrela do time de rúgbi que arranca suspiros das meninas — e também de Charlie. A paixão se revela recíproca. Com leveza e graciosidade, a série juvenil fez bonito ao pegar os clichês típicos de tramas adolescentes com heterossexuais e aplicá-los à vida dos jovens gays. Assim, assinalou uma virada e tanto na forma como a TV retrata esse universo: em vez de só conflitos e incompreensão, esses jovens agora têm direito a final feliz — com respaldo de pais amorosos, professores compreensíveis e até um crush para chamar de seu. ■

MÚSICA

ESTILOSO
Styles: inspirações dos anos 1970 e 1980, na música e na moda

FACEBOOK @HARRYSTYLES

1 HARRY'S HOUSE, **DE HARRY STYLES (SONY; NAS PLATAFORMAS DE STREAMING)**

Aos 28 anos, o cantor inglês galvanizou as atenções em 2022 e se firmou como uma das principais estrelas da música — como os brasileiros puderam comprovar nos cinco shows lotados que fez há pouco em São Paulo, Rio e Curitiba. Em seu terceiro álbum, *Harry's House*, lançado em março, Styles deixou no passado as banalidades de seu antigo grupo adolescente, One Direction, para mergulhar em canções de apelo popular e com deliciosas referências ao que de melhor foi feito no funk, folk e rock dos anos 1970 e 1980. Não por acaso, a versão em vinil do álbum bateu o recorde de vendas em sua primeira semana nos Estados Unidos. Dono de uma sexualidade fluida, Styles também influenciou toda uma nova geração de jovens que replicam seu jeito de se vestir. Para além da música, ele investiu no cinema ao estrelar os filmes *Meu Policial* (Amazon Prime Video) e *Não Se Preocupe, Querida* (HBO Max). Como ator, porém, se provou um ótimo cantor. Nem precisa mais que isso.

2 RENAISSANCE, **DE BEYONCÉ (SONY; NAS PLATAFORMAS DE STREAMING)**

Numa virada inesperada, Beyoncé voltou às raízes — que bom. Nos últimos seis anos, a cantora se dedicou à produção de álbuns grandiosos e conceituais — manifestos que em nada lembravam o passado pop da ex-Destiny's Child. Em *Renaissance*, as noitadas eletrônicas que fizeram sucesso nos anos 1970 e 1990 dominam. No single *Break My Soul*, ela busca inspiração em *Show Me Love*, de Robin S., hit que levou muitos brasileiros a comprar a coletânea farofa *Summer Eletrohits*. Mas é nos primórdios da discoteca, nos anos 1970, que Beyoncé buscou a marca mais evidente da sua guinada para as pistas de dança: a faixa *Summer Renaissance* sampleia o clássico *I Feel Love*, de Donna Summer. Beyoncé foi ao passado para fazer de 2022 um irresistível convite à diversão.

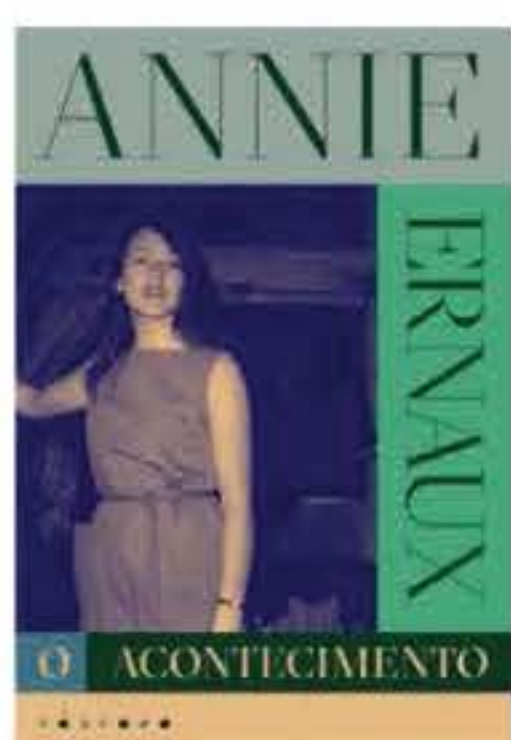
3 THE TIPPING POINT, **DE TEARS FOR FEARS (UNIVERSAL; NAS PLATAFORMAS DE STREAMING)**

Por vinte anos, divergências criativas separaram os britânicos Roland Orzabal e Curt Smith e colocaram seu Tears For Fears, uma das mais relevantes bandas de synth-pop da história, em estado de hibernação. Mas a dupla finalmente superou

suas rusgas em 2022. Para além da afinidade musical, a razão para a retomada da amizade, abalada por brigas financeiras, foi a morte de Caroline, esposa de Orzabal. Após a tragédia, ele percebeu que seu parceiro de longa data seria um porto seguro para enfrentar o luto. No novo trabalho, eles provaram que o tempo não afetou em nada a criatividade do Tears For Fears. As letras continuam falando sobre questões existenciais, e a finitude da vida é um tema que surge na bela faixa-título, escrita logo após a morte de Caroline.

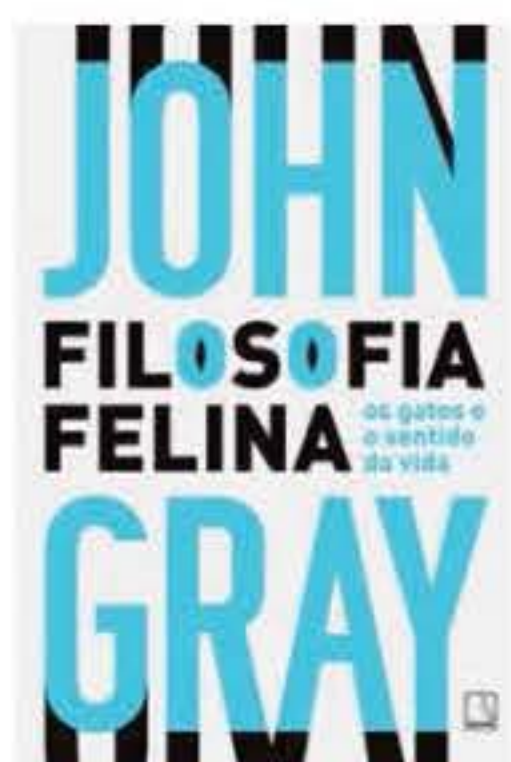
LIVROS

LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

CORAJOSA Annie Ernaux: dama do gênero apelidado de "autossociobiografia"

1 O ACONTECIMENTO,

DE ANNIE ERNAUX (TRADUÇÃO DE ISADORA DE ARAÚJO PONTES; FÓSFORO; 80 PÁGINAS)

Ao eleger Annie Ernaux como Nobel de Literatura em 2022, a Academia sueca destacou duas qualidades da francesa de 82 anos. A primeira era sua coragem rara de tecer opiniões espinhosas. A segunda, a forma cirúrgica como seus livros unem o passado pessoal da autora ao contexto histórico e social da França do século XX. A combinação, apelidada de "autossociobiografia", chega ao ápice em *O Acontecimento*. Lançado na França em 2000 (e no Brasil neste ano), a obra demandou maturação de quarenta anos sobre um evento traumático: em 1963, aos 23 anos, Annie, estudante de letras, fez um aborto. A narrativa poética mas brutal ainda é capaz de chocar um mundo que diverge sobre o tema — tanto que a adaptação do livro para o cinema impactou o Festival de Veneza, levando o Leão de Ouro neste ano.

---

2 FILOSOFIA FELINA,

DE JOHN GRAY (TRADUÇÃO DE ALBERTO FLAKSMAN; RECORD; 140 PÁGINAS)

O respeitado filósofo inglês John Gray, 74 anos, é um elurófilo — ou seja, um gateiro de carteirinha. Ao observar o animal de estimação, ele desenvolveu uma tese bem-humorada: com sua personalidade admirável, os bichanos podem ensi-

nar, e muito, aos seres humanos sobre como viver. Ansiosas por se enquadrar em grupos e ideologias, sendo assim submissas às lideranças, e desidratadas pela busca incessante de uma felicidade inalcançável, as pessoas perdem um tempo precioso da vida. Enquanto isso, os gatos aproveitam o presente e não esperam a aprovação alheia. Ao contrário dos cães, os bichanos é que "adestraram" os humanos — numa parceria que, desde a Antiguidade, funciona bem.

---

3 EM BUSCA DE MIM,
DE VIOLA DAVIS (TRADUÇÃO DE KARINE RIBEIRO; BESTSELLER; 266 PÁGINAS)

Dona de um Oscar, um Emmy, dois Tony e um riso largo e contagiante, Viola Davis veio da miséria e encontrou na atuação uma cura, ao transferir suas dores para personagens intensamente humanas. No livro de memórias, narra uma infância de privações: ao lado das cinco irmãs, passava fome e frio em um lar marcado pela violência. Na escola, era perseguida pelo terror do racismo. A obra é um mergulho profundo de Viola em si mesma, versando sobre coragem, medos, sonhos, e a luta pelo amor próprio. Por sua honestidade, trata-se de um dos mais fortes relatos já feitos por uma estrela de Hollywood. Viola não ganhou nada de mão beijada, mas aprendeu a brilhar. ■

VALMIR MORATELLI

VIRALIZAR É PRECISO

A disputa por cliques foi mais ferrenha do que nunca em 2022, o ano em que alguns nomes se destacaram pela quantidade de polêmicas, escândalos, birutices, derrapadas políticas e simples disposição de sair digitando nas redes, sem medo, nem censura...

INSTAGRAM @BRITNEYSPEARS

LIVRE, LEVE E NUA

Encerrando no final do ano passado treze longos anos de tutela imposta pela Justiça por questões de saúde mental, que deu ao pai, Jamie, total controle sobre sua vida, a cantora **BRITNEY SPEARS,** 40 anos, atravessou este 2022 empenhada em recuperar o tempo perdido. De preferência, sem roupa. O casamento com Sam Asghari, em junho, rendeu uma lua de mel super à vontade no México, mas Britney não precisa viajar para se despir — vira e mexe tira fotos no próprio banheiro do jeito que veio ao mundo. O furor libertário se desenrola junto com relatos pungentes dos tempos de tutelagem. "Todo dia falavam que eu estava gorda. Ficava desmoralizada. Eles faziam com que eu me sentisse um nada", declarou em agosto em um vídeo de 22 minutos no YouTube que foi apagado em seguida. Desabafo feito, lá se foi ela postar mais nudes.

PERRENGUES EM EXIBIÇÃO

RENAM CHRISTOFOLETTI/INSTAGRAM @LUAPIO

Mesmo estando a um oceano de distância, **LUANA PIOVANI,** 46, continua causando furor e expondo, tim-tim por tim-tim, seus perrengues na internet. Ao se recusar a ceder imagens dos três filhos conversando por vídeo com o ex-marido Pedro Scooby, que estava confinado no *Big Brother Brasil,* comprou briga até com o diretor da atração, Boninho. "Não estou aqui para ficar quietinha, exibindo sorrisinho de Mona Lisa", disse Luana na ocasião. Morando atualmente em Cascais, a atriz, depois de dez anos longe das novelas, faz o papel de vilã em *Sangue Oculto,* em cartaz na TV portuguesa. Contratada por um ano, conta que acaba de renegociar o contrato e que, embora o cachê não tenha aumentado, a carga de trabalho diminuiu. "Gravo dez horas por dia, sendo uma de refeição. Fiquei satisfeita. Meu tempo é meu bem mais precioso", declara. O Twitter que se prepare.

GUERREIRO DOS TUÍTES

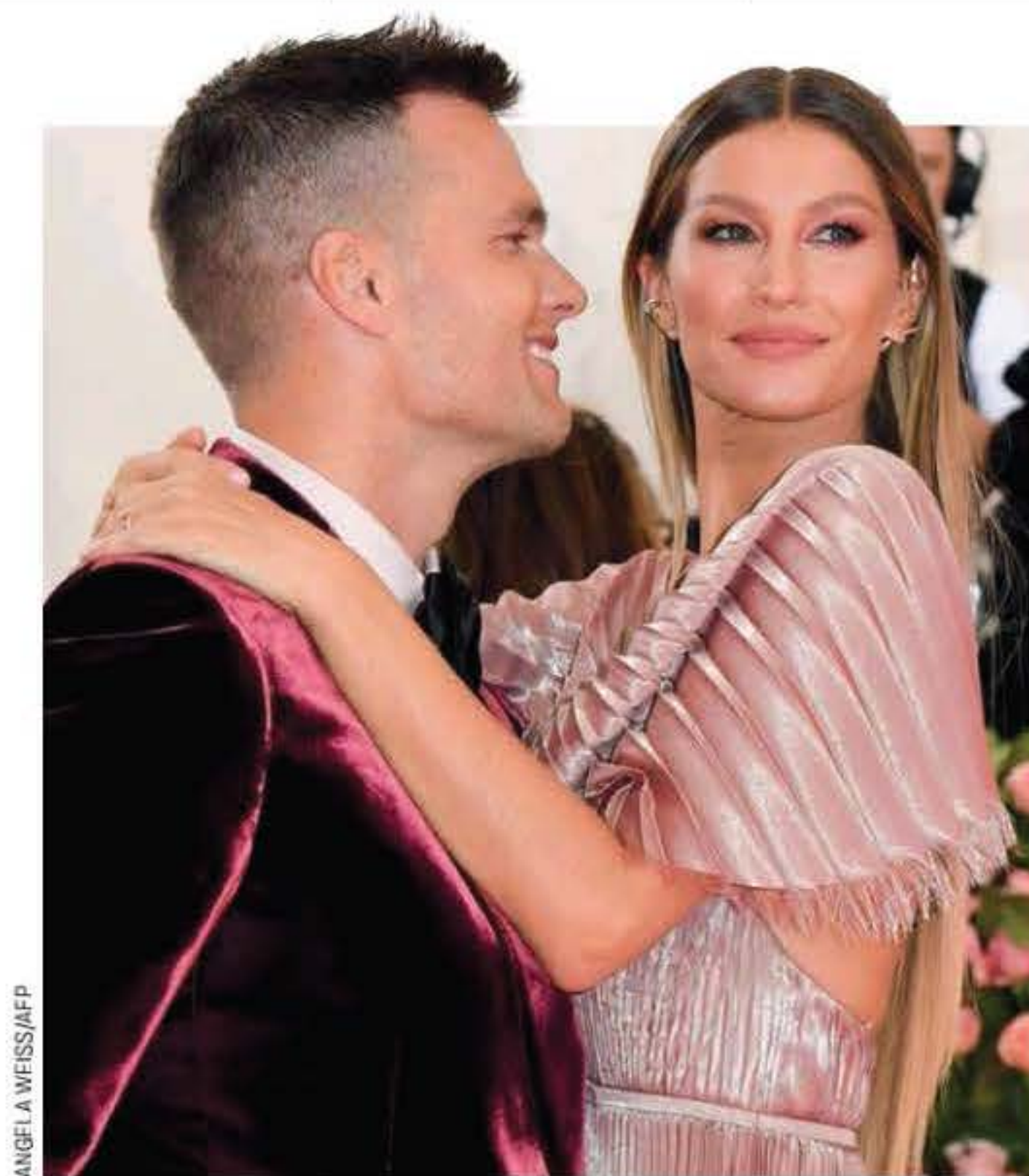
NOAM GALAI/GETTY IMAGES

O bilionário **ELON MUSK,** 51 anos, acaba o ano do jeito que mais gosta: mergulhado em controvérsia – a inspiração, talvez, para a fantasia de "guerreiro gótico" que escolheu para o Halloween. Ao longo do ano postou, sem ser convidado, soluções esdrúxulas para o status de Taiwan e a guerra na Ucrânia e pediu votos para o Partido Republicano "pela alternância de poder", entre outras pérolas. No meio-tempo, confirmou o nascimento de gêmeos com a diretora de uma de suas empresas, completando dez filhos conhecidos. Tuiteiro inveterado, comprou o Twitter e com uma rede social para chamar de sua deve dar mais palpite ainda onde não é chamado. Isso, se tiver funcionários: demitiu metade e os que sobraram estão em debandada.

ENTRE ALTOS E BAIXOS

Ela continua em alta. Com um novo reality show no ar e os negócios indo de vento em popa, **KIM KARDASHIAN,** 42 anos, deslumbrou os seguidores ao subir as escadarias do Met Gala, em Nova York, usando o mesmíssimo e insinuante vestido com que Marilyn Monroe cantou o *Parabéns pra Você* mais sexy da história para o presidente John Kennedy (passando a porta de entrada, trocou por uma réplica). Detalhe que Kim só revelou recentemente: o zíper não transpôs o bumbum, apesar da perda de 8 quilos em duas semanas, e o fechamento nas costas teve de ser improvisado e disfarçado por uma estola de pele. Já o ex **KANYE WEST,** 45, autorrenomeado Ye, foi mal: entre muitas barbaridades proferidas ao longo do ano, declarou "morte aos judeus" ("Fui incompreendido", alegou), perdeu milhões em patrocínios e se recolheu.

FPA/AFP

ANGELA WEISS/AFP

ANO DE BRUXA SOLTA

Casal bonito, filhos lindos, milhões na conta bancária, mansões por toda parte – e, quando ninguém esperava, eis que a vidinha perfeita de **GISELE BÜNDCHEN** e **TOM BRADY** acabou em divórcio, seguido e comentado passo a passo pelos sites de fofoca e pelas redes sociais. Supostamente, Gisele, 41 anos, não se conformou com a volta de Brady, 45, ao futebol americano, depois de anunciar a aposentadoria. Ainda supostamente, já teria namorado novo: Joaquim Valente, brasileiro, instrutor de jiu-jítsu em Miami. Fato mesmo é que, mal consumado o divórcio, o casal se viu de volta aos tribunais, acusado de cumplicidade na falência da plataforma de criptomoedas FTX. Gisele e Brady gravaram comerciais e investiram em ações da empresa, que, mal administrada, fechou as portas e deixou mais de 1 milhão de clientes a ver navios.

INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

DONA DE SEU NARIZ

Namorada do músico Diogo Nogueira, atriz da novela das 7, *Cara e Coragem*, **PAOLLA OLIVEIRA,** 40 anos, passou boa parte do ano sendo cobrada pelo fato de ainda não ser mãe – como se as redes sociais tivessem alguma coisa a ver com isso. Bem resolvida, ela não dá bola para a interferência. "Maternidade já foi uma pergunta, depois uma pressão. Fiz congelamento de óvulos para que fosse uma decisão", diz, sem pressa de ter filhos. Na reta final da novela, Paolla só quer saber de descansar e viajar. O único plano para o futuro é conquistar o bicampeonato como rainha da bateria da Acadêmicos do Grande Rio, onde rebola há quatro carnavais. Vencedora deste ano, a escola prepara para 2023 um enredo sobre Zeca Pagodinho.

A VOLTA POR CIMA

Nada como um abuso após o outro. Depois de sair em desgraça de um processo em Londres, onde a Justiça recusou sua alegação de difamação por ter sido chamado de “espancador de mulher” por um tabloide, **JOHNNY DEPP,** 59 anos, levou o drama de sua relação com Amber Heard, 36, para um tribunal do estado da Virgínia, nos Estados Unidos, onde os dois se processavam mutuamente por crueldades sem fim. No julgamento com transmissão ao vivo, ele saiu ganhando, com direito a indenização de 1,2 milhão de dólares (ela levou 250 000, ou seja, tem de lhe pagar 950 000). Além do checão, Depp deixou o tribunal redimido: aparece tocando guitarra em shows lotados e, glória das glórias, fez uma ponta em um vídeo da cantora Rihanna.

MICHAEL REYNOLDS/EPA/EFE

POSES NA GUERRA

Em plena invasão da Ucrânia pela Rússia, com o marido vivendo em bunkers e ela mesma correndo risco, a mulher de Volodymyr Zelensky, **OLENA ZELENSKA,** 45 anos, apareceu na edição digital da *Vogue* de outubro em um ensaio realizado em Kiev pela célebre fotógrafa Annie Leibovitz. As poses em frente ao Parlamento e com grupos de soldadas, apesar das roupas sóbrias e da maquiagem discreta, não pegaram bem: como ela pode, em plena guerra, posar para uma revista dedicada à elite e ao supérfluo?, bradaram as redes. "Prefiro fazer algo e ser criticada a não fazer nada", disparou Olena. Em novembro, ela apareceu de novo: fez um discurso-surpresa no palco do Web Summit, em Lisboa, onde pediu que a tecnologia seja usada "para criar, salvar e ajudar as pessoas, e não para destruí-las".

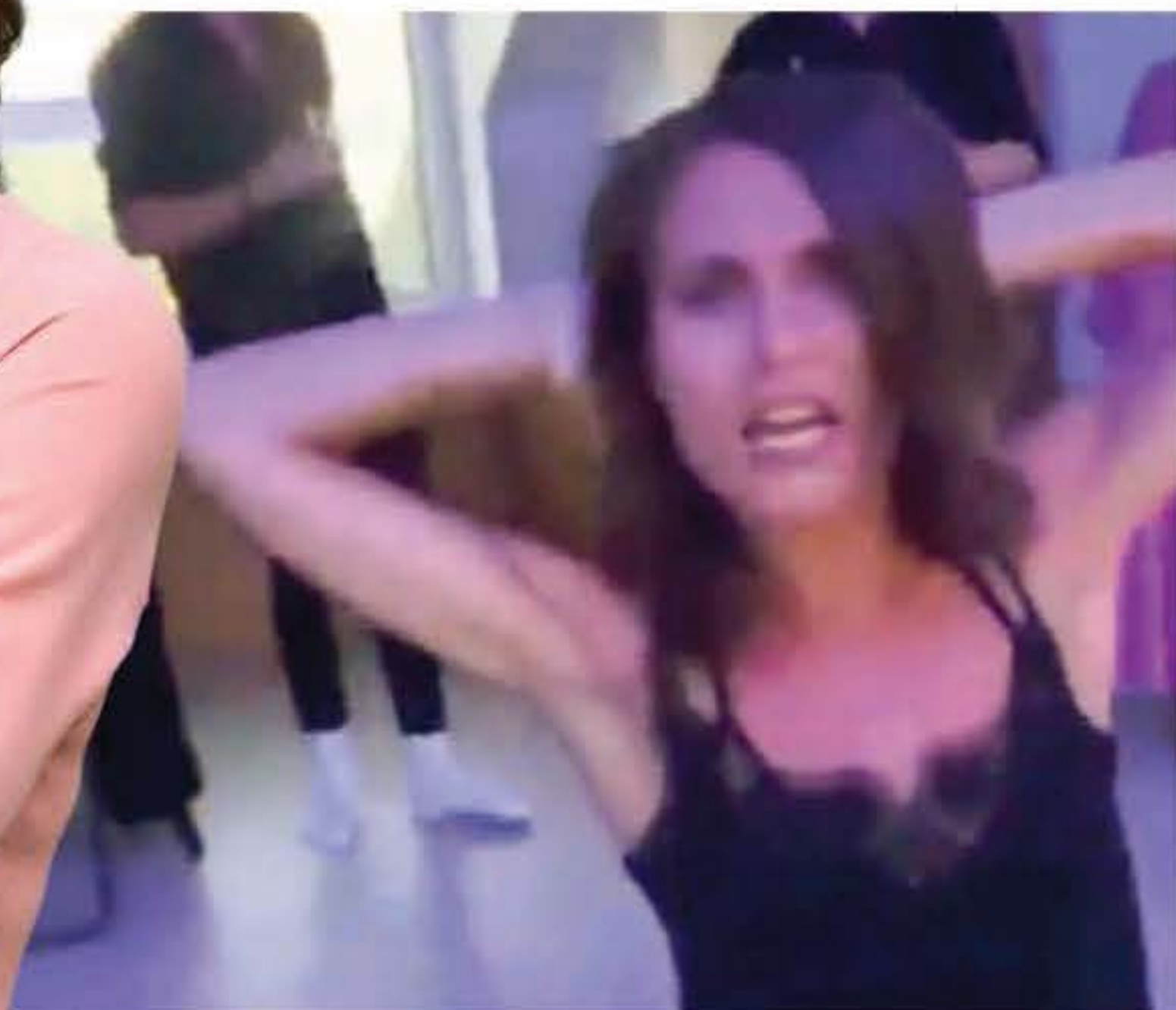
ANNIE LEIBOVITZ/INSTAGRAM @OLENAZELENSKA_OFFICIAL

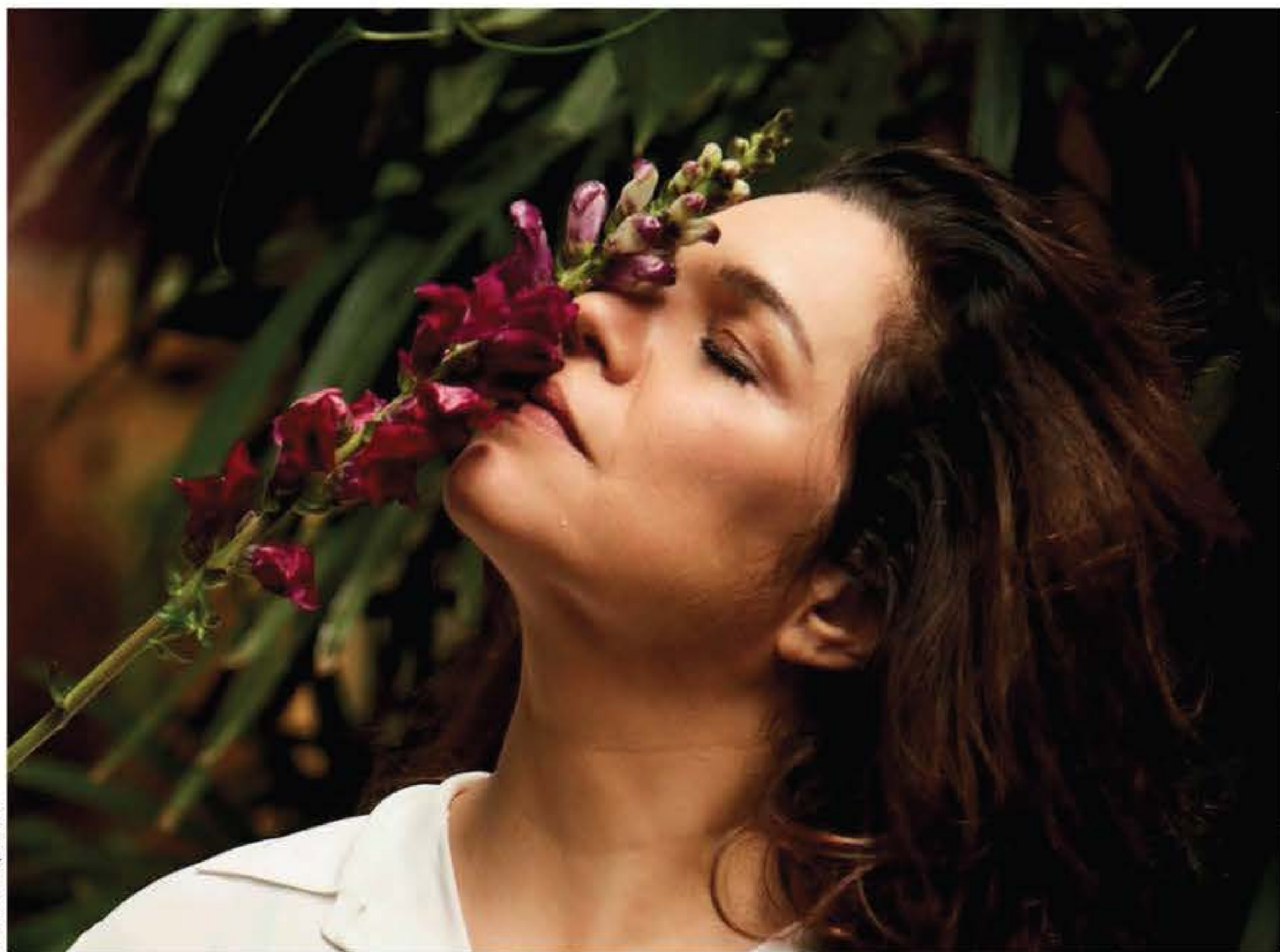
FACEBOOK @GIOVANNAEWBANKOFICIAL

RACISMO, NÃO

Racismo é uma ferida aberta no cotidiano de **GIOVANNA EWBANK,** 35 anos, e **BRUNO GAGLIASSO,** 40, desde que adotaram na África os filhos Títi e Bless, de 9 e 7 anos. Em julho, mais um episódio explícito em um restaurante em Portugal, onde passavam as férias, viralizou nas redes sociais: quando uma cliente branca atacou as crianças com xingamentos sobre sua cor, Giovanna não teve dúvida — confrontou a mulher, que acabou presa. "Foi a primeira vez que a minha filha me viu combatendo o racismo de frente", diz ela, que também é mãe de Zion, 2. Enquanto protege a prole, o casal segue atuando em streamings rivais. Giovanna interpreta uma bruxa em *A Magia de Aruna,* produção da Disney+ com lançamento previsto para 2023. Gagliasso está em *Santo,* da Netflix, que vai emendar com o longa *Biônicos,* da mesma plataforma.

ELA DANÇA. E DAÍ?

Escândalo: a primeira-ministra da Finlândia, **SANNA MARIN,** 37 anos, vai a festas, bebe e até recebe amigos na residência oficial. Vídeos mostrando Marin dançando e se divertindo e duas amigas dela trocando afagos no gabinete oficial viralizaram e desencadearam frenéticas reações em agosto, com os conservadores condenando a "conduta imprópria" da primeira-ministra. "Sou humana. Às vezes preciso de alegria, luz e diversão em meio a tantas nuvens sombrias", justificou-se, antes de fazer um teste para provar que não usava drogas. Em novembro, a revanche: o órgão encarregado de analisar denúncias contra servidores públicos concluiu que "não há razão para suspeitar de qualquer conduta ilegal da primeira-ministra no desempenho de seus deveres ou negligência de suas responsabilidades".

FACEBOOK @MARINSANNA; REPRODUÇÃO

FE PINHEIRO/GSHOW

ANTES TARDE DO QUE NUNCA

Atriz de longa carreira no teatro – 25 peças desde os 11 anos –, mas quase desconhecida na TV, **ISABEL TEIXEIRA,** 49 anos, fez o Brasil cair de amores por sua Maria Bruaca, na nova versão de *Pantanal* exibida pela TV Globo. Ao viver uma dona de casa submissa que se torna dona de si ao descobrir o prazer nos braços de outro homem, Isabel tocou em temas como violência doméstica, independência feminina e descoberta da sexualidade. "O machismo não saiu de moda, mas está passando por mudanças", festeja. Convidada a fazer outra submissa na próxima novela de Walcyr Carrasco, preferiu dar um tempo da telinha. "Preciso ficar em casa, preciso silenciar agora. Vou me dar isso de presente", avisa. ■

TEMPOS ÁSPEROS

Era natural, em ano de eleição e Copa do Mundo, que os nervos à flor da pele resultassem numa retórica para lá de acalorada – e nada indica que vá esfriar de vez

NOS ESTERTORES DA ERA BOLSONARISTA

"Lá no meu tempo, e isso é história, ou a mulher era professora, ou dona de casa. (...) Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade."

BOLSONARO, ao comemorar o dia internacional delas, com total falta de sensibilidade

JOÉDSON ALVES/EFE

"Muitas vezes eu me sinto ali um presidiário sem tornozeleira eletrônica."

O PRESIDENTE, a respeito da solidão no Palácio da Alvorada

"Não posso ser julgado pelo resto da vida por uma frase infeliz. Sou cristão e tenho uma confissão a fazer: todos os dias, dobro meus joelhos, rezo um pai-nosso e peço a Deus que o nosso povo não experimente as dores do comunismo."

EM ENTREVISTA A VEJA, no início de outubro, a respeito de suas estultices misóginas, ao dizer que "fraquejara" por ter tido uma menina

"Outro dia eu falei... 'a mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho'. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu... P...a... Aonde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm de se adequar."

ELE, de novo, batendo na mesma tecla

"Soltaram os cachorros da homofobia, do machismo, do racismo e do preconceito."

FAFÁ DE BELÉM, a cantora "oficial" das Diretas Já e da escolha de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, em 1985, ao descrever o governo de Jair Bolsonaro

"Bolsonaro era só um personagem, como a Gretchen."

LUCIANA GIMENEZ, apresentadora, negando que fosse próxima do presidente, presença contumaz em seu programa nos tempos de deputado federal

"Poucas vezes na nossa história republicana o escritor, o artista, o produtor de cultura foram tão hostilizados e depreciados como agora. Há uma guerra em prol da desrazão e do conflito ideológico nas redes sociais."

GILBERTO GIL, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras

O *VERBATIM* DE ANITTA

INSTAGRAM @ANITTA

"Tem homem que não aguenta quando a mulher é independente."

"Eu não sou nem comunista, nem direita, nem esquerda, nem central, nem de quadro *(sic)*, nem de lado, nem de frente. Eu sou antipalhaçada, babaquice e coisa ruim."

"Independente do resultado das eleições, ninguém sairia inteiramente vencedor, pois uma nação dividida é uma nação em guerra. Uma nação em guerra é uma nação triste e adoecida."

A CANTORA: não há assunto que lhe tenha escapado

"Ainda não chegamos lá, mas o fim está à vista. (...) Já conseguimos ver a linha de chegada."

TEDROS ADHANOM GHEBREYESUS, o cauteloso diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS)

CHESNOT/GETTY IMAGES

"Não sou contra a vacina, mas sempre defendi a liberdade de escolher o que colocar dentro do meu corpo."

NOVAK DJOKOVIC, negacionista de raiz, que foi barrado de alguns torneios de tênis durante o ano justamente por não ter se vacinado contra a Covid-19

"Oi, sou Omarion. Um artista, não uma variante. Se passar por mim na rua, não precisa se isolar."

OMARION, cantor americano, fazendo piada no TikTok com a semelhança entre seu nome e o da mutação ômicron, em janeiro

JUSTIÇA SEJA FEITA

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

“Não há mais espaço para ações contra o regime democrático.”

LUIZ FUX, ministro que presidia o STF, ao abrir os trabalhos de 2022, em fevereiro

“Liberdade de expressão não é liberdade de agressão.”

ALEXANDRE DE MORAES, ministro do STF

IDADE JÁ NÃO É DOCUMENTO

"Eu acredito que você pode parecer e se sentir incrível e sexy em qualquer idade. Eu realmente não gosto da frase 'você fica bem aos 40', ou 'você fica bem aos 30', ou 'você fica bem aos 50'. Que tal apenas 'você parece bem'?"

JENNIFER LOPEZ,
cantora de 53 anos, agora senhora Ben Affleck

INSTAGRAM @JLOBEAUTY

"O que acho uma pena é viver num mundo ainda tão machista. O homem completa 60 anos e ninguém se espanta. E ainda falam: 'Olha como ele está gato, todo grisalho'. Vá tomar banho. É um coroa também, e está tudo bem."

JULIA LEMMERTZ, atriz de 59 anos

"Eu estou crescendo, gente, e estou com saudade dos meus 10 anos."

RAYSSA LEAL, ao fazer 14 anos em janeiro

"Gratamente imperfeita em um dia perfeito."

SHARON STONE, atriz de 64 anos, ao publicar foto de topless em sua conta no Instagram

ÀS URNAS, CIDADÃOS...

"Não tem necessidade de Carta ao Povo Brasileiro, as pessoas já conhecem o Lula. Não precisamos mais de um Palocci."

GLEISI HOFFMANN, presidente do PT, em janeiro

"O Alckmin é a contradição a tudo isso que fizemos e pretendemos fazer."

RUI FALCÃO, deputado federal, ex-presidente do PT, em janeiro

"Entre à direita, mas fora Bolsonaro."
"Vire à esquerda, mas não essa de goela."

CIRO GOMES, candidato derrotado à Presidência, emprestando sua voz às instruções do aplicativo de trânsito Waze

"Podem me chamar de fanática, podem me chamar de louca. Eu vou continuar louvando nosso Deus. Vou continuar orando (...) porque, por muitos anos, por muito tempo, aquele lugar foi consagrado a demônios... Planalto consagrado a demônios."

MICHELLE BOLSONARO, em culto na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte

"Tem aqui na América do Sul parece que uma cabeça de burro que força a gente para o lado esquerdo."

BOLSONARO, em junho. Os alvos eram Chile, Argentina e Venezuela

"A esquerda tem coração macio, mas miolo mole."

PAULO GUEDES, ministro da Economia

"Não gostaria de estar na situação de ter de escolher entre Lula e Bolsonaro. Mas realmente jamais votaria em Lula."

MARIO VARGAS LLOSA, escritor peruano Prêmio Nobel de Literatura, dando palpite sobre o Brasil

"Neste segundo turno voto por uma história de luta pela democracia e inclusão social. Voto em Luiz Inácio Lula da Silva."

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, nas redes sociais, entre o primeiro e o segundo turno

"O que está em jogo neste país não é paixão política. O que está em jogo é nossa nação. Querem entregar o Brasil para a China."

SILAS MALAFAIA, o pastor número 1 do governo

DO PAPA FRANCISCO, COM AMOR E SINCERIDADE

"Sabe o que eu preciso
para a perna? De tequila."

"Estar bem informado, ser ajudado a entender as situações com base em dados científicos, e não em notícias falsas, é um direito humano."

REPRODUÇÃO

"Sinto falta de andar pelas ruas."

PAPA FRANCISCO, ao ser flagrado por um repórter, em Roma, em breve visita a uma loja de discos de amigos de longa data

RONALD WITTEK/EPA/EFE

"Que mirás, bobo? Andá p'allá!"

LIONEL MESSI, agora campeão do mundo, na sua versão mercurial e maradoniana, ao esbravejar contra um jogador da Holanda

"No ano que vem, vou me permitir olhar fora das seleções e ficar com a dona Rose, que é a minha esposa. Eu não sei quanto tempo ela vai ficar contente com isso."

TITE, treinador da seleção

"Não vai ter outro Galvão na Globo, eu fazia tudo."

GALVÃO BUENO, o faz-tudo

"É um objetivo desse ano, vencer com as duas equipes, ganhar tudo com o PSG, ganhar tudo com a seleção."

NEYMAR, antes de embarcar para a Copa do Mundo

FOI UM RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA

"Sou um homem do século XIX. Não sei o que estou fazendo aqui."

PAULINHO DA VIOLA, um dos mais geniais compositores populares do século XX

"Na linha da vida, os mais velhos vão primeiro. Quando você pega uma inversão da linha da vida, um pai perdendo um filho, é muito duro. Eu jamais poderia imaginar que houvesse uma dor tão grande."

ABILIO DINIZ, 85 anos, empresário, ao comentar a morte do filho João Paulo Diniz, aos 58 anos

"Joguei ao lado de Pelé e fui entrevistado por Jô Soares. É o que digo quando quero me sentir importante."

TOSTÃO, craque do tri e cronista esportivo, o rei da modéstia

NÃO AO PRECONCEITO

"Essas mentalidades arcaicas precisam mudar e não têm lugar no nosso esporte."

LEWIS HAMILTON, piloto de Fórmula 1, reagindo à viralização de uma entrevista de Nelson Piquet em 2021 em que o brasileiro o chama duas vezes de "neguinho"

"Hoje eu resolvi falar: sou bissexual. Se era isso que faltava, o.k. Pronto."

RICHARLYSON, comentarista de futebol.

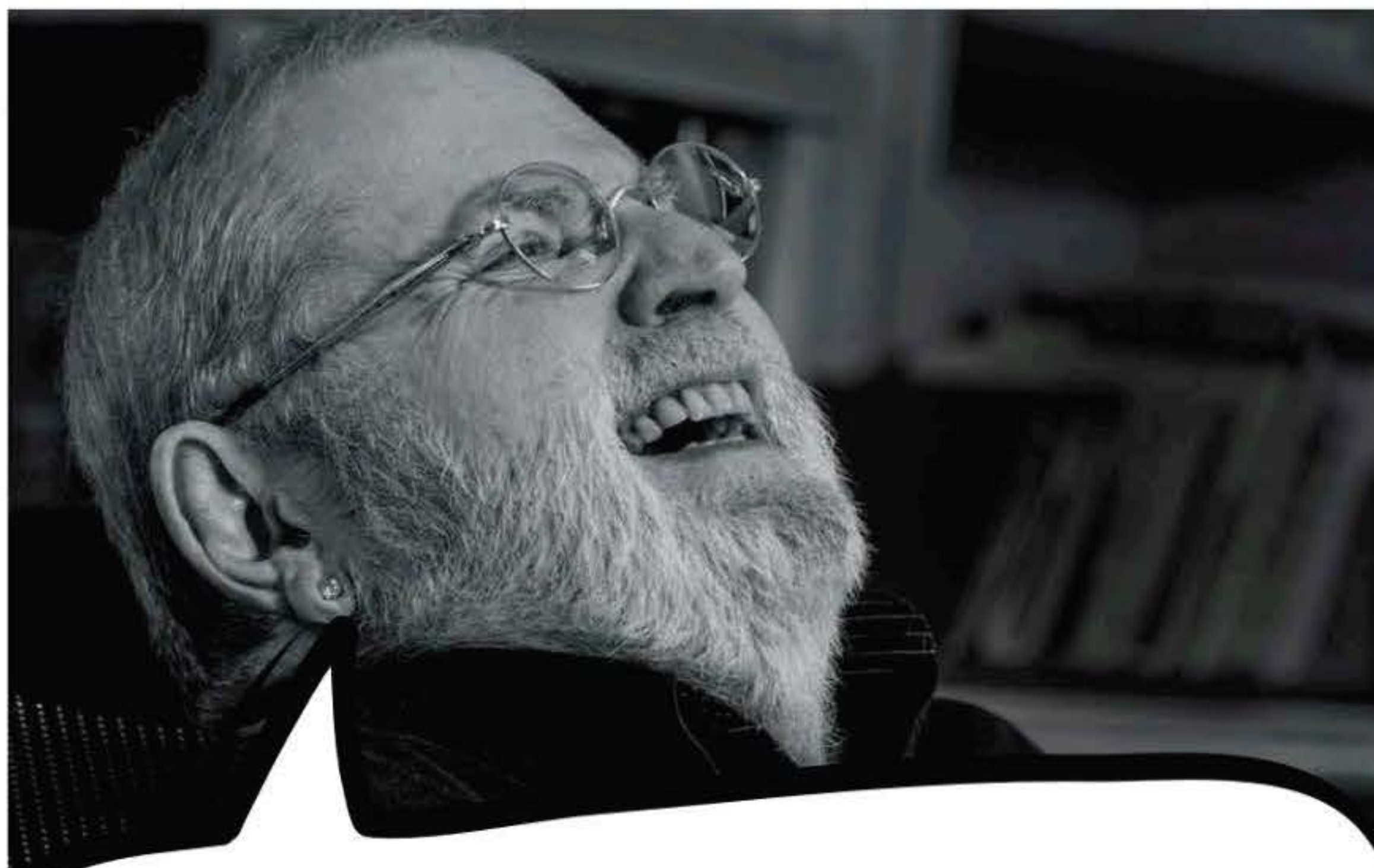
NA PRISÃO DAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM @DEDESECCO

"Conheço várias pessoas que são youtubers. E elas são escravas, velho!"
MARCOS PASQUIM, ator

"Claro que o que eu posto no Instagram é como me sinto bem. Coloco um filtro, com a câmera de cima, que emagrece horrores, que deixa a bunda mais redondinha."
DEBORAH SECCO, atriz

RIR FOI SEMPRE O MELHOR REMÉDIO

O sorriso largo do grande humorista parece indicar que as vidas que se foram em 2022, apesar da tristeza, não apagam as ideias de grandes figuras de um período – os séculos XX e XXI – de imensas transformações

LAILSON SANTOS

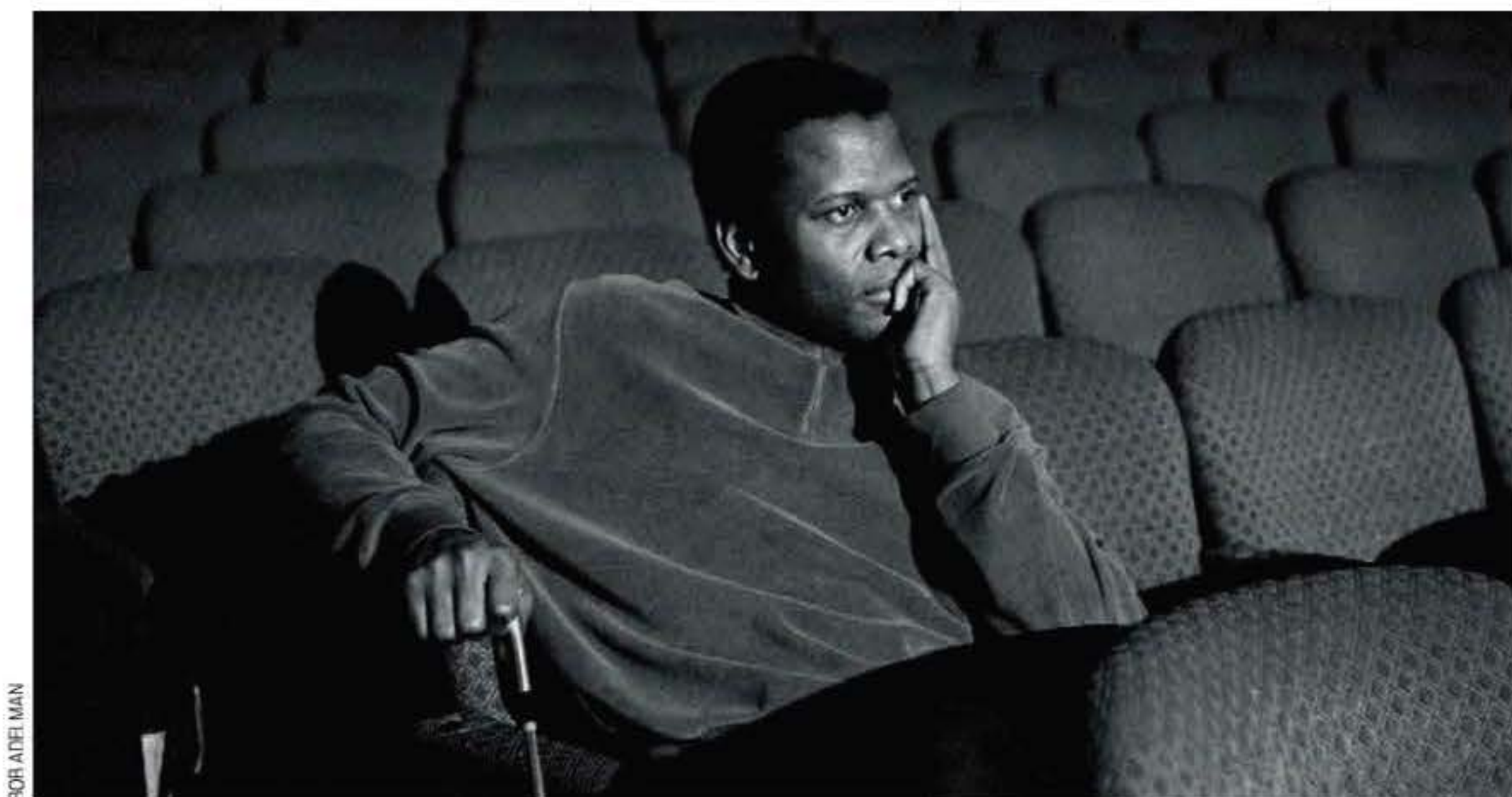
“Viver não é tão importante, o importante é a comédia”

Ao longo das próximas páginas, em balões como este, VEJA publica frases ditas por Jô

JÔ SOARES

humorista, entrevistador e escritor

Há um modo de medir os humores de um país: enxergá-lo pela lupa de seus artistas mais perspicazes, capazes de traduzir as dores e amores do cotidiano. O Brasil seria outro, menor e mais triste, um imenso vazio, sem José Eugênio Soares, o Jô. Por meio de uma extensa galeria de personagens de televisão, depois com as entrevistas em seus programas de talk show, que invadiam as madrugadas, e na literatura, descobrimos um pouco de cada um de nós e como a passagem do tempo molda a sociedade. Jô via tudo antes de todo mundo. O Capitão Gay, super-herói homossexual que usava um uniforme cor-de-rosa e andava sempre acompanhado de seu fiel escudeiro, Carlos Suely, hoje soaria politicamente incorreto — naquele tempo, início dos anos 1980, era um grito de alerta. Na antessala da democracia de uma nação maltratada pela ditadura, entre 1976 e 1982, em *O Planeta dos Homens*, Jô se ajoelhava para interpretar o Reizinho, um monarca de estatura baixa que governava um país pequeno, mas com um ego enorme. Era saudado por seus súditos com “Sois rei! Sois rei! Sois rei!”. Com a infinita capacidade de rir de si mesmo, sinônimo de inteligência, apesar da aparente arrogância, Jô distribuía sabedoria com generosidade. Servia de régua moral do rumo a tomar, e não errava. Ele morreu em 5 de agosto, aos 84 anos.

ADIVINHE QUEM VEIO PARA JANTAR

BOB ADELMAN

SIDNEY POITIER

ator

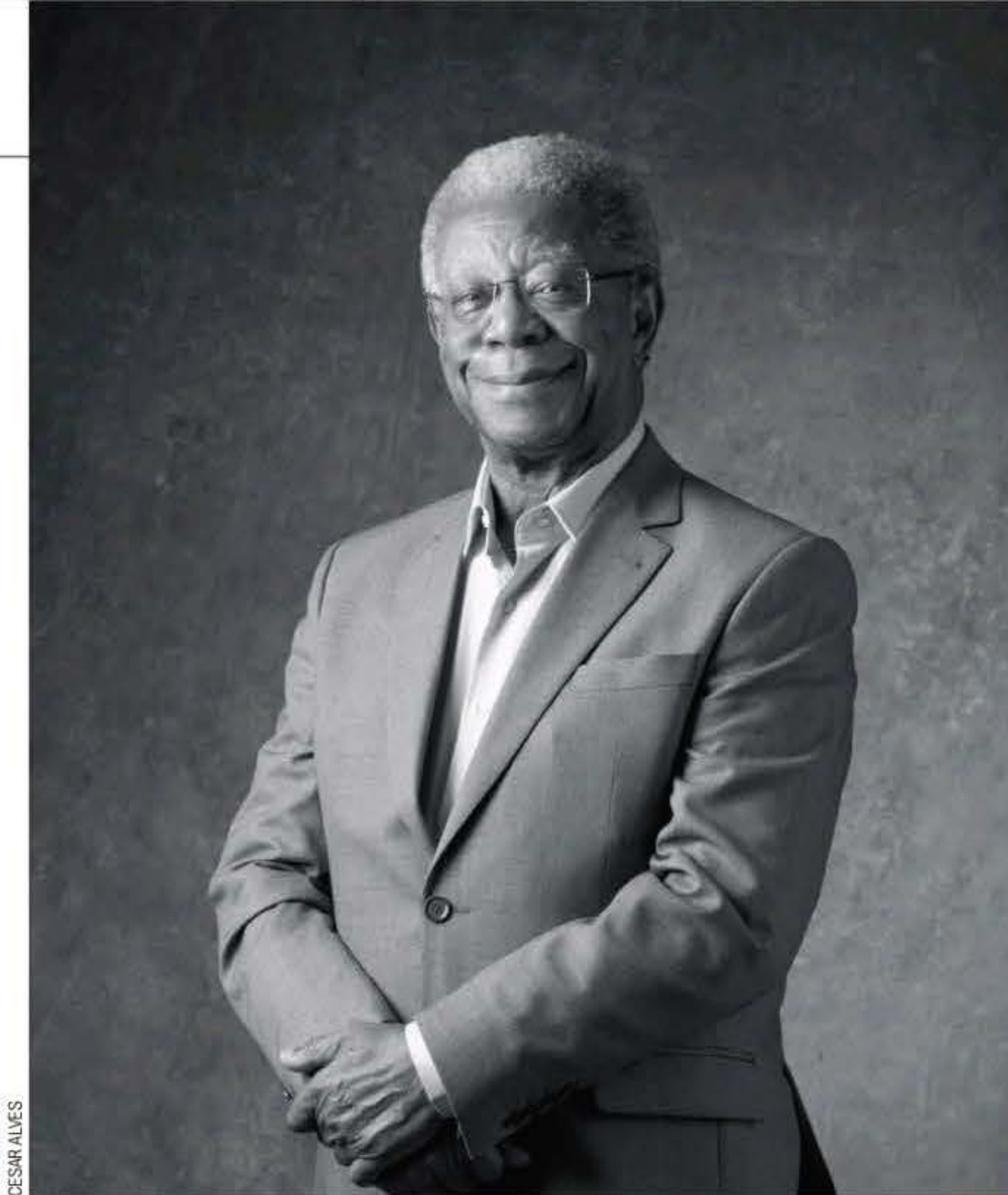
Com *Uma Voz nas Sombras*, de 1963, Sidney Poitier foi o primeiro negro a levar o Oscar de melhor ator. Ele emprestou seu suave carisma a Homer Smith, um pedreiro desempregado que, durante uma viagem, encontra em uma fazenda remota nos Estados Unidos um grupo de freiras alemãs que vê nele um enviado dos céus para construir uma igreja na região desértica. Em 1967, estrelaria *No Calor da Noite*, primeiro vencedor da estatueta de melhor filme com um protagonista negro e uma trama de teor racial — a trajetória de um detetive chamado a desvendar um caso numa cidade habitada por racistas. Seus personagens transformavam a raiva reprimida em respostas quase sempre silenciosas e determinadas, sem nenhuma violência. Ele morreu em 6 de janeiro, aos 94 anos.

ELZA SOARES

cantora

A carreira de Elza Soares pode ser resumida em um diálogo logo antes de sua primeira apresentação no rádio. Foi em meados de 1953, no programa *Calouros em Desfile,* apresentado por Ary Barroso, que tentou ridicularizar a roupa que ela usava e perguntou: "De que planeta você veio, minha filha?". Elza respondeu: "Do planeta fome". Em seguida, ela interpretou a canção *Lama* e ganhou nota máxima. Filha de uma família muito pobre, lutou sempre contra o racismo e o machismo — inclusive o de seu mais conhecido par, Mané Garrincha, que chegou a agredi-la, alcoolizado. Ícone das lutas femininas, virara lenda em vida. *Se Acaso Você Chegasse*, clássico de Lupicínio Rodrigues na voz da sambista, ecoará para sempre. Cantou até morrer, aos 91 anos, em 20 de janeiro.

BÁRBARA LOPES

CESAR ALVES

MILTON GONÇALVES

ator

Nos palcos, nas telas de cinema ou nas telinhas de TV, o mineiro Milton Gonçalves foi sempre um ator de sete instrumentos. Impunha a seus personagens candura e sinceridade, humor e altivez, tudo a um só tempo, e com uma voz rouca inigualável. Poucos intérpretes brasileiros souberam passar sentimentos tão genuínos apenas com o olhar e o sorriso. Quem há de esquecer do Zelão das Asas, de *O Bem-Amado*, de 1973, ou do médico Percival, de *Pecado Capital*, de 1975? Mas orgulhava-se mesmo era do severo líder sindicalista Bráulio, de *Eles Não Usam Black-Tie*, que levou ao teatro, com a direção de Gianfrancesco Guarnieri, e depois ao cinema, pelas mãos de Leon Hirszman. Morreu em 30 de maio, aos 88 anos.

IDEIAS NA CABEÇA

JEAN-LUC GODARD

diretor de cinema

CHRISTOPHE D YVOIRE/SYGMA/GETTY IMAGES

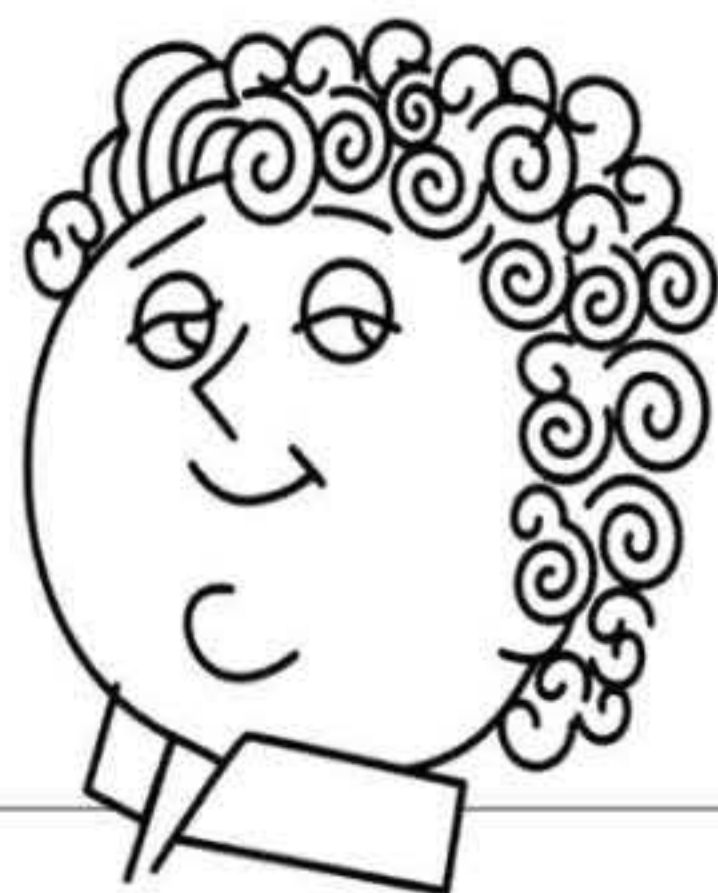
Em meados dos anos 1990, uma reportagem do *The New York Times* apresentou da seguinte forma a entrevista com um dos criadores da Nouvelle Vague francesa: "Ouvir Jean-Luc Godard é muito parecido com assistir a seus filmes — cortes rápidos, *non sequiturs*, muita filosofia, intimidades ocasionais, estranhas obsessões e uma narrativa nada óbvia. As perguntas provocam reações, mas não necessariamente respostas. As palavras fluem livremente, mas seu significado é muitas vezes obscuro. E, como em muitos de seus filmes, o fim pode estar no começo e o meio pode estar no fim". Godard subverteu os padrões para reinventar o cinema em clássicos instantâneos e incômodos como *Acossado*, de 1960, e *Alphaville*, de 1965. Morreu em 13 de setembro, aos 91 anos, de suicídio assistido.

MICHELINE PELLETIER/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

JEAN-LOUIS TRINTIGNANT

ator

A Nouvelle Vague, conduzida por Godard *(leia acima)* e François Truffaut, não existiria sem os atores e atrizes que deram rosto ao movimento — em interpretações quase sempre contidas, feitas mais de pausas do que de ruídos, de tensão e frases pausadas. Jean-Louis Trintignant merece espaço nobre no grupo que levou ao cinema a revolução criativa dos anos 1960. Ele teve sua carreira lançada junto com a de Brigitte Bardot no filme de 1956 *E Deus Criou a Mulher*. Recebeu o prêmio de melhor ator no Festival de Cannes por *Z*, de Costa Gavras, em 1969. Morreu aos 91 anos, em 17 de junho.

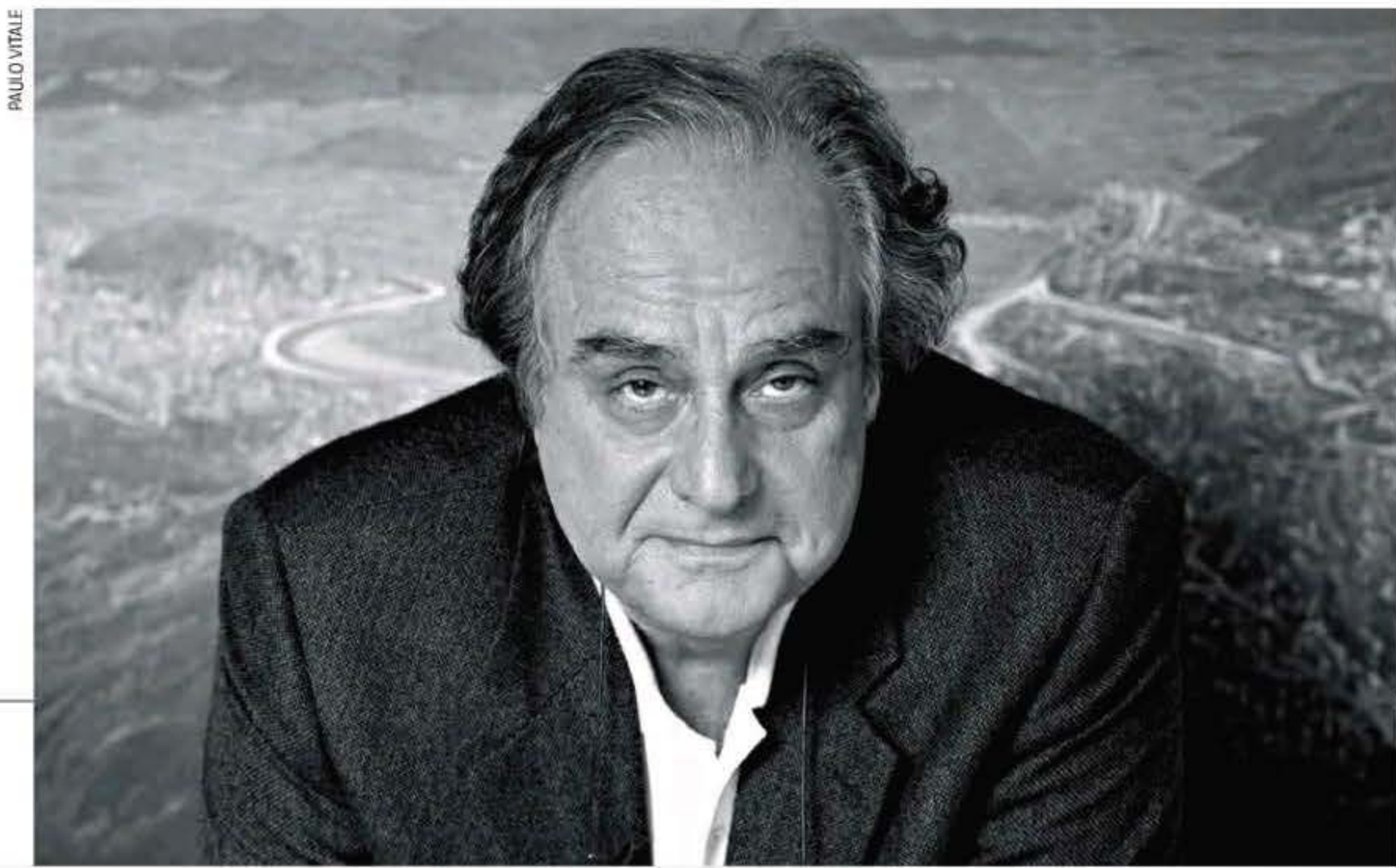
“É bem melhor pensar sem falar do que falar sem pensar”

A TRADUÇÃO PELO CINEMA

ARNALDO JABOR

diretor e comentarista político

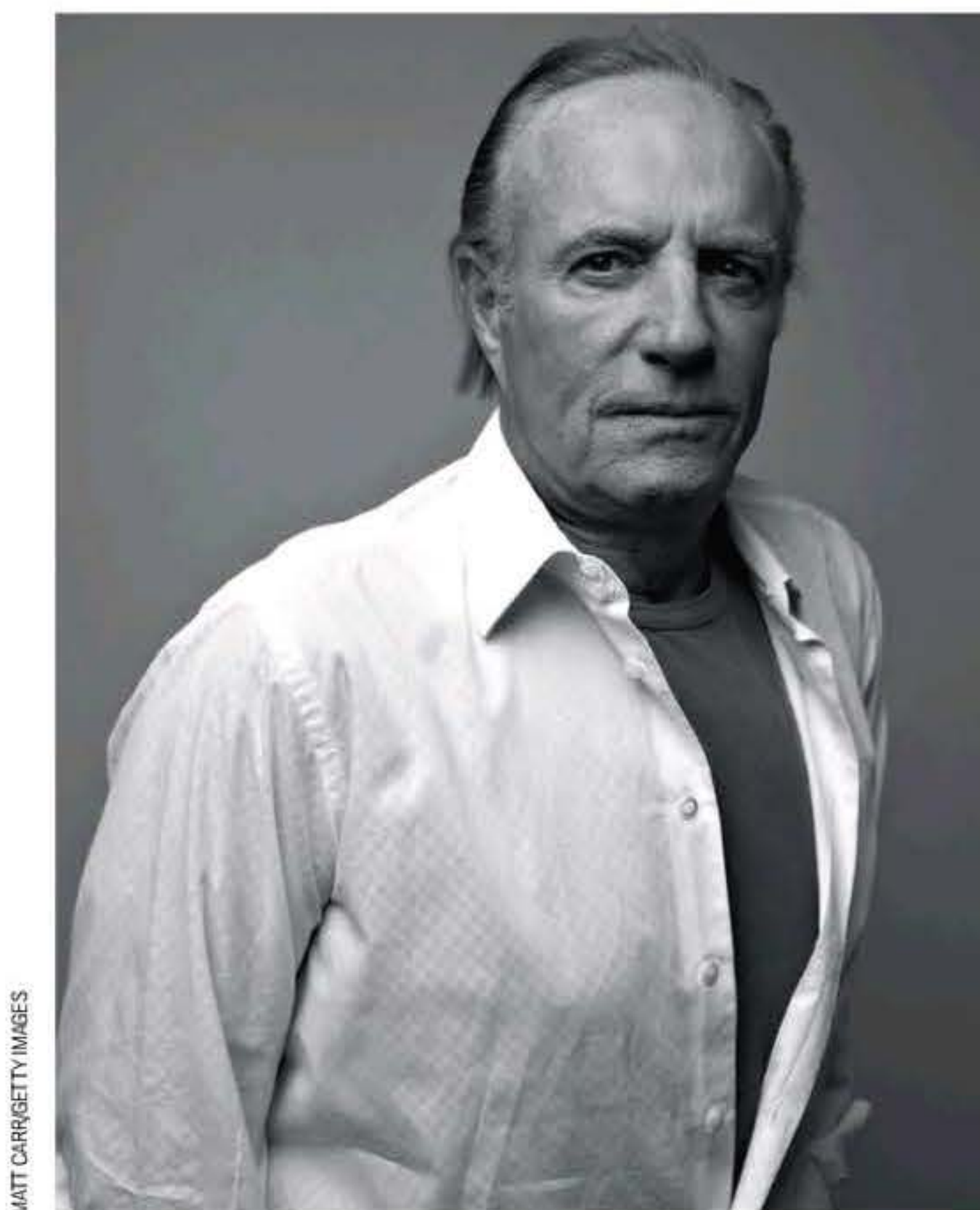
Na maturidade, Arnaldo Jabor ficou mais conhecido como comentarista da *TV Globo* e do jornal *O Globo*. Ele merece ser lembrado, contudo, por alguns de seus filmes. *Toda Nudez Será Castigada*, de 1973, é a mais competente adaptação de Nelson Rodrigues para as telas, retrato do moralismo bocó de parte da classe média. Poucos cineastas sabiam lidar simultaneamente com o ritmo, a montagem e a edição musical de seus trabalhos — além de domínio total dos atores, como maestro. Ao alinhavar as duas pontas de sua carreira, ele disse: "As coisas que eu escrevo têm alguma coisa de cinema. Porque eu sou meio ator de televisão também. Tem uma coisa de cinema no sentido de que é a tentativa de captar o que é que está por trás da notícia óbvia". Morreu em 15 de fevereiro, aos 81 anos.

PAULO VITALE

MATT CARR/GETTY IMAGES

BRENO SILVEIRA

diretor

O diretor Breno Silveira dizia ser um "cara emotivo". "Se não for para chorar no fim do filme, então nem faço", brincou em entrevista a VEJA em 2021. Ele tinha rara intimidade com a câmera, para muito além do domínio técnico: dono de um olhar afiado para as mazelas do Brasil e de sensibilidade arrebatadora, via seus personagens como seres humanos dignos de empatia, e não como objetos de estudo sociológico. Esse talento explodiu em seu filme de estreia, o sucesso de bilheteria *2 Filhos de Francisco* — que, em 2005, arrebanhou mais de 5 milhões de espectadores e pranto em profusão no escurinho do cinema ao contar a história da dupla sertaneja Zezé Di Camargo e Luciano. Ele morreu em 14 de maio, aos 58 anos.

"O filme sempre começa na hora certa, principalmente quando você chega atrasado"

MATT CARR/GETTY IMAGES

JAMES CAAN

ator

E quem há de esquecer uma das figuras mais cintilantes e dúbias de *O Poderoso Chefão*, de 1972, o clássico dos clássicos de Francis Ford Coppola? Sonny Corleone, o filho mais velho do mafioso Don Corleone (Marlon Brando), protagoniza uma disputa de poder sangrenta entre famílias mafiosas quando um gângster planeja estabelecer um grande esquema de vendas de narcóticos em Nova York. O papel coube a James Caan, indicado ao Oscar de melhor ator coadjuvante (ele perderia para o genial e emocionante Joel Grey como o mestre de cerimônias de *Cabaret)*. Caan morreu em 26 de março, aos 82 anos.

OLIVIA NEWTON-JOHN

atriz e cantora

São raros os intérpretes que, para além de representarem seu tempo, antecipam uma onda — foi o caso de Elvis Presley, no fim dos anos 1950, e dos Beatles, em meados dos anos 1960. Ainda mais escassos são os artistas capazes de inaugurar modismos mudando de estilo. A inglesa radicada nos Estados Unidos Olivia Newton-John foi dessa estirpe. Revelada ao mundo por meio das canções country, ela explodiria em 1978 de mãos dadas com o gênero rockabilly em *Grease*, filme que muita gente finge não gostar. Em 1981, deu uma outra pirueta com o som disco de *Physical*, ao misturar pitadas de sexo com humor. Morreu em 8 de agosto, aos 73 anos.

CHARLES W BUSH AMERICAN BROADCASTING COMPANIES/GETTY IMAGES

WILLIAM HURT

ator

A altivez de William Hurt, entre a timidez e a convicção, atraiu a atenção de diretores de Hollywood para papéis de personagens com dilemas imensos e dores de consciência. Foi com o Luís Molina de *O Beijo da Mulher-Aranha*, de 1985, dirigido pelo argentino radicado no Brasil Hector Babenco, que ele entraria para a galeria dos grandes nomes do cinema. O trabalho, inspirado a partir de um livro de Manuel Puig, pôs numa mesma cela Molina, um prisioneiro gay, e um militante político interpretado por Raul Julia (1940-1994). Hurt ganharia naquele ano o Oscar. Ele morreu em 13 de março, aos 71 anos.

LARRY BUSACCA/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

MONDADORI PORTFOLIO/GETTY IMAGES

MONICA VITTI

atriz

Não há como dissociar Monica Vitti de quatro filmes de Michelangelo Antonioni, com quem foi casada: *A Aventura* (1960), *A Noite* (1961), *O Eclipse* (1962) — a chamada "trilogia da incomunicabilidade, em preto e branco — e o colorido *O Deserto Vermelho* (1964). A postura aparentemente fria de Monica, que aprendera seu ofício no teatro, entre peças de Shakespeare e Molière, rapidamente virou ícone daquela revolução — Antonioni se alimentava de planos longuíssimos e dos silêncios, muitos silêncios, para evidenciar o desconforto de seus personagens com a aborrecida vida burguesa. Ela morreu em 2 de fevereiro, aos 90 anos.

TRAÇOS ELEGANTES...

MARTIN BUREAU/AFP

JEAN-JACQUES SEMPÉ

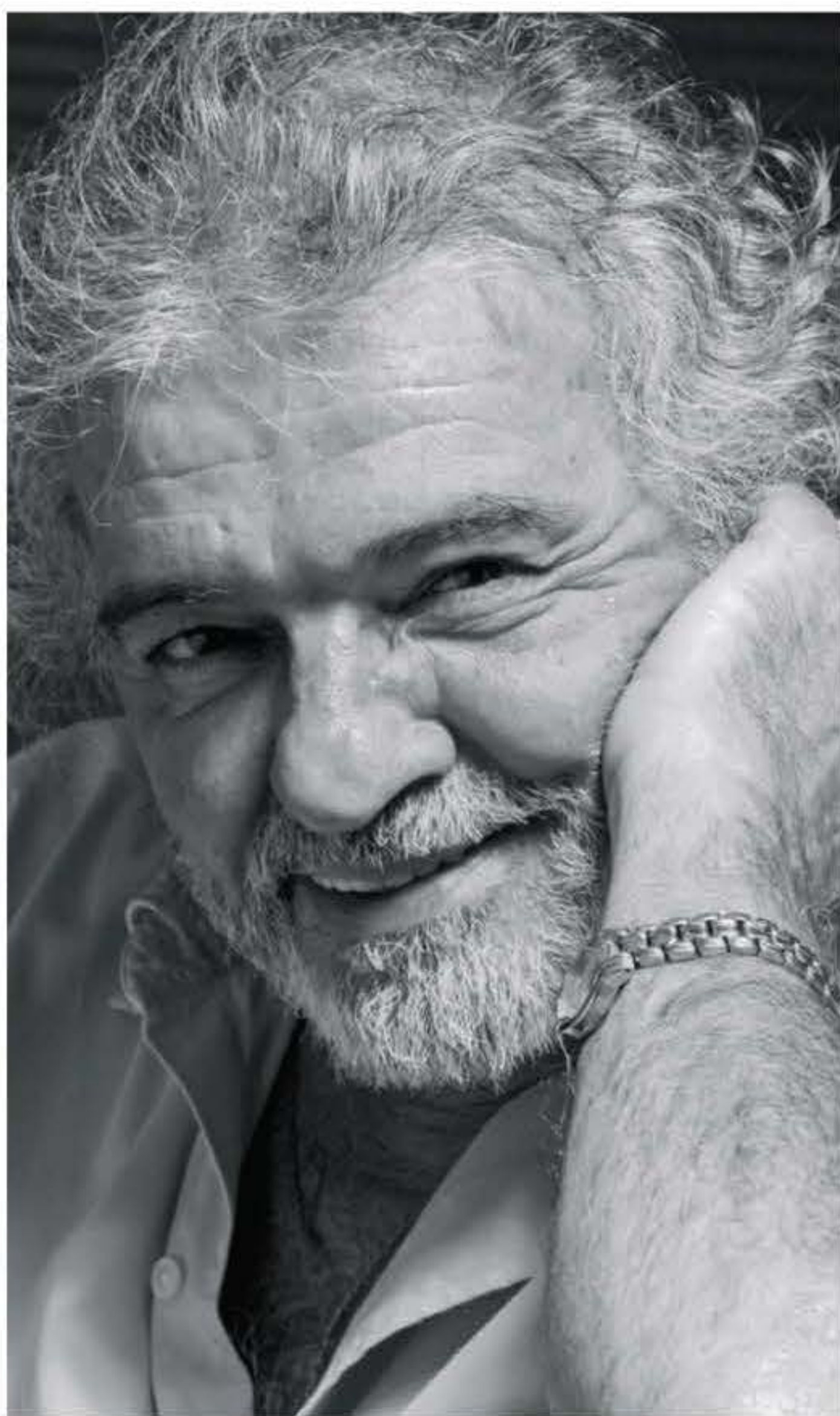
desenhista

O francês Jean-Jacques Sempé nasceu no seio de uma família pobre. Apanhava do padrasto e era ignorado pela mãe. Adolescente, fugiu para Paris com um caderno de desenhos. De sua infância subtraída, ele diria, nasceriam as ideias para a criação das aventuras do Pequeno Nicolau — personagem criado em parceria com o escritor René Goscinny (um dos pais de Asterix). Em narrativas bem-humoradas e traços elegantes, o menino dos livros vive as dores do crescimento na escola, as férias na praia, o nascimento do irmãozinho, a vida como ela é. Se na Europa e no Brasil Sempé esteve atrelado a Nicolau, nos Estados Unidos ele conquistou fama por meio dos delicados desenhos para as capas da revista *The New Yorker*. Ele morreu em 11 de agosto, aos 89 anos.

ELIFAS ANDREATO

ilustrador

MANOEL MARQUES

Houve um tempo, quando as bolachas de vinil giravam nas vitrolas sem parar, no qual antes mesmo das descobertas musicais compravam-se discos de MPB pelas capas — e elas eram, invariavelmente, de Elifas Andreato. Em mais de quarenta anos de carreira, o ilustrador nascido no Paraná e radicado em São Paulo fez desenhos para a embalagem de mais de 300 LPs, de Adoniran Barbosa a Chico Buarque, de Paulinho da Viola a Martinho da Vila, de Clementina de Jesus a Clara Nunes. Seu traço, mistura de realismo com tons oníricos, é a cara de um tempo, os anos 1970 do Brasil engolido pela ditadura militar e que só conseguia respirar por meio de canções — ou de desenhos coloridos como os de Andreato, facilmente reconhecíveis. Ele morreu em 29 de março, aos 76 anos.

...E A ELEGÂNCIA DO TEXTO

MARIO RODRIGUES

LYGIA FAGUNDES TELLES

escritora

A precocidade era uma régua permanente na vida de Lygia Fagundes Telles. Aos 20 anos, em 1938, a filha de um procurador público e de uma pianista escreveu seu primeiro livro, a coletânea de contos *Porão e Sobrado*. Nas rodas literárias da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo — na sua turma havia seis mulheres e 94 homens —, cedo aprendeu a incomodar o mundo machista. "Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos, agora somos nós que vamos dizer o que somos", escreveu em seu livro de memórias, *A Disciplina do Amor,* lançado em 1980. O lema a acompanhou por toda a vida, na literatura que a tornaria respeitada, mas também nas bancas jurídicas, como procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, carreira que seguiria de mãos dadas com a trilha artística. Em 1954, com *Ciranda de Pedra,* o relato de uma mulher oprimida pelo marido, ela passou a ser vista com atenção e incômodo, ao cutucar as unanimidades e a misoginia. Em *Antes do Baile Verde,* de 1970, passeou por temas tabus, como a insatisfação conjugal e o adultério. Em *As Meninas,* de 1973, o relato de vida de três amigas universitárias, cutucou simultaneamente os militares da ditadura e os conservadores atávicos. Escrevia sobre política, mas queria mesmo era tratar de relações amorosas. Morreu em 19 de abril, aos 103 anos.

MANIFESTO NO CORPO

ISSEY MIYAKE

estilista

THE YOMIURI SHIMBUN/AP/IMAGEPLUS

O japonês Issey Miyake não inventou a simplicidade nem tampouco a elegância — mas para quem vestiu ou apenas viu nas passarelas e revistas de moda suas criações a sensação é de que foi ele quem fez nascer esses dois atributos indispensáveis à vida. Miyake foi o mais matemático dos grandes estilistas, atrelado a formas geométricas do bem vestir. O genioso Steve Jobs, que entendia de limpeza de traços, sempre econômicos, pediu ao costureiro que esboçasse algo que ele pudesse exibir nas celebradas apresentações da Apple. E então, o suéter de gola alta preta virou um tótem, chique como ele só. Miyake morreu em 5 de agosto, aos 84 anos.

THIERRY MUGLER

estilista

FLORIAN SEEFRIED/GETTY IMAGES

O minimalismo das passarelas nos anos 1970 não combinava com a efervescência do mundo. Mas então surgiram as linhas do estilista francês Thierry Mugler, que dominaria as coleções, chegaria ao cinema e aos clipes de música. Mugler revirou o estilo do avesso. Misturou quadrinhos com tecnologia, aplicou uma paleta de cores inacreditável e colou a seus modelos um tanto de sadomasoquismo. Em seus shows, nos anos 1980 e 1990 — sim, shows! —, desfilaram nomes como Grace Jones, Jerry Hall e Linda Evangelista. Ele morreu em 23 de janeiro, aos 73 anos.

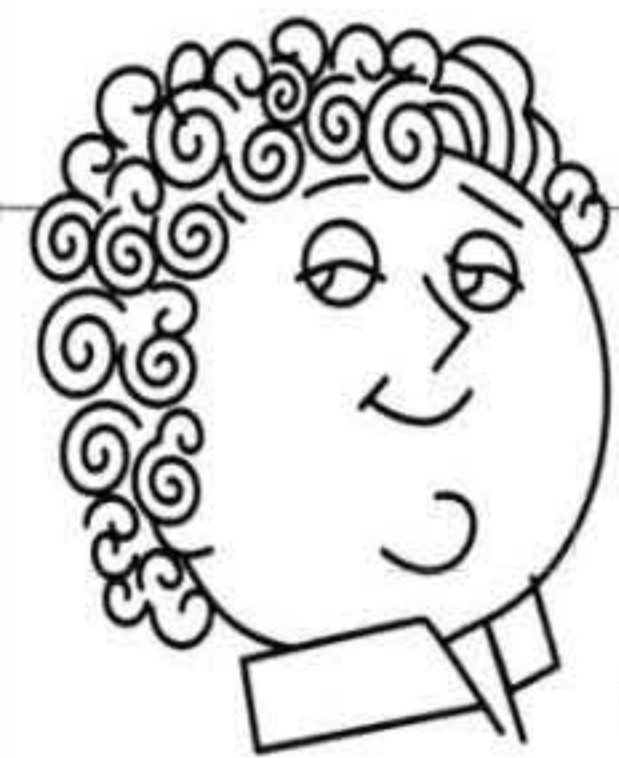
“Faça piada velha para público novo e piada nova para público velho”

A REINVENÇÃO DO MUNDO

MIKHAIL GORBACHEV

político

ANTHONY BARBOZA/GETTY IMAGES

Poucos líderes do século XX, e de qualquer outro período, tiveram tanto impacto em seu tempo. Foi uma avalanche. Debaixo de um par de palavras em russo — *glasnost* e *perestroika* — o império antagonista dos Estados Unidos começaria a ruir, embora o anseio primevo de Mikhail Gorbachev fosse apenas o da reforma. *Glasnost* (transparência) pretendia aproximar a população das decisões do Kremlin e combater a corrupção entre os *apparatchik* (burocratas). *Perestroika* (reestruturação) era um tranco na centralização econômica imposta pela Revolução de 1917. Os dois movimentos acelerariam o desmonte da União Soviética. Gorbachev morreu em 30 de agosto, aos 91 anos — e com ele um dos momentos decisivos da história da humanidade.

“Sou gordo demais para pedir a volta do regime”

SHINZO ABE

político

YOSHIKAZU TSUNO/AFP

Primeiro-ministro do Japão durante dois períodos, Shinzo Abe foi pilar de transformações. De 2006 a 2007, ele procurou restaurar parte do militarismo e do orgulho do país, em postura razoavelmente bem-sucedida. Depois, de 2012 a 2020, pôs em prática a chamada “abenomics”, o conjunto de medidas que propunha recuperar a economia japonesa a partir de três pilares: estímulo fiscal, flexibilização monetária e reformas estruturais. Funcionou. Abe morreu em 8 de julho, aos 67 anos, vítima de um atentado a tiros em Nara, próximo a Kyoto. O crime ainda está sendo investigado.

MADELEINE ALBRIGHT

diplomata

Filha de refugiados checos que chegaram aos EUA em 1948, depois de terem fugido dos nazistas ao ser deflagrada a II Guerra e dos soviéticos que ocupariam o país com o armistício, num périplo de quase dez anos, Madeleine Albright foi a primeira mulher a chefiar a Secretaria de Estado americana, posto encarregado das relações internacionais. Ela foi nomeada pelo presidente democrata Bill Clinton em 1997 e permaneceu na função até o início de 2001, com a posse do republicano George W. Bush. Hábil conciliadora, havia quem a tratasse como possível candidata à Presidência — uma impossibilidade, dado ter nascido na Checoslováquia. Morreu em 23 de março, aos 84 anos.

MARTIN LENGEMANN/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

OS ANOS DE CHUMBO

DOM CLÁUDIO HUMMES

religioso

Sentado ao lado de Jorge Mario Bergoglio, em 13 de março de 2013, na contagem dos votos do conclave que escolheria o sucessor de Bento XVI, o então cardeal arcebispo de São Paulo, dom Cláudio Hummes, aproximou-se ao pé do ouvido do amigo. Eis o que diria Francisco: "Quando o caso começava a tornar-se um 'pouco perigoso', ele animava-me. E, quando os votos atingiram dois terços, surgiu o aplauso, porque fora eleito o papa. Ele me abraçou, me beijou e disse: 'Não te esqueça dos pobres'. E aquela palavra ficou na minha cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis". Foi assim, por inspiração do brasileiro, que nasceu a alcunha do pontífice jesuíta. Hummes morreu em 4 de julho, aos 87 anos.

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

CARLOS NAMBA

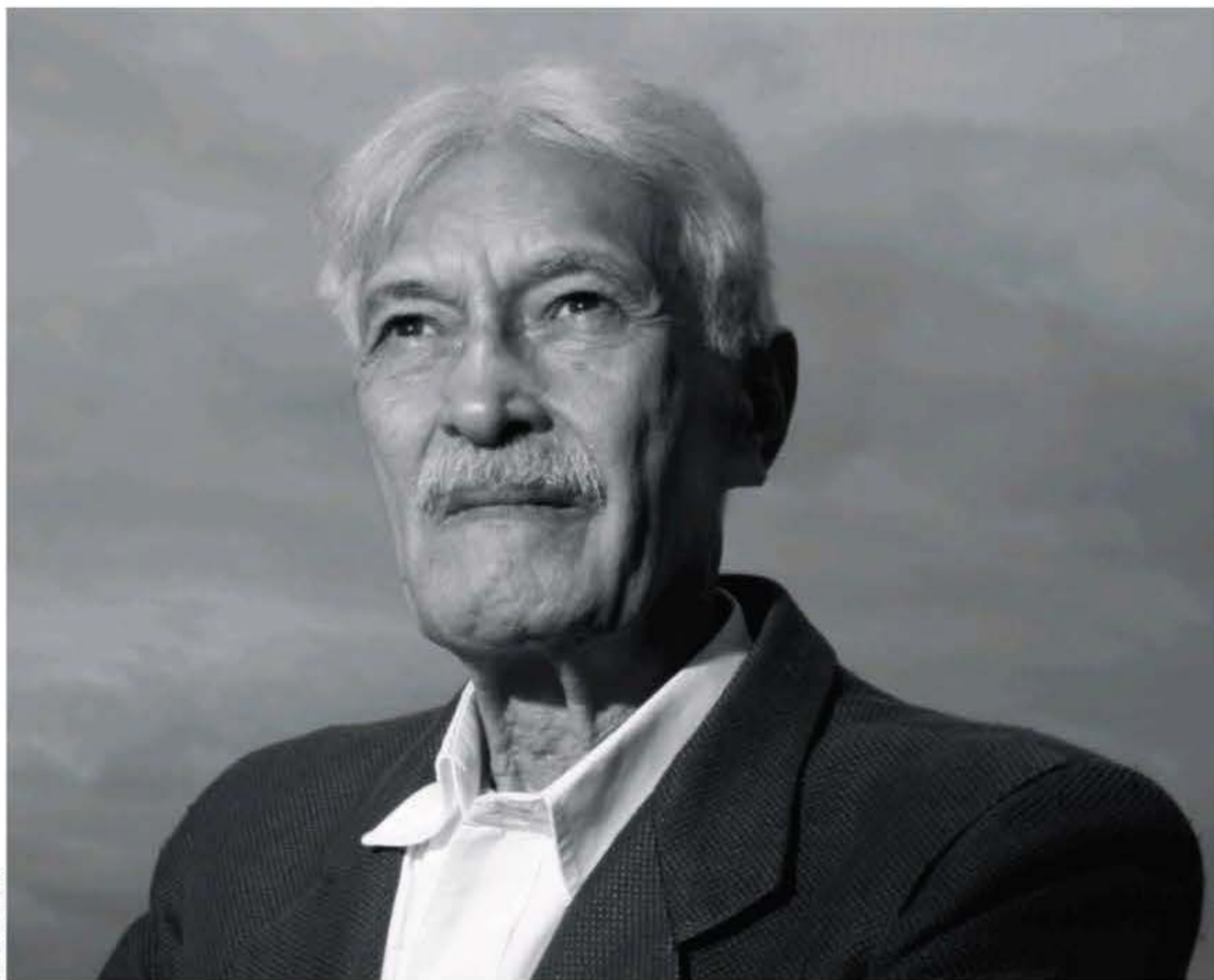
NEWTON CRUZ

militar

O general Newton Cruz, envolvido com o atentado a bomba no Riocentro, em 1981, era conhecido pela sinceridade. Já aposentado, ao ser indagado a respeito do período de chumbo que representou, ele diria, com desfaçatez: "Ditadura, propriamente, não era. Era um regime autoritário forte. Agora, que não era uma democracia, não era. Não existe democracia em que o presidente pode editar ato institucional. Eu acho que a revolução escolheu bem a hora de entrar, mas não a de sair". Ele morreu em 15 de abril, aos 97 anos.

CABO ANSELMO

dedo-duro

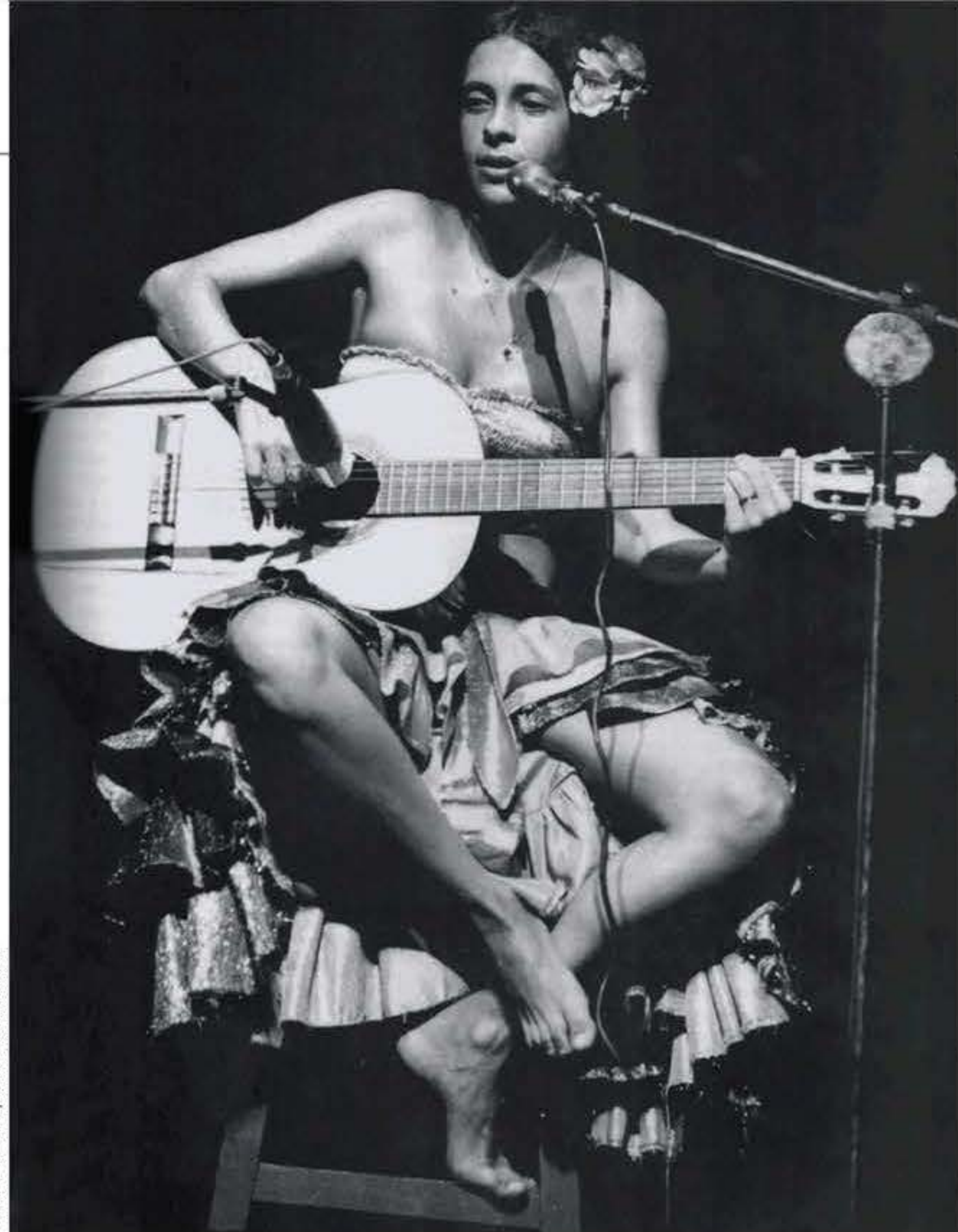
José Anselmo dos Santos, conhecido por Cabo Anselmo, ganhou destaque em 1964, ao liderar um movimento de marinheiros de baixa patente contra os oficiais da Marinha. Não demorou para se aproximar do presidente João Goulart. Descobriu-se, depois do golpe, que era agente duplo. Chegou a ser enviado para treinamento em Cuba, mas já agia como dedo-duro. Entregou até mesmo sua noiva, que, grávida, foi brutalmente torturada e morreria numa prisão militar. Anselmo viveria anos escondido. Reapareceu publicamente no fim dos anos 1990. Morreu em 16 de março, aos 80 anos.

ANDRÉ VALENTIM

SERGIO PAULO ROUANET

diplomata

NELSON PEREZ

Em 1991, como titular da pasta da Cultura do governo de Fernando Collor, o diplomata Sergio Paulo Rouanet elaborou um projeto de lei que levaria seu nome — a Lei Rouanet autorizava empresas e pessoas físicas a descontar do imposto de renda valores repassados a iniciativas culturais, como shows de música, exposições de arte, preservação do patrimônio histórico, livros etc. Ela ajudou a alimentar a produção artística brasileira, apesar das falhas, apesar dos defeitos que pediam frequente reformulação. Mas era um bem. Durante o governo de Bolsonaro, virou moda atacar a lei — como se ela fosse um problema, na contramão da obtusidade intelectual do governo. Rouanet morreu em 3 de julho, aos 88 anos.

THEREZA EUGENIA/REVISTA BRASILEIROS

MINHA VOZ, NOSSAS VIDAS

GAL COSTA

cantora

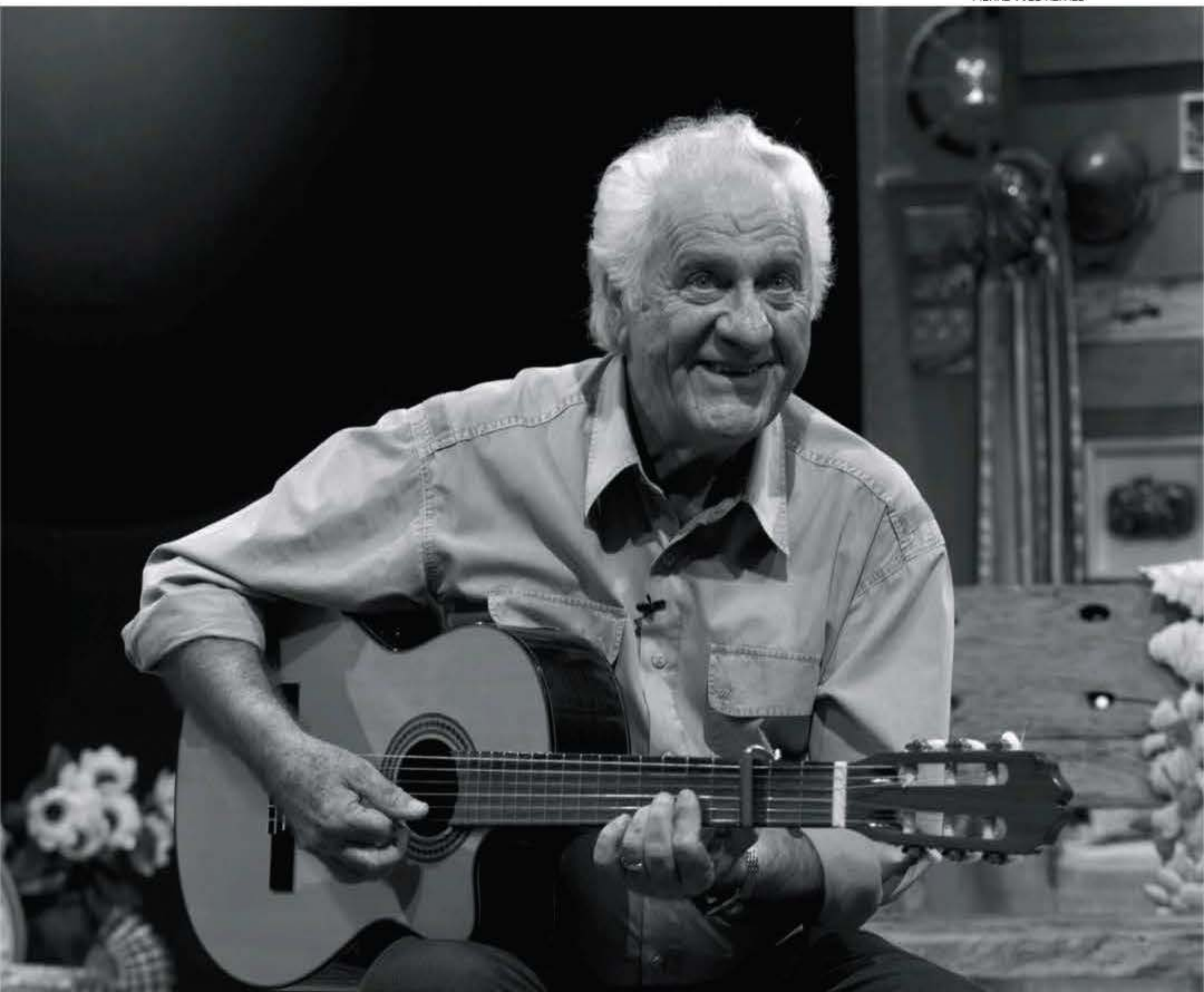
Um modo de entender a grandeza indizível de Gal Costa, que cantava com a voz e o corpo, é lembrar da letra de uma canção feita para ela por Caetano Veloso: “Minha voz, minha vida / Meu segredo e minha revelação / Minha luz escondida / Minha bússola e minha desorientação / Se o amor escraviza / Mas é a única libertação / Minha voz é precisa / Vida que não é menos minha que da canção”. Ela morreu em 9 de novembro, aos 77 anos.

ERASMO CARLOS

compositor e cantor

MARIZILDA CRUPPE/AG. O GLOBO

O que seria do rei Roberto Carlos sem Erasmo, o "gigante gentil" de 1,93 metro, a figura doce e irrequieta de clássicos como *É Preciso Saber Viver, Sentado à Beira do Caminho* e *Quero que Vá Tudo pro Inferno*? Sentado à beira do caminho, o Tremendão moldou o rock brasileiro depois da explosão um tanto ingênua do iê-iê-iê da jovem guarda, no fim dos anos 1960 — enquanto Roberto trilhou o caminho das canções românticas e melosas, ele não quis nem saber, e seguiu mais visceral do que nunca. Era um modo de beber de seu próprio passado, no bairro da Tijuca, no Rio: na juventude, aprendeu a tocar violão com Tim Maia e cantava com Jorge Ben Jor, mas apenas quando não estava acompanhando os jogos do Vasco da Gama, uma de suas paixões. Em 2021, em entrevista a VEJA, ele resumiu seu estado de espírito: "Eu me vejo como um menino. Por dentro, a minha mente é de um menino. Agora, a parte física que não me obedece". Erasmo Carlos morreu em 22 de novembro, aos 81 anos.

PIERRE YVES REFALO

ROLANDO BOLDRIN

ator, cantor e apresentador

E agora, como enxergar e ouvir o Brasil profundo, tão rico em causos e canções, sem Rolando Boldrin? Nos últimos dezessete anos, o ator, cantor e compositor apresentou um adorável programa exibido pela TV Cultura, de São Paulo: *Sr. Brasil.* Passou a vida revelando artistas escondidos e recuperando joias esquecidas. Morreu em 9 de novembro, aos 86 anos.

OLHAR PRECISO

ORLANDO BRITO

fotógrafo

SERGIO LIMA

Nos anos 1960, Orlando Brito se transformou no mais destacado repórter fotográfico de um Brasil que acabara de mergulhar na ditadura militar e só voltaria à democracia 20 anos depois. Pelas lentes de Brito passaram todos os presidentes da República — de Castello Branco a Jair Bolsonaro. É possível contar a trajetória do país pelas lentes de Brito, entre o espanto e o incômodo. Em texto escrito para o livro *Poder, Glória e Solidão*, uma antologia lançada em 2002, Brito definiu seu trabalho: "Cada protagonista da história deixa suas digitais impressas na própria história. (...) Fotografias não têm culpa. São derivadas de algo existente, são reproduções de alguma coisa visível. Não se fotografa o nada". Ele morreu em 11 de março, aos 72 anos.

À NOITE TUDO ACONTECIA

DANUZA LEÃO

escritora

Para Danuza Leão, o dia parecia ter mais do que 24 horas — mas era nas madrugadas que ela ganhava oxigênio para viver. Na juventude, foi modelo. Casou-se com o jornalista Samuel Wainer e dali tomou gosto pelos bastidores das notícias e do poder. Feminista antes da hora, deixou o primeiro marido para viver com o compositor Antonio Maria — depois se casaria com outro jornalista, Renato Machado. Sem receio de andar na contramão, desfilava inteligência. Nos anos 1980 escreveu um best-seller, *Na Sala com Danuza*, em que deu dicas de como ver o mundo com sinceridade e elegância. Morreu em 22 de junho, aos 88 anos.

DARCY TRIGO

RÉGINE CHOUKRON

cantora e empresária

Houve um tempo pré--histórico, muito antes das redes sociais, no qual o melhor modo de ver e ser visto era frequentar uma das duas dezenas das badaladas casas noturnas da empresária francesa Régine Zylberberg, depois Choukron, mas que se tornou conhecida mesmo apenas pelo primeiro nome, Régine — associado a um apóstrofo e o "s", virou uma marca inescapável dos anos 1970 e início dos 1980. O Régine's do Rio de Janeiro, São Paulo, Nova York e Paris, e de tantas outras grandes cidades, rapidamente virou sinônimo de vida noturna. Antes, na França, tivera celebrada carreira como cantora. Morreu em 1º de maio, aos 92 anos.

WILLIAM CAMPBELL/SYGMA/GETTY IMAGES

RICHARD LEAKEY

paleontólogo

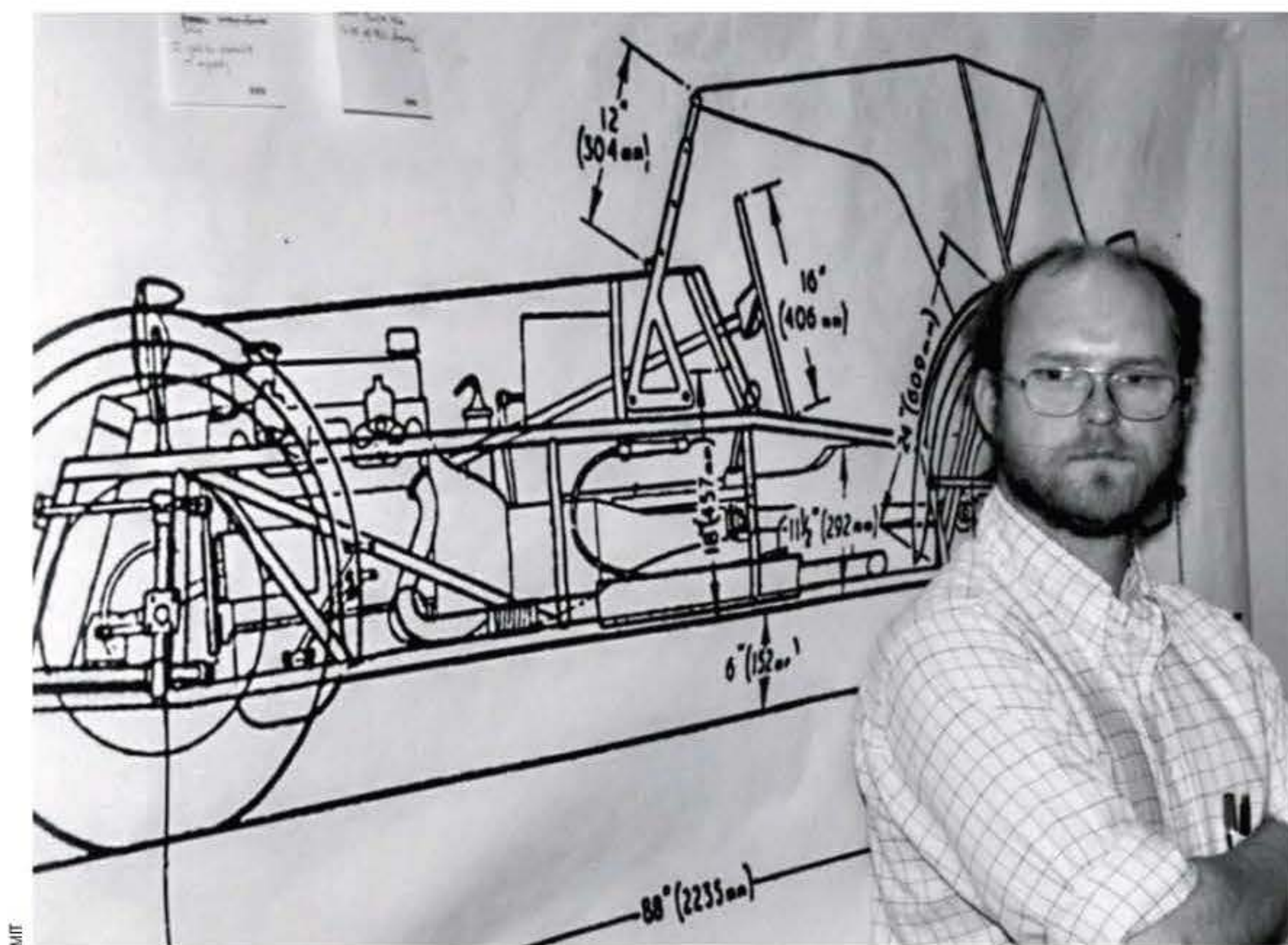
Saberíamos menos de nós mesmos, como seres humanos, não fosse o trabalho do paleontólogo e conservacionista queniano Richard Leakey. Ele foi o responsável por encontrar os restos mortais dos primeiros hominídeos conhecidos até hoje. Ao escavar o Lago Turkana, na fronteira entre Etiópia e Quênia, as equipes lideradas por Leakey fizeram descobertas fundamentais. Em 1972, encontraram os primeiros crânios de *Homo habilis,* com cerca de 1,9 milhão de anos. Em 1984, localizaram o mais completo exemplar de um *Homo erectus,* de 1,5 milhão de anos. Graças a Leakey o mundo hoje aceita a ideia, já predominante, de os primeiros humanos terem surgido no continente africano. Ele morreu em 2 de janeiro, aos 77 anos.

DAVID BOGGS

engenheiro

Deve-se ao empenho e à inventividade do americano David Boggs uma das criações mais decisivas do século XX, a ethernet, protocolo dominante para as redes de escritórios e empresas. O engenheiro elétrico ajudou a criar a tecnologia capaz de conectar computadores a impressoras e outros dispositivos, atalho para a internet como a conhecemos hoje. Sem o trabalho de Boggs, talvez não pudéssemos enviar e-mails, visitar um site por meio do celular e trabalhar a distância para cumprir os protocolos sanitários exigidos pela pandemia de Covid-19. Foi o líder de uma revolução. Boggs morreu em 19 de fevereiro, aos 71 anos.

MIT

ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

LUC MONTAGNIER

virologista

Em 1983, o francês Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, isolou pela primeira vez o vírus que causava a aids. Em 2008, ele e a pesquisadora Françoise Barré-Sinoussi foram laureados com o Prêmio Nobel de Medicina pela descoberta. Apesar da honraria e de uma trajetória repleta de títulos científicos, Montagnier se manifestou de forma negacionista e contrária à ciência em diversas ocasiões. Chegou a afirmar que antibióticos poderiam tratar casos de transtorno do espectro autista.Recentemente, deu declarações contra as vacinas, inclusive as opções disponíveis contra a Covid-19. Incorretamente, ele afirmou que os imunizantes poderiam levar ao aparecimento de novas variantes. Morreu em 8 de fevereiro, aos 89 anos.

FRANK DRAKE

astrônomo

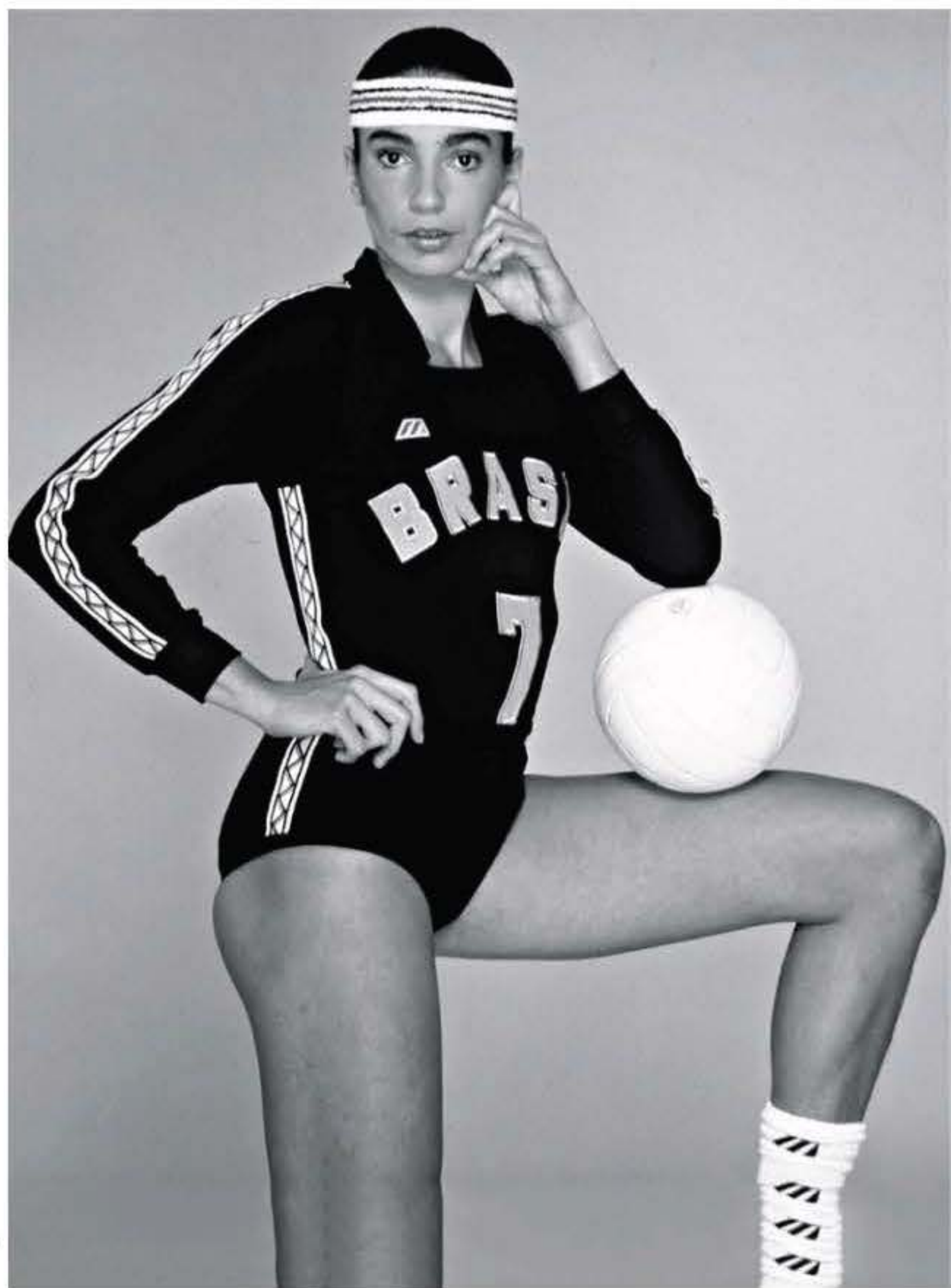
O astrônomo e astrofísico americano Frank Drake teve um único objetivo em setenta anos de carreira: encontrar vida em outros planetas. Foi ele quem transformou uma ideia risível em atividade séria. No fim da década de 50, quando trabalhava no Observatório Nacional de Radioastronomia, em Green Bank, nos Estados Unidos, Drake começou a se indagar sobre que tipo de utilidade teria a gigantesca antena, um panelão de 25 metros de largura que acabara de ser construído. Depois de uma sucessão de cálculos, intuiu que, se outra geringonça semelhante existisse em um sistema a alguns anos-luz de nós, ambos os equipamentos poderiam se comunicar por meio de sinais de rádio. O contato ainda não foi feito. Drake morreu em 2 de setembro, aos 92 anos.

CARIN ASHJIAN/AP/IMAGEPLUS

ISABEL SALGADO

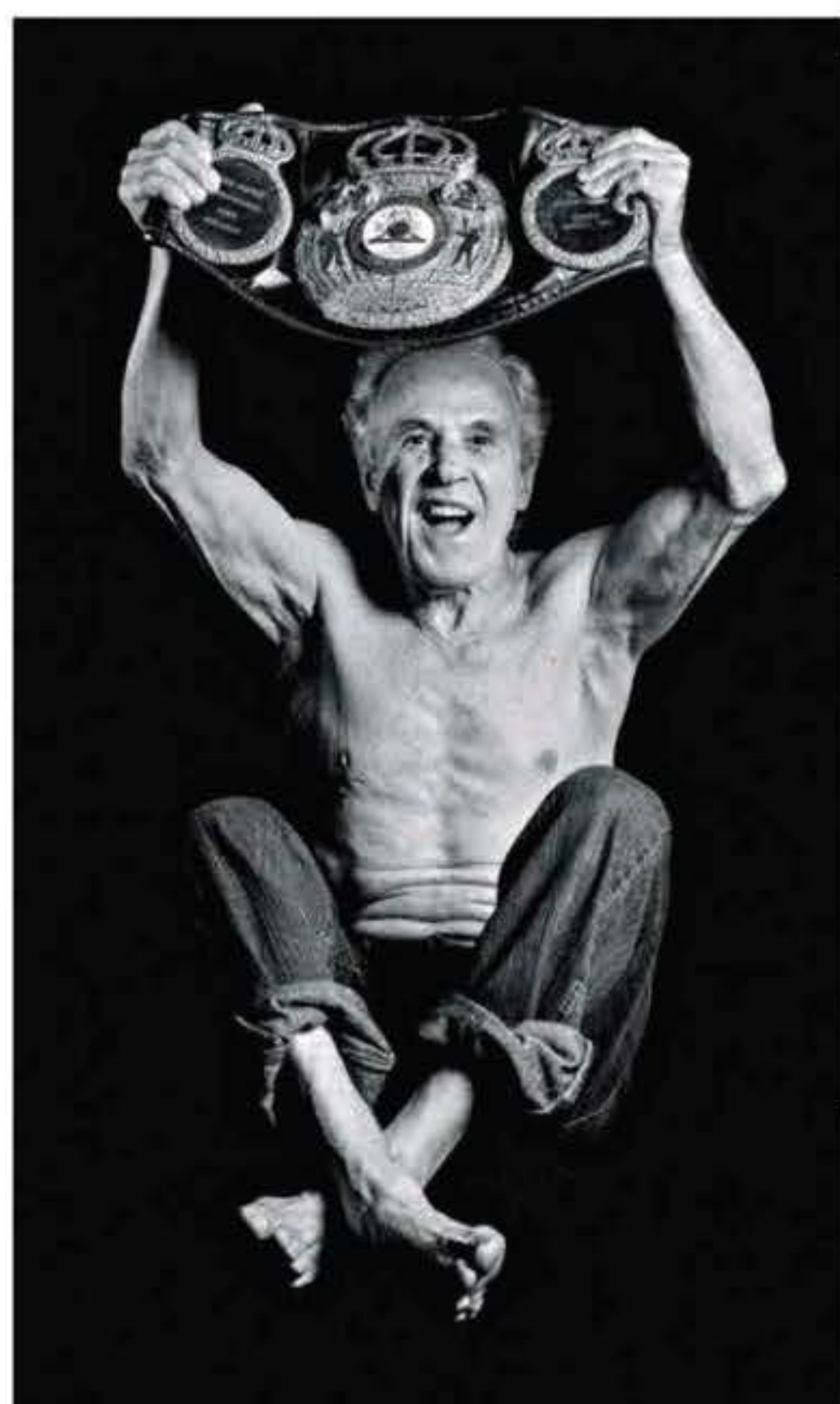
jogadora de vôlei

PEDRO MARTINELLI

Antes de o vôlei feminino conquistar duas medalhas olímpicas de ouro, antes de o masculino subir três vezes ao ponto mais alto do pódio, houve Isabel Salgado, a Isabel do Vôlei. Garota de Ipanema, cedo começou a jogar pelo Flamengo. Teve quatro gestações ao longo da carreira, e ser mãe nunca a atrapalhou. "Foi uma mulher à frente de seu tempo", disse o treinador José Roberto Guimarães. Suas cortadas de direita eram imparáveis. Suas opiniões em torno de comportamento e política, mercuriais. Em 1982, foi capa de VEJA como "A Musa do Esporte". Morreu em 16 de novembro, aos 62 anos.

EDER JOFRE

pugilista

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

Instado a citar alguns de seus ídolos no boxe, o peso-pesado americano Mike Tyson listava um punhado de americanos — e Eder Jofre. “Quando penso no Brasil, penso em Jofre”, disse mais de uma vez. Nos anos 1960, a mais respeitada revista da modalidade, *The Ring*, o instalou no nono lugar de um rol dos maiores boxeadores da história, em qualquer categoria. Foi campeão mundial dos galos e dos penas. Fez 81 lutas, com 75 vitórias (52 nocautes), quatro empates e apenas duas derrotas, por pontos. Jofre deixou um outro belo legado: doou seu cérebro para pesquisas científica. Ele morreu em 2 de outubro, aos 86 anos. ■

JOSÉ CASADO

POBREZA POLÍTICA

SURREALISMO político: para cumprir a Constituição, Lula, Jair Bolsonaro e o Congresso resolveram remendar o texto constitucional.

Assim, nasceu a 126ª emenda dos últimos 34 anos, a PEC da Transição.

Ela confirma, na prática, a perda do sentido de estabilidade e previsibilidade da Constituição, transformada em periódico.

Agora, tem-se uma reedição da Carta a cada três meses. Sempre em nome dos desafortunados.

A mudança desta semana, na justificativa de Lula, foi para "colocar os pobres no Orçamento".

Há controvérsias. Alguns vislumbram por trás da nova emenda constitucional a astúcia de uma elite política empenhada em dissimular erros derivados da própria letargia.

No caso, completam-se dezenove anos de omissão do governo, do Senado e da Câmara.

Tudo começou às vésperas do Natal de 2003, quando parlamentares instituíram um programa nacional de renda básica com prioridade às famílias mais pobres.

A primeira etapa estava prevista para começar no ano seguinte. Ao governo coube "fixar o valor" com "estrita ob-

servância" à Lei de Responsabilidade Fiscal, em regulamentação a ser apresentada ao Congresso.

Na quinta-feira 8 de janeiro, Lula abriu o Palácio do Planalto para celebrar a sanção da "Lei Suplicy" — assim conhecida em homenagem ao autor, o então senador Eduardo Suplicy, do PT de São Paulo.

Presidente e senador se abraçaram diante dos convidados. Ouviram trechos de uma carta elogiosa do economista Celso Furtado, cuja obra mudou a percepção sobre como e por que o país se manteve subdesenvolvido. Lula autografou a lei com os ministros Antonio Palocci (Fazenda), Nelson Machado (Planejamento) e Ciro Gomes (Integração Nacional).

Avisou, no discurso, que não havia dinheiro suficiente: "Não faltarão aqueles que vão cobrar, já no mês que vem, a aplicação da lei". Mas, admitiu, era bom começo: "Temos de trabalhar com a clareza de que essa lei faz parte de um processo da política social que nós queremos implementar no Brasil".

No dia seguinte, sexta-feira 9 de janeiro, o *Diário Oficial* estampou outra lei (nº 10.836), que ele assinou com o chefe da Casa Civil, José Dirceu. Criaram o Bolsa Família.

Em apenas 48 horas, o Brasil fabricara dois programas para transferência de renda aos mais pobres. O do Congresso, decantado em década de debates, era abrangente e permanente — só faltava o governo regulamentá-lo. O outro ainda estava em discussão nos ministérios. Custaria menos porque restringiria o acesso às famílias pobres já cadastra-

“Para cumprir a Constituição, remendaram o texto da Carta”

das nos programas sociais. E, em tese, exigiria contrapartidas dos beneficiários.

O governo deixara o Fome Zero agonizante. Quando um dos coordenadores, Frei Betto, encontrou o chefe da Casa Civil, José Dirceu, cobrou: “Espero que em 2004 você me conceda ao menos uma audiência”. Naqueles dias, o Bolsa Família não passava de miragem.

Em reunião, a ministra de Políticas para Mulheres, Emília Fernandes, sugeriu impor o planejamento familiar como requisito de acesso. “É um problema que mulheres e homens continuem colocando crianças no mundo para morar nas ruas, debaixo de pontes” — argumentou. A coordenadora do Bolsa Família, Ana Fonseca, rebateu: “E como se opera essa condicionalidade? Não há modo de aferir...”.

Lá se foram dezenove anos. Desde aquele verão de 2004, quatro presidentes estiveram no Planalto. Aumentou a pobreza e, também, a concentração da renda — refletida nas sucessivas apropriações do Orçamento público. Lula, Dilma

Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro não regulamentaram o programa de renda básica. E o Congresso nunca cobrou a omissão governamental.

No ano passado, o Supremo Tribunal Federal mandou acabar com a persistente "indiferença" do Executivo. Governo e Congresso responderam com aumento de 100 bilhões de reais no caixa da União, a partir de um "novo regime" de pagamento de dívidas judiciais (precatórios).

A pandemia estava sob controle, mas estenderam a "emergência econômica" ao ano de eleições gerais. Como justificativa, produziu-se a 114ª mudança na Constituição. Nela, além do calote nos precatórios, prevê-se uma "renda básica" aos pobres, em programa nacional, "observada a legislação fiscal e orçamentária".

Nesta semana aprovou-se gasto extra de bilhões de reais, de novo, para "colocar o pobre no Orçamento". Ninguém falou sobre renda básica permanente. A pobreza verde-amarela continua avançando — é o mais antigo e valorizado insumo da política nacional. ■